



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

**JOVENS DAS CLASSES POPULARES E
EXPERIÊNCIAS DO USO DA INTERNET
COMO RECURSO DE ESTUDO E APRENDIZAGEM**

KALLIANE SILVA LOPES

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação, da Universidade de Brasília (UnB), na área de pesquisa Educação, Tecnologias e Comunicação (ETEC), como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre, sob a orientação do Professor Doutor Carlos Alberto Lopes de Sousa.

BRASÍLIA -DF

2015

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

L864j Lopes, Kalliane
 Jovens das classes populares e experiências do
 uso da internet como recurso de estudo e
 aprendizagem / Kalliane Lopes; orientador Carlos
 Alberto Lopes de Sousa. -- Brasília, 2015.
 130 p.

 Dissertação (Mestrado - Mestrado em Educação) --
 Universidade de Brasília, 2015.

 1. Jovens de Classes Populares. 2. Internet. 3.
 Estudo. 4. Aprendizagem. 5. Experiência. I. Alberto
 Lopes de Sousa, Carlos, orient. II. Título.

FOLHA DE APROVAÇÃO

KALLIANE SILVA LOPES

**JOVENS DE CLASSES POPULARES E EXPERIÊNCIAS DO USO DA
INTERNET COMO RECURSO DE ESTUDO E APRENDIZAGEM**

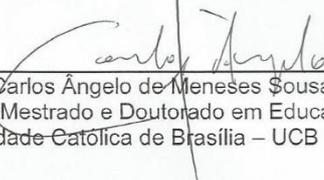
Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação, da Universidade de Brasília (UnB), na área de pesquisa Educação, Tecnologias e Comunicação (ETEC), como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre, sob a orientação do Professor Doutor Carlos Alberto Lopes de Sousa.

Apresentada em 25 de junho de 2015.

BANCA EXAMINADORA



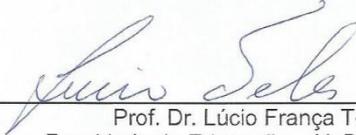
Prof. Dr. Carlos Alberto Lopes de Sousa
Presidente



Prof. Dr. Carlos Ângelo de Menezes Sousa
Programa de Mestrado e Doutorado em Educação
Universidade Católica de Brasília – UCB



Prof. Dr. Erlando da Silva Rêses
Faculdade de Educação- UnB



Prof. Dr. Lúcio França Teles
Faculdade de Educação – UnB (suplente)

“Não há democracia efetiva sem um verdadeiro poder crítico” (Pierre Bourdieu)

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, Pedro Lopes e Ângela Aparecida, pelos valores que me ensinaram.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador Prof. Dr. Carlos Alberto Lopes de Souza pelo apoio e confiança, além da compreensão dos momentos difíceis.

Agradeço ao programa de pós-graduação em Educação da Universidade de Brasília, na linha de pesquisa Educação, Tecnologias e Comunicação (ETEC) que possibilitou meu curso de mestrado.

Agradeço aos jovens que participaram da pesquisa, pelo respeito e disposição.

Agradeço a minha amiga de mestrado Beatriz Pinho, pela cumplicidade nessa jornada acadêmica.

Agradeço de forma especial a Rodrigo Resende, que esteve ao meu lado em momentos cruciais da elaboração da dissertação, sempre acreditando em mim.

Por fim agradeço aos meus pais, pela educação, simplicidade e generosidade. Os valores que aprendi em minha família foram essenciais para minha formação.

RESUMO

Este estudo tem como título: Jovens das classes populares e experiências do uso da internet como recurso de estudo e aprendizagem. O objetivo dessa dissertação é analisar as experiências de jovens do terceiro ano do ensino médio, de uma escola pública, localizada na região administrativa de Ceilândia-DF, com relação ao uso da internet para estudo, no contexto da desigualdade econômica, social e cultural. As questões norteadoras de pesquisa são: Quais são os usos que os jovens de classes populares do terceiro ano do ensino médio fazem da internet como recurso de estudo e aprendizagem? E como se apresenta a realidade sócio histórica destes sujeitos em face da desigualdade econômica e cultural? Utilizo como ponto de partida a abordagem de Castells (1999) e Sorj (2003) sobre a sociedade em rede atual. Em um segundo momento, utilizo: Bourdieu (1998) e Setton (2005) para trabalhar o conceito de Capital Cultural; Bondía (2002) e Benjamin (1986) sobre o conceito de experiência e Lahire (2002) sobre disposições culturais e trajetória. Faço uma abordagem dialética no sentido de trabalhar as contradições, relacionando os usos da internet às condições de vida no âmbito econômico e cultural desses jovens em questão. A pesquisa fez uso da aplicação de questionários junto a 108 jovens e da realização de entrevistas semiestruturadas com alguns destes. A partir da entrevista utilizo a análise crítica de discurso de Resende & Ramalho (2006) visando uma análise reflexiva. Os dados encontrados na pesquisa apontam que os jovens de classes populares utilizam a internet para estudo de forma intuitiva, não orientada. A realidade social, cultural e econômica marca o resultado dessa pesquisa a partir da percepção dos jovens enquanto sujeitos de uma classe popular que, na maioria das vezes percebem as diferenças apenas no aspecto econômico, embora estas também aconteçam através de disposições culturalmente construídas. Essas diferenças são notadas no uso da internet pelos jovens.

Palavras-chave: Jovens de classes populares. Internet. Estudo. Aprendizagem. Experiência.

ABSTRACT

This research is titled: Young of the popular classes and experience of using the internet as study and learning resource. The purpose of this dissertation is to analyze the experiences of young people of the third year of high school, a public school located in the administrative region of Ceilândia- DF, regarding the use of the internet to study in the context of economic inequality, social and cultural. The guiding research questions are: What are the uses to which the working class youth of the third year of high school make the internet as a study resource and learning? How is shown the reality's social-historical of these youths in the face of economic and cultural inequality? I use as a starting point the approach of Castells (1999) and Sorj (2003) on society in current network. In a second step, I use: Bourdieu (1998) and Setton (2005) to work the concept of cultural capital; Bondia (2002) and Benjamin (1986) on the concept of experience and Lahire (2002) on cultural and trajectory. I do a dialectical approach to work contradictions, listing the uses of the Internet to the living conditions in the economic and cultural context of these young people concerned. The research made use of the application of questionnaires to 108 young people and carrying out semi-structured interviews with some of these. For the interviews I use the critical analysis of speech Resende & Ramalho (2006) aimed at a reflective analysis. The findings in the survey show that the popular classes of young people use the internet to study intuitively, not oriented. The social, cultural and economic reality marks the result of this research from the perception of young people as subjects of a popular class that most often notice differences only in the economic aspect, although these also happen through culturally constructed provisions. These differences are noted in the use of the internet by young people.

Keywords: Young of the popular classes. Internet. Study. Learning. Experience.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01 - MAPA DO CONDOMÍNIO SOL NASCENTE	56
FIGURA 02 - IMAGEM DO CONDOMÍNIO SOL NASCENTE – FALTA DE PAVIMENTAÇÃO NAS RUAS DO LOCAL	56
FIGURA 03 - IMAGEM DO CONDOMÍNIO SOL NASCENTE – LIXO NAS RUAS DO LOCAL.....	57
FIGURA 04 - INFOGRÁFICO – JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO – ACESSO À INTERNET NO BRASIL	68
FIGURA 05 - REPRODUÇÃO DO SITE E-FARSAS.COM	75
FIGURA 06 - ANÚNCIO DE PROCESSO SELETIVO COMPARTILHADO NO FACEBOOK.....	94
FIGURA 07 - SIMULAÇÃO DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL NO FACEBOOK.....	95

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ADC – Análise de Discurso Crítica

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CEI – Campanha de erradicação de invasores

Cetic – Centro de estudos sobre as tecnologias da informação e da comunicação

CODEPLAN – Companhia de Planejamento do Distrito Federal

DF – Distrito Federal

ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio

ETEC – Educação, Tecnologias e Comunicação

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

PDAD – Pesquisa Distrital de Amostra de Domicílio

Pnad – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios

TICs – Tecnologias da Informação e Comunicação

UnB – Universidade de Brasília

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO - ESCOLHA DO TEMA E DO CAMPO	13
CAPÍTULO 1 - JOVENS E A TECNOLOGIA NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA	19
1.1 Pesquisas sobre o tema	19
1.2 Jovens e as mídias	22
1.3 A tecnologia na sociedade contemporânea	27
1.4 Uma análise sociológica das TICs	30
1.5 A internet como instrumento de experiência	37
1.5.1 Fatores que impedem a experiência	37
CAPÍTULO 2 - METODOLOGIA DA PESQUISA	41
2.1 Pesquisa qualitativa e técnicas de pesquisa	41
2.2 Procedimento de pesquisa: Análise de discurso crítica	43
2.3 Sujeitos e Locus da pesquisa.....	47
2.4 Eu, pesquisador	48
CAPÍTULO 3 - APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	50
EIXO 1 - Perfil socioeconômico e cultural	50
EIXO 2 - Experiência, internet, processo de estudo e aprendizagem	63
EIXO 3 - Modo de investimento pedagógico familiar, habitus familiar.....	79
EIXO 4 - Modo de investimento pedagógico escolar, habitus escolar.....	90
EIXO 5 - Vantagens e dificuldades do uso da internet	93
EIXO 6 - Contribuições para pesquisas futuras	100
CONSIDERAÇÕES FINAIS	104
REFERÊNCIAS	110
ANEXO 1 – QUESTIONÁRIO	116
ANEXO 2 – ROTEIRO DA ENTREVISTA	125
ANEXO 3 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	128
ANEXO 4 – PEDIDO DE AUTORIZAÇÃO NA REGIONAL DE ENSINO	130

INTRODUÇÃO

ESCOLHA DO TEMA E DO CAMPO

Em 2006, comecei a ter acesso à internet quando estava no segundo ano do ensino médio utilizando-a basicamente para pesquisas e trabalhos escolares em lan houses e na casa de amigos. Hoje, convivo diariamente com a internet, por meio dela tenho acesso a jornais informativos, vejo vídeos e faço parte de redes sociais. Grande parte das minhas atividades é executada em um computador on-line. Não me imagino sem utilizá-la.

Dessa forma, considero a internet como instrumento essencial não somente para comunicação e informação na sociedade atual, mas também como instrumento que possibilite uma experiência voltada para o ensino e aprendizagem.

Segundo a pesquisa do Centro de Estudos sobre as Tecnologias da Informação e da Comunicação (Cetic)¹ o acesso à internet chegou a 40% das residências brasileiras em 2012. O principal local de acesso é a própria residência dos usuários, representado por 74% dos entrevistados, a utilização em lan houses ficou em 19%. No estudo anterior, em 2011, esse percentual era de 27%. O levantamento do Cetic reforça a tendência à mobilidade, ou seja, o crescente aumento das tecnologias móveis em domicílio. Cada vez é maior o número de pessoas que acessam a internet pelo celular. O percentual desses usuários passou de 18%, em 2011, para 24%. Outro dado interessante é o aumento da frequência diária do uso da internet, passando de 53%, em 2008, para 69% em 2012. A partir desse contexto atual, pretendo analisar as experiências com relação à utilização da internet e como sua crescente disseminação possibilita uma reflexão sobre as modos de usos a favor do conhecimento.

Fiz minha graduação na Universidade de Brasília- UnB, em pedagogia e meu trabalho de conclusão de curso teve como título: O Capital Cultural das famílias e dos alunos das classes populares e estratégias de investimento para sucesso escolar. Com base nessa minha pesquisa constatei que todos jovens

¹ Cf. <http://www.ufjf.br/ladem/2013/06/28/acesso-a-internet-cresce-em-todo-o-brasil>. Acesso em 20 de abril de 2015.

entrevistados utilizavam a internet como recurso para estudos. A partir daí surgiu a necessidade de pesquisar o fenômeno de estudo e aprendizagem pela internet em classes populares. O mestrado dentro da linha de pesquisa: “Educação, Tecnologias e Comunicação” possibilitou ampliar meus estudos e conhecimentos.

A presente pesquisa pretende analisar as interações entre os jovens e a internet, considerando a utilização que os jovens de classes populares fazem, principalmente, fora da sala de aula, como recurso de estudo e aprendizagem. O estudo procura também analisar a dinâmica das novas tecnologias dentro do contexto das desigualdades sociais, econômicas e culturais. É contraditório que na era da sociedade da informação e comunicação ainda exista uma realidade em que necessidades básicas não são atendidas.

Pesquisas com relação às mídias e jovens ainda estão em fase de consolidação. Observei um crescimento expressivo de trabalhos nessa área, o que demonstra uma grande inquietação acadêmica, porém considero que falte aprofundar em uma perspectiva sociológica. As questões com base no caráter manipulador das mensagens e bens simbólicos anunciados pelas mídias continuam tendo grande destaque nos trabalhos na área de educação.

QUESTÕES NORTEADORAS:

- Quais são as experiências de uso da internet, como recurso de estudo e aprendizagem, que os jovens de classes populares do terceiro ano do ensino médio têm? O que pensam esses jovens sobre tais usos? Quais fatores condicionam, influenciam, as experiências de uso da internet como recurso de estudo e aprendizagem?

OBJETIVO GERAL:

- Analisar as experiências de jovens de classes populares, com referência à utilização da internet e as estratégias de investimento da família e da escola com relação ao seu uso, no contexto da desigualdade econômica e cultural.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Traçar o perfil sociocultural e econômico de estudantes de classes populares no terceiro ano do ensino médio com relação à utilização da internet.
- Identificar as experiências dos estudantes com relação ao uso da internet como recurso de estudo e de aprendizagem
- Identificar, a partir da visão dos estudantes, os modos de investimentos pedagógicos da família e da escola quanto ao acesso ao computador e internet como um recurso de estudo e aprendizagem.
- Analisar criticamente os usos em potencial da internet, seus desafios e limites enquanto recursos de estudo e aprendizagem pelos jovens.

A ideia central desta pesquisa é analisar e compreender o fenômeno das experiências de estudo e aprendizagem dos jovens com relação a internet. Não é apontar causas definidas, motivos para tais situações. Dessa forma, utiliza-se a perspectiva teórica de Bourdieu, buscando uma complementação da análise em um âmbito macrossocial.

O autor utiliza a chamada “sociologia disposicional”. Esta sociologia estuda a incorporação de disposições, por meio de processos de socialização primária e secundária. Investiga como essas disposições influenciam nas ações dos sujeitos e em suas formas de perceber a organização social.

Para Bourdieu o indivíduo é constituído através da internalização de experiências, valores e gostos da classe em que foi socializado. Dessa forma os indivíduos de uma mesma classe estão marcados pelo habitus, tendo assim trajetórias homogêneas entre si. O habitus para Bourdieu diz respeito a incorporação de estruturas objetivas, a formação do indivíduo a partir da internalização de comportamentos e visões da classe em que este foi socializado.

Já a perspectiva sociológica de Lahire pretende investigar a pluralidade de experiências socializadoras. Segundo Nogueira (2013, p.15) “Um indivíduo não seria normalmente um representante de um único grupo ou posição social, mas o produto de experiências vividas em múltiplos cenários e suas ações,

realizadas em diferentes contextos, refletiria a complexidade e muitas vezes a incoerência ou mesmo a contradição interna de seu patrimônio incorporado.”

A questão das experiências de socialização trabalhada nessa pesquisa tem influência de um contexto externo, em que os sujeitos se submetem. São construídas pelos atores envolvidos. As experiências de vida de um sujeito são relacionadas a diversos aspectos de sua posição social.

O autor Nogueira (2013) identifica uma característica de continuidade das ideias dos autores de Bourdieu por Lahire. A ideia de ator social de Lahire é bastante parecida com a de Bourdieu. Nas duas concepções o ator social é constituído por meio de processos de socialização, adquirindo uma bagagem que orienta suas ações. Já Lahire (2002) enfatiza a diversidade de experiências de socialização que um ator social é submetido, as realidades individuais são sociais e socialmente produzidas. Investiga o indivíduo como objeto principal de suas análises, buscando explicitar as especificidades da realidade individual.

A partir das condições de vida semelhantes é adotado neste trabalho o conceito de classe social. O conceito de Classe social do sociólogo Pierre Bourdieu faz distinção entre Classe social teórica e classe social concreta. A Classe social teórica está relacionada às disponibilidades que os grupos têm das formas de poder (capital econômico, capital social e o capital cultura), ou seja, as classes são grupos que ocupam posições próximas no espaço social. A classe social concreta têm características comuns, que são percebidas, como: local de moradia, práticas culturais e estilos de vida.

A obra de Bourdieu é associada à obra de Marx quanto utiliza o conceito de capital e quando aborda os mecanismos utilizados pela classe dominante para garantir sua legitimação. Porém uma grande diferença entre os pensadores é referente ao capital econômico. Para Marx a estrutura social se resume à relação capital/trabalho, ou seja, ao nível econômico. Para ele as dimensões culturais e sociais decorrem do aspecto econômico de uma classe. Já para Bourdieu os aspectos sociais e culturais são fontes independentes de poder que tem relações com o Capital Cultura e Social.

Jessé Souza utiliza o conceito de classe social próximo ao de Bourdieu. Para Souza (2010) deve-se compreender as mudanças e efeitos da nova fase do capitalismo mundial para analisar a questão de classe social no Brasil. Nas visões liberais e marxistas os aspectos econômicos são claramente percebidos na formação das classes, o que não é levado em consideração nas duas visões são as transferências de valores imaterias, ou seja, culturais, como atitudes, valores e comportamentos na representação e reprodução das classes sociais.

O filho ou filha da classe média se acostuma, desde tenra idade, a ver o pai lendo jornal, a mãe lendo um romance, o tio falando inglês fluente, o irmão mais velho ensinando os segredos do computador brincando com jogos. O processo de identificação afetiva- imitar aquilo ou a quem se ama- se dá de modo “natural” e pré- reflexivo, sem a mediação da consciência, como quem respira ou anda, e é isso que o torna tanto invisível quanto extremamente eficaz como legitimação de privilégio. Apesar de invisível, esse processo de identificação emocional e emotiva já envolve uma extraordinária vantagem na competição social, seja na escola, seja no mercado de trabalho, em relações às classes desfavorecidas. (SOUZA, 2010, p.24)

Percebe-se que para Jesse Souza (2010) os conceitos de classe social marxista e liberal são insuficientes para compreensão da realidade social atual. Já o conceito de classe social em Bourdieu avança no entendimento da função cultural. “As classes sociais não podem ser definidas apenas pela renda e pelo padrão de consumo, mas antes de tudo, por um estilo de vida e uma visão de mundo prática, que se torna corpo e mero reflexo, mera disposição para o comportamento, que é em grande medida pré-reflexivo ou inconsciente.” (SOUZA, 2010, p.26)

METODOLOGIA

A metodologia deste trabalho está amparada numa abordagem qualitativa visando compreender a realidade concreta, partindo do particular para o geral, ou seja, da compreensão e análise das experiências midiáticas expressas por estudantes do ensino médio de uma escola pública localizada em uma região administrativa do Distrito Federal, protagonistas desta pesquisa, que são mediados numa estrutura formal de sociedade.

Como instrumentos de pesquisa utilizo o questionário e a entrevista semiestruturada. O questionário aplicado aos alunos e a entrevista semiestruturada realizada com alguns alunos selecionados entre os que participaram dos questionários.

Adoto a abordagem dialética no sentido de trabalhar as contradições, relacionando os usos da internet às condições de vida no âmbito econômico, cultural e social de jovens de classes populares. Dessa forma, utilizo a análise crítica de discurso visando uma pesquisa reflexiva, não se limitando apenas a uma descrição simples dos fatos e fenômenos.

ESTRUTURA E ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO

O presente trabalho está estruturado em três capítulos. O primeiro capítulo procura traçar uma análise das tecnologias na sociedade em rede contemporânea, utilizo Castells (1999) e Sorj (2003). Ainda no primeiro capítulo, em uma subdivisão, abordo a utilização da internet em uma perspectiva sociológica, trazendo os seguintes autores para discussão: Setton (2005), Bourdieu (1998), Lahire (2002) e Bondía (2002). No segundo capítulo, utilizo na metodologia uma abordagem dialética baseada nas autoras Resende & Ramalho (2006), na análise de discurso crítica. O terceiro capítulo é dedicado ao estudo empírico, por meio da análise dos dados e experiências vivenciadas.

CAPÍTULO 1- JOVENS E A TECNOLOGIA NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

1.1 PESQUISAS SOBRE O TEMA

As pesquisas sobre jovens mídias nas áreas da Educação, Ciências Sociais e Serviço Social ainda estão em fase de consolidação. As pesquisas que compõem esse capítulo foram encontradas a partir do banco de dados da CAPES. Foram localizadas na busca avançada do site, através das palavras chaves: internet, jovens, aprendizagem e experiência. Foram encontrados quatro trabalhos relevantes sobre esse tema, são eles: a dissertação de título: Os jovens e a cultura das mídias no ambiente escolar- encontros e desencontros da autora Edneide Arruda Pereira (2011), a dissertação de mestrado: Jovens e estratégias de apropriação dos espaços urbano e virtual da autora Cláudia Valente Cavalcante (2010), a dissertação de mestrado: A internet na construção do conhecimento: a importância das mediações, do autor Carlos Eduardo Duarte Peinado (2007) e a dissertação de mestrado: Escola, televisão e internet na modernidade reflexiva: Um estudo sobre a estruturação social a partir dos jovens, da autora Ana Paula Silva (2011).

A dissertação “Os Jovens e a cultura das mídias no ambiente escolar-encontros e desencontros” da autora Edneide Arruda Pereira (2011) teve como principal objetivo compreender como a cultura das mídias vivenciadas por estudantes de Ensino Médio de uma escola pública se expressam no ambiente escolar. Os objetivos específicos foram: caracterizar os jovens e a cultura das mídias no contexto atual; levantar traços da cultura das mídias no repertório dos estudantes e analisar a leitura que estudantes jovens fazem da mídia. A autora destaca que as suas experiências com relação às mídias, na condição de profissional, de espectadora e consumidora e o contato que teve, ao longo do mestrado, com produções no campo da comunicação e educação foram fatos que influenciaram na investigação e nos resultados da pesquisa.

A autora guiada pelo objetivo central de buscar compreender como traços da cultura das mídias vivenciadas por estudantes do ensino médio de uma escola pública se expressam no ambiente escolar conseguiu definir um perfil sociocultural e midiático dos sujeitos pesquisados e chegou a seguinte

conclusão: Os jovens pesquisados não são somente sujeitos culturalmente homogeneizados pela mídia, são também sujeitos críticos. Dessa forma, Pereira (2011) afirma a necessidade de pesquisadores da educação e da comunicação irem em busca de mais conhecimento sobre a presença das mídias na vida dos indivíduos, sempre levando em conta a bagagem de mundo e de vida dos sujeitos ativos e críticos.

A dissertação “Jovens e estratégias de apropriação dos espaços urbano e virtual” da autora Cláudia Valente Cavalcante (2010) mostra como jovens de classes populares lidam com a comunidade virtual Jardim Novo Mundo e quais estratégias educativas e sociais utilizam para inserção no mundo digital e no real. Jardim Novo Mundo é um bairro localizado na região leste de Goiânia, uma região com condições precárias de trabalho. O problema desta pesquisa é como os jovens utilizam estrategicamente a comunidade virtual para elevarem os seus capitais tanto cultural como social? Em que medida essas estratégias podem ser consideradas estratégias educativas e sociais? O objetivo geral da pesquisa foi investigar os jovens e os novos espaços de formação e sociabilidade em rede.

A pesquisadora conclui que o processo de apropriação das tecnologias de informação e comunicação por jovens de classes populares exige maneiras diferentes de lidar com os saberes. As representações sobre a juventude são expressões de diversas formas e esses jovens criam estratégias educativas no mundo virtual para aquisição de capitais cultural, social e simbólico. Aprendem a lidar com objetivos tecnológicos e se manterem inseridos no mundo social com características próprias de uso e compreensão.

A dissertação “A internet na construção do conhecimento: a importância das mediações” de Carlos Eduardo Duarte Peinado (2007) aborda sobre o aperfeiçoamento de procedimentos de ensino e aprendizagem dentro do conceito de comunicação de Paulo Freire. O estudo parte da análise da comunicação como campo de conhecimento. A pesquisa buscou analisar a inserção da internet no dia-a-dia de estudantes de um curso de administração, como ferramenta de estudos e pesquisas acadêmicas. As perguntas da

pesquisa são: Os computadores estão contribuindo para a aprendizagem? Qual a importância dessa nova tecnologia na sala de aula?

Os resultados da pesquisa expressam uma preocupação dos alunos com a qualidade do que é pesquisado na internet e a forma como organizam seus trabalhos de pesquisa. A internet é considerada como o principal meio utilizado pelos alunos em suas pesquisas acadêmicas pela facilidade de conseguir informação. O autor conclui que o modelo de pesquisa realizada via internet reproduz o mesmo modelo antigo de pesquisa via enciclopédia, onde o aluno seleciona um assunto, cria um resumo e entrega ao professor como “trabalho pronto”. O autor critica essa prática, pois, segundo ele, o ensino tem que priorizar a reflexão, a análise e o entendimento. O ensino implica o entendimento e não a memorização mecânica, e o entendimento depende da qualidade da mediação feita pelo professor.

A pesquisa confirma a importância da mediação professor/conteúdo/aluno e da internet como ferramenta facilitadora. Mas que precisa ser constantemente avaliada de forma crítica por professores e alunos. O professor deve se empenhar em motivar seus alunos de tal forma que a pesquisa seja incorporada ao ensino.

A dissertação de mestrado: Escola, televisão e internet na modernidade reflexiva: Um estudo sobre a estruturação social a partir dos jovens, da autora Ana Paula Silva (2011) buscou discutir, a partir do ponto de vista dos jovens entrevistados, os usos e sentidos atribuídos às mídias. A autora parte do lugar social dos jovens para analisar as relações que estes têm com a internet. Objetiva identificar e comparar os usos, feitos pelos jovens estudantes, oriundos de diferentes universos sócio-culturais, dos meios tecnológicos de informação: televisão e internet.

A pesquisadora conclui que a estruturação social é o ponto de partida, com base nele as múltiplas práticas que podem ser geradas na relação com o campo, serão portadoras de uma visão de mundo social apreendida na atividade simbólica elaborada diante das distribuições e propriedades inerentes a este mundo. A autora percebeu que a família, a religião e a escola têm um lugar central na percepção do mundo social.

Nesse sentido busco desvelar experiências e disposições culturais com relação aos usos da internet. Meu estudo procura contribuir para construção de um olhar mais equilibrado que seja capaz de observar as condições e propósitos de utilização da internet como recurso cultural ou suporte material nas várias classes sociais. A internet pode ser concebida como um espaço de autonomia e reflexividade, já que provoca estímulos e motivação criativa nos jovens.

1.2 JOVENS E AS MÍDIAS

Castells (2003) mostra que a internet surgiu nos Estados Unidos na década de 60, durante a Guerra Fria. Criada com objetivo militar, a internet possibilitou uma forma de comunicação em rede entre os militares americanos, no caso de ataques inimigos que destruíssem seus meios comuns de comunicação. Com uma rede descentralizada, as bases de dados não seriam violadas e o exército americano não seria atingido. A rede criada tinha o nome de ARPANET e objetivava a segurança da informação.

Na década de 1990, algumas universidades mostraram interesse pela rede. Neste momento a internet passa a ter o domínio dos civis e a partir disso, as transformações são constantes. Hoje a internet é um meio de comunicação global e faz parte do cotidiano das pessoas. Castells (2003) aponta que os usuários da internet são fundamentais para seu desenvolvimento, pois é através do uso que surgem novas possibilidades, adaptando aos contextos e necessidades de cada período. Ou seja, a internet é uma criação social.

Lévy (1996) compreende a internet como um objeto comum, dinâmico, construído, ou pelo menos alimentado, por todos que a utilizam. Os objetos permitem ao homem fazer uma ligação do mundo físico com os aspectos íntimos de sua subjetividade.

No presente trabalho será dada ênfase nos aspectos ligados ao uso e apropriações da internet por jovens entre 15 a 21 anos, estudantes do ensino médio de escola pública. O jovem brasileiro ainda não é encarado como um sujeito de direitos, muitas escolas não consideram o jovem como um sujeito capaz de emitir opinião e interferir em propostas educativas. Salem (1986)

aponta que a juventude é compreendida como uma etapa de transitoriedade, é um vir a ser do aluno.

Ao desenvolver um trabalho com jovens precisamos analisar esses modelos socialmente constituídos, pois corremos o risco de observar os jovens de forma negativa, colocando em evidência características que lhes faltariam para corresponder a um determinado padrão. Analisando dessa forma reducionista podemos não compreender como os jovens de classes populares constroem suas experiências.

Bourdieu (1983) questiona o conceito de juventude ao afirma que as divisões por idades limitam as noções do ser jovem e ser velho. Não há como se afirmar em que momento começa a juventude e quando se começa a velhice, por exemplo. Os conceitos de juventude e velhice são constituídos socialmente e criados para “impor limites e produzir uma ordem social onde cada um deve se manter em seu lugar” (BOURDIEU, 1983, p. 113). Ou seja, a juventude não é um período, uma faixa etária.

A juventude é um momento determinado, mas não é apenas uma passagem. Esse processo é influenciado pelo meio social no qual se desenvolve e pela qualidade das trocas, das experiências. Dessa forma, não existe um único modelo de ser jovem! Por esse motivo cada escola deve buscar verificar o perfil de seus jovens e construir com eles projetos interventivos.

A concepção de jovem que busco nesse trabalho é de um sujeito social e histórico que se constitui do contexto em que está inserido e, dialeticamente, também o constrói. Dessa forma, sujeitos que se constituem ao longo de processos históricos não são resultados de contextos socioeconômicos, mas que se relacionam com esses contextos de forma dialética, constituindo subjetividades que alteram a realidade social. Essa visão permite compreender os jovens como sujeitos de sua história e têm suas identidades constituídas nas experiências sociais contemporâneas.

Os jovens da sociedade atual vivem a experiência, desde cedo, de poder lidar com as mídias. Fazem parte de uma classe social que são parte da cultura

e que também produzem cultura. Os meios de comunicação desses jovens fazem parte da vida deles, tomam seu cotidiano, porém as tecnologias também geram grande distanciamento entre as pessoas que tem acesso a elas e as que não têm. Percebe-se é que os jovens e crianças da geração atual continuam indo à escola, mas carregam práticas de leitura e escrita, saberes e comportamentos diferenciados que atingem as relações escolares.

Barbero (2002) relata que a mudança cultural no comportamento dos jovens é resultado dessa nova geração ter nascido e sido criada sob o signo da informação e da comunicação. Destaca que, com o surgimento da televisão, muitos comportamentos que eram escondidos das crianças e adolescentes são revelados. Martín Barbero constata uma sensibilidade desligada das formas de cultura mais convencionais e ligada à cultura tecnológica. Dessa forma, a escola não é o único lugar de transmissão de saberes.

Barbero (2002) afirma ainda que habitamos um novo espaço comunicacional, onde se criam novos modos de estar juntos, a ponto de espaços virtuais e experiências tecnológicas substituírem a experiência pessoal e social. Há uma variedade de saberes que circulam em inúmeros canais e lugares. Não são saberes organizados, mas que influenciam o saber sistematizado do ambiente escolar.

As mídias como a internet, os computadores, a televisão, os vídeos e os videogames são formas de ver a realidade pelo virtual, a distância. É muito mais comum hoje crianças serem alfabetizarem virtualmente e só depois pela palavra. Segundo Sartori (2001) atualmente o conhecimento é feito quase sempre em função das imagens, os alunos se cansam quando precisam ler, fazer exercícios, discutir e participar de aulas. Percebe-se, assim, que a televisão criou um homem que não lê e a internet criou um homem que se comunica de forma rápida e sucinta. Sartori (2001) destaca que os educadores devem aprender a fazer uma ligação positiva entre o visual e o simbólico, o visual e a palavra, e ajudar as crianças a aprender a pensar sobre e com as mídias.

As mídias trabalham com estratégias de construção de um modo de ser jovem, de uma cultura juvenil, que vão desde a indução ao consumo, à cultura do corpo, aos movimentos da periferia que buscam identidade própria e à rebeldia a modelos padronizados de vida adulta. São algumas características das mídias: a divisão entre o real e a representação, a homogeneização cultural e a indução ao consumo. Um grande risco que as mídias pode gerar é o aumento do isolamento físico entre as pessoas. Cada vez mais as pessoas estão conectadas com mundo virtual e desconectadas do mundo real.

Devido aos grandes atrativos que a rede propõe, as pessoas estão passando mais tempo na frente do computador. Essa forma de se relacionar com a internet exige reflexão e discussão quanto a socialização das pessoas. Alguns autores afirmam que o uso excessivo de computadores pode causar isolamento social. Nie e Lutz (2000) apontam que a internet é a grande causadora do isolamento social nos Estados Unidos, dizem: “Quanto mais tempo as pessoas passam na internet, menos tempo gastam com seres humanos de carne e osso.” Percebe-se que estar conectado na internet deixou de ser uma atividade ligada ao trabalho e estudo e está se tornando um hábito. Dessa forma, ela vem ocupando cada vez mais o tempo destinado ao lazer e ao convívio social.

Castells (1999) também observa o impacto que as mudanças de comportamento trazem para nossa cultura. Um deles é o fato de uma pessoa se sentir mais a vontade mandando um e-mail anônimo do que conversar pessoalmente com outra pessoa. Percebe-se, na sociedade atual, que as pessoas estão deixando a comunicação verbal. É nocivo o uso excessivo das novas tecnologias, fato que gera o afastamento social, onde o virtual toma o lugar do real e o computador toma lugar da presença física.

Assim, é preciso trabalhar com as mídias para formação e desenvolvimento da capacidade simbólica do ser humano, de sua capacidade de abstração e compreensão. Os professores precisam conhecer a cultura jovem para estabelecer relações educativas mais significativas. A cultura jovem é compreendida como o conjunto de representações, hábitos, comportamentos e significados compartilhados pelos jovens que distinguem e orientam suas

relações com os outros. Essa cultura tem algumas características que considero essenciais como: o jovem ter uma forte relação com a comunicação e informação na busca da construção da sua identidade. Outra característica importante é o jovem multitarefa, que executa duas ou mais coisas ao mesmo tempo e onde a atenção é prendida por pouco tempo.

Deve-se observar como a cultura jovem se manifesta no ambiente escolar e como as práticas e condutas dos jovens afetam o aprendizado na escola. O desafio do educador é compreender a relação do jovem com o saber. Para isso, é preciso conhecer suas experiências, seus modos de vida cotidiana e como pensam. Mas, sobretudo, é preciso saber como ensinar, levando em conta essas condições, pois a cultura jovem é um elemento de aprendizagem e deve ser integrante do currículo e da metodologia do ensino. O papel dos educadores é orientar, formular objetivos, fornecer ideias viáveis para melhor relação entre conhecimento, jovens e mídias.

Sousa (2003) acredita que a escola deve ter o papel de mediadora, negociadora e interlocutora crítica. Assim, a comunidade escolar deve repensar os objetivos da escola e as práticas de ensino com base nas novas tecnologias. Educar na escola significa promover meios de compreender o mundo, a realidade de transformá-la. Não basta estudar e compreender os meios em si, as mídias, mas como os jovens interagem com esses meios.

Um dos erros que todo educador deve evitar é o uso indiscriminado da tecnologia por si e em si mesma. O fato de uma escola ter computadores conectados à internet não garante melhoria de qualidade no processo de ensino e aprendizagem. Uma grande transformação necessária é a integração das TICs aos processos educacionais. A escola deve estar em harmonia com as demandas geradas pelas mudanças sociais típicas da sociedade contemporânea. Assim, nós professores, devemos conhecer os modos como os próprios jovens se apropriam destas TICs e as integram em seu cotidiano. Fato que exige muitas mudanças nos modos de ensinar e formar professores.

1.3 A TECNOLOGIA NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

Para investigar a utilização da internet por jovens de classes populares é essencial à compreensão da presença das tecnologias na sociedade como um todo. Procura-se, assim, fazer uma apreciação sociológica visando uma análise sociocultural dos condicionantes dos sujeitos estudados.

A geração juvenil atual convive em uma sociedade marcada pela velocidade de acesso à informações, pela grande quantidade de conteúdos disponíveis na rede e pelas diferentes formas de comunicação. São utilizadas diversas denominações, diferentes termos, para a sociedade contemporânea, como: sociedade do conhecimento, sociedade da informação, sociedade em rede, revolução tecnológica, entre outros. Esses diferentes termos demonstram os diferentes entendimentos com relação à tecnologia no contexto atual.

Tomando como ponto de partida as ideias de Castells (1999) a sociedade atual é denominada como sociedade informacional ou em rede. De acordo com esse autor toda sociedade é sociedade da informação, dessa forma, o que caracteriza a sociedade atual é como a informação se configura, se estrutura. A estrutura social determina as características da sociedade tecnológica atual, ou melhor, a sociedade modifica a tecnologia, como também é modificada por ela. “A sociedade não pode ser entendida ou representada em suas ferramentas tecnológicas. A tecnologia não determina a sociedade: incorpora-a. Mas a sociedade também não determina a inovação tecnológica: utiliza-a.” (CASTELLS, 1999, p.43).

Sobre o conceito de “Sociedade da informação”, Sorj (2003) destaca que em todas as sociedades a informação é relevante e que a informação por si mesma não tem algum valor, sua importância depende de sua capacidade de se transformar em conhecimento. O termo “Sociedade do conhecimento” também não seria adequado, pois toda sociedade está pautada no conhecimento. Assim, o referido autor denomina a sociedade atual como a “Sociedade capitalista de produção de bens tecnológicos”, isto é, sociedade onde a comunicação, a qualidade de vida, relações econômicas, culturais e sociais são mediadas pelas TICs.

Nesta mesma linha de pensamento, Castells (1999) compreende a informação como centralidade da sociedade atual. O uso das TICs compõe as condições sociais, culturais e históricas e o modo de produção capitalista. As TICs não são simples ferramentas a serem aplicadas, como também exprimem valores e visões de grupos sociais que estão dentro de um contexto de exclusão e controle.

O capitalismo evoluiu e as formas de manutenção e controle também. A internet diminui as distâncias, onde informações podem ser acessadas a qualquer momento e em qualquer parte do mundo, fato que facilita a comunicação e dá a ilusão de que estamos dominando informações e conhecimentos. Porém devemos nos perguntar: Que informação é veiculada pela internet? Quem são os emissores dessas informações? O que pretendem? O domínio de determinadas tecnologias e informações diferenciam os sujeitos na busca de poder e dominação?

A utilização da internet, no contexto atual, é essencial. Segundo Sorj (2003) o acesso e utilização da internet passaram a ser uma condição de integração social, e não apenas uma questão de distinção social, status. Um exemplo é a utilização do e-mail, principal responsável pela utilização da internet. “Possuir um endereço e-mail equivale a possuir um endereço de moradia (um local onde a pessoa “pode ser localizada”). No futuro, mas já em parte no presente, a falta de um endereço e-mail condena as pessoas ao isolamento social. Cada vez mais possuir um endereço na Internet será condição de cidadania.” (SORJ, 2003, p.42).

Hoje se percebe que a fugacidade das tecnologias é mais veloz do que se imaginava. O e-mail já não tem o mesmo status como tinha há alguns anos. As tecnologias são transitórias, pois novas tecnologias vão surgindo e ganhando mais espaços na sociedade.

As novas tecnologias se incorporam primeiro em setores mais desenvolvidos da sociedade e só depois o restante da população tem acesso a esses bens. Sorj (2003) considera que a renda é apenas um aspecto da desigualdade social, só uma dimensão, sendo outra dimensão a desigual distribuição de bens e serviços públicos. Ou seja, uma desigualdade é base

para manutenção de outra desigualdade, por exemplo: sujeitos que vivem nas grandes periferias do Brasil têm dificuldades de conseguir emprego, e quando conseguem são subempregos com baixa remuneração, assim as crianças são retiradas das escolas para trabalharem. A baixa renda é devido à falta de estudos formais, que limita a possibilidade de empregos bem remunerados.

Castells (1999) destaca que a internet transformou o modo de estabelecer o ato comunicativo, sendo um de seus riscos a maior desigualdade social daqueles que não conseguem ter acesso a ela, concebendo uma exclusão social por meio da exclusão digital. Quando surge um novo patamar civilizatório, surgem também outras formas de desigualdade, desigualdades que são múltiplas e combinadas.

Cada inovação tecnológica relevante nos produtos de consumos modifica a percepção de inclusão/exclusão social em função da possibilidade de acesso aos novos produtos. Redefine-se, assim, o universo de bens e serviços que exigem algum tipo de intervenção estatal. Noutras palavras, a pobreza e, portanto, a luta contra ela, é dinâmica e exige constantes esforços de readaptação dos instrumentos de políticas sociais às cambiantes condições do mundo atual. (SORJ, 2003, p.31)

Analisando a ideia, um analfabeto digital é excluído socialmente e culturalmente, fato que influencia em sua inserção no sistema produtivo. Temos uma grande parte da população que não tem acesso à internet, e que, mesmo tendo acesso, não realiza uma leitura crítica das informações veiculadas por esse meio. Situação que provoca mais desigualdades e exclusões sociais.

Com relação à utilização da internet há dois discursos antagônicos. Um deles concebe a tecnologia como algo ruim, mecânico, que provoca isolamento. De outro lado há autores que defendem o lado bom das TICs que possibilita a melhoria da qualidade de ensino. Trabalhar com as TICs na educação pode permitir uma maior dinamicidade das informações, facilitar a comunicação e aproximar pessoas. Dessa forma, adoto Castells (1999) porque ele tem uma visão crítica, considerando que o uso de novas tecnologias compõe as condições sociais, culturais e históricas e o próprio modo de produção capitalista. Em sua concepção sociotécnica o uso das TIC é marcado pelo contexto. O autor afirma que há uma enorme diferença dos usos da

internet em contextos diferentes, ou seja, o contexto interfere, mas não determina.

Nesse sentido, nem tudo está perdido: a integração das TICs, em especial da internet, deve ocasionar mudanças nos modos de ensinar e formar professores e assim a internet deve ser objeto de estudo e ferramenta educativa. Considerar essas duas funções é essencial para uma prática educativa reflexiva e transformadora. O computador por si só não é suficiente para tal reflexão. É considerado educacional quando é parte de um conjunto de estratégias e investimentos da escola, da família e da comunidade objetivando uma aprendizagem reflexiva e significativa.

A introdução dos computadores como instrumentos de ensino deve ser precedida pela formação do corpo docente não só em questões puramente operacionais mas também na compreensão de um problema mais amplo, dentro do qual o computador e a Internet são instrumentos e não um fim, como um apoio à pesquisa e à capacidade de elaborar problemas no lugar de respostas. (SORJ, 2003, p. 47-48)

Os próprios usuários da internet contribuem para evolução de seus usos por meio da interação entre usuários produtores e consumidores. As tecnologias da informação e comunicação transformam a forma de aprender. Facilitam experiências de aprendizagem complexas e cooperativas entre jovens. É por meio da internet que os jovens adquirem informação e informam. Com o surgimento de novas tecnologias, é preciso adquirir novos conhecimentos e novas formas de uso sociais. Sendo assim, o potencial comunicativo da Internet precisa ser explorado, no sentido de fortalecer uma prática pedagógica dialogada, que negocia sentidos, que escuta e dá voz aos atores envolvidos no processo, criando oportunidades para o trabalho em rede interativo e para o desenvolvimento da capacidade de cooperar, aprender, acessar e produzir conhecimento.

1.4 UMA ANÁLISE SOCIOLÓGICA DAS TICS

As tecnologias da informação e comunicação estão cada vez mais presentes na vida dos jovens em virtude das necessidades criadas pelo mercado e pelas demandas sociais, em um contexto assinalado pela massificação do acesso. Dessa forma, é necessário analisar a cultura das

mídias, em especial a internet, e seus efeitos no modo de pensar, agir e de se relacionar dos jovens. A proposta do trabalho é ampliar conhecimentos sobre as práticas e experiências de jovens de classes populares com relação ao uso da internet, levando em consideração as disposições culturais da realidade dos sujeitos da pesquisa.

Pretende-se analisar as disposições culturais com relação o acesso e utilização da internet por jovens de classes populares, desvelando o perfil sociocultural desses estudantes. Assim, no referencial teórico, utiliza-se em destaque: Bourdieu (1996), Setton (2005) e Lahire (2002).

O conceito de Capital Cultural formalizado por Bourdieu e Passeron, em 1964, é essencial para o entendimento das relações de dominação presentes na estrutura social. Bourdieu (1996) percebe a sociedade dividida em classes, onde uma classe domina a outra classe. A classe social que está no poder, que domina, legitima sua cultura, sendo esta cultura difundida a todos como a cultura correta. O valor que é atribuído a essa cultura, pelas classes dominantes, faz dela cultura válida.

Para Bourdieu (1996) a cultura era uma forma de dominação simbólica e também um instrumento de luta. A definição de Cultura está relacionada a gostos, estilos, valores e experiências, que derivam de diferentes grupos, assim, os caracterizando. A desigual distribuição de Capital Cultural revela a dominação de um grupo sobre outro. Mantendo, assim, de forma estratégica uma legitimação da cultura dominante.

A cultura aparece como um bem que pode sancionar a condição de herdeiros, uma vez que o acesso à cultura e a aquisição desta entre os grupos sociais distintos conferem aos mais privilegiados um poder real e simbólico que os habilita a apresentar não somente os melhores desempenhos escolares, como também uma relação de naturalidade e de intimidade com as práticas sociais e culturais mais valorizadas socialmente (SETTON, 2005, p. 80-81).

Segundo Bourdieu (1996) Capital Cultural é um novo tipo de capital, um novo recurso social, fonte de distinção e poder em que a posse desse recurso é privilégio de poucos. Para o Sociólogo o Capital Cultural pode existir de três formas: incorporado, objetivado e institucionalizado.

O Capital Cultural no estado incorporado relaciona-se às experiências culturais adquiridas na socialização do ambiente familiar. A família é responsável pela transmissão deste capital. Em um segundo momento a escola socializa os indivíduos reforçando privilégios a determinada classe e reproduzindo a divisão social de forma aparentemente neutra.

O Capital Cultural objetivado tem suporte em bens materiais, como pinturas, esculturas, livros, exposições culturais e cinema. Para assimilação do estado objetivado é preciso o estado incorporado, ou seja, é preciso de uma apropriação simbólica anterior, de uma socialização familiar que crie possibilidades para o acesso material do estado objetivado.

O Capital Cultural institucionalizado é aquele socialmente estabelecido pelas instituições como no caso dos títulos e diplomas. O diploma dá ao seu portador um certificado de competência cultural, conferindo a ele um valor convencional, sendo também um produto de conversão entre capital econômico em cultural.

Ainda para Bourdieu (1998), a dinâmica da família é processada da seguinte forma: “cada família transmite a seus filhos, mais por vias indiretas que diretas, um certo capital cultural e um certo *ethos*, sistema de valores implícitos profundamente interiorizados” (BOURDIEU, 1998, p.41). Já segundo Setton (2005), existem dois tipos de aprendizado, ou seja, duas formas de adquirir cultura: uma no ambiente familiar e o adquirido fora da família, em instituições de ensino ou em esferas informais de educação. Capital Cultural pode ser promovido pela família, pela escola e pelas mídias. A posse de Capital Cultural pode derivar de diversos investimentos e ser uma estratégia para adquirir bens de cultura, como diplomas, visitação de museus, leitura de jornais e utilização da internet.

Capital Cultural é um elemento da heranç a familiar que tem influência no sucesso escolar, pois facilita a aprendizagem e assimilação dos conteúdos trabalhados na escola. Por exemplo, um aluno que viaja para outros países e aprende outras línguas poderá ter maior facilidade na aprendizagem de conteúdos relacionados a geografia, como interpretação de mapas. O sistema escolar valoriza as experiências culturais da classe dominante. A escola passa

a considerar comuns essas experiências, excluindo naturalmente os que não possuem tais experiências culturais. Percebe-se a relação entre o capital objetivado e o incorporado quando o ambiente escolar privilegia a trajetória escolar de alunos com um certo tipo de Capital Cultural.

Um conhecimento, um capital não escolar, um recurso mais amplo, pulverizado, heterogêneo, não obstante, um recurso que predispõe e potencializa o indivíduo a enfrentar novos desafios e a vencer os limites de uma experiência estreita relativa a um universo familiar e escolar. É possível assim pensar um capital cultural com outra significação, um capital cultural dos desfavorecidos apreendido informalmente em heterogêneas experiências, em vários espaços do convívio social, notadamente no contato com informações disponibilizadas pelos meios de comunicação de massa. (SETTON, 2005, p. 97).

A posse de Capital Cultural permite o acesso a percursos escolares distintos. Bourdieu (1998) aponta como a escola valoriza saberes da classe dominante, assim estudantes com a origem social mais favorecida são beneficiados pela cultura escolar. Compreende-se que a cultura é apresentada como uma outra forma de poder, que se diferencia das demais e também se relaciona com elas. Setton (2005) destaca que não existe apenas o Capital Cultural da classe dominante, mas também o Capital Cultural dos “desfavorecidos”, das classes populares apreendido informalmente e pouco valorizado.

Os poderes sociais fundamentais são: em primeiro lugar o capital econômico, em suas diversas formas; em segundo lugar o capital cultural, ou melhor, o capital informacional também em suas diversas formas; em terceiro lugar, duas formas de capital que estão altamente correlacionadas: o capital social, que consiste de recursos baseados em contatos e participação em grupos e o capital simbólico que é a forma que os diferentes tipos de capital toma uma vez percebidos e reconhecidos como legítimos." (BOURDIEU, P. 1987. p.4).

Em sua obra Bourdieu também aborda que a escola pode ser vista como um ambiente que favorece a mobilidade social através da cultura. A escola é um ambiente onde o hábitus de pertencimento a uma classe social é adquirido e onde é manifestada a luta pela posse de Capital Cultural.

A ideia é refletir problematizando o conceito de Capital Cultural, no sentido de uma análise sociocultural da sociedade midiática atual. Este estudo procura colaborar com a compreensão das experiências de jovens de classes populares no espaço virtual como estratégia de aumento de Capital Cultural.

Setton (2005) faz uma reflexão ao estudar a trajetória pessoal e familiar de alunos de origem popular, com baixos rendimentos e pequena herança de uma cultura escolar que ingressam em cursos considerados de elite na Universidade de São Paulo. Partindo dessa perspectiva de Capital Cultural é compreendido como um recurso estratégico que pode ter várias formas. Setton (2005) amplia o entendimento do conceito de Capital Cultural, integrando a essas práticas informais.

(...) é preciso salientar que a posse desse novo capital pode derivar de investimentos culturais diversos. Pode se expressar na forma de diplomas, na visitação a museus e assistência a concertos eruditos ou, na sua impossibilidade, pode se expressar em comportamentos menos aristocráticos não deixando de ser utilizado como capital distintivo. Isto é, na falta de diplomas, na ausência do hábito de freqüentar os templos da cultura, esse novo recurso pode ser explicitado em atitudes mais simples. (...) quero salientar que a leitura de jornais e revistas, a assistência interessada a uma programação televisiva informativa, a audiência a entrevistas com especialistas, ou viagens pela Internet (entre outras possibilidades) podem servir também como estratégias de adquirir os bens da cultura e do conhecimento e de ter acesso a estes. (SETTON, 2005, p.80).

Observa-se assim, que é possível uma mudança na estrutura social através da cultura. Cada indivíduo adota uma estratégia própria, com base nas possibilidades que possui, para assim mudar sua trajetória social. De acordo com Lahire (1997) o ambiente familiar pode influenciar de diversas maneiras as possibilidades de sucesso escolar. A pesquisa que o autor realizou sobre o *sucesso escolar nos meios improváveis* (1997) permitiu visualizar certos aspectos dessa influência como: a ação educativa consciente e inconsciente através do nível cultural dos pais. Dessa forma, não bastaria ter pais diplomados é preciso ação do meio familiar, baseada em conversas e em uma relação mais densa com seus filhos.

As novas tecnologias fizeram surgir outras possibilidades culturais que se distanciam do que é considerada uma cultura erudita formal. Neste sentido Lahire (2002) faz uma reflexão sobre o social à escala individual, sobre estudos dos processos de socialização e de constituição de disposições sociais. Segundo Lahire (2002) o ator plural vive experiências variadas, diferentes e também contraditórias, sendo o resultado das experiências em contextos múltiplos e heterogêneos.

Para Bourdieu (1983) as experiências de socialização são baseadas no habitus.

Habitus é um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma matriz de percepções, de apreciações e de ações- e torna possível a realização de tarefas intimamente diferenciadas, graças às transferências analógicas de esquemas. (BOURDIEU, 1983, p.65)

Bourdieu (1998) considera que o habitus atua com sentido prático, levando os agentes a agirem sem conhecerem e perceberem fatores sociais e estruturais que influenciam em seus atos. As ações acontecem em um nível não consciente, visto que já estão incorporadas. Considera que a ação reflexiva acontece em momentos de crise, quando indivíduos estão em conflito e surge então a necessidade de adotarem ações mais pensadas, reflexivas.

A perspectiva teórica de Lahire (2002) considera as experiências de socialização dos sujeitos e suas implicações nas trajetórias de escolarização. As complexidades das experiências sociais são, ao mesmo tempo, homogêneas e heterogêneas. Um indivíduo tem disposições voltadas para unicidade e pluralidade, a singularidade e pluralidade estão presentes em todos nós. Conceitua habitus a partir das noções de disposições, esquemas de ações, transferibilidade e incorporação. Aborda as diferentes formas de reflexividade na ação e diferentes formas de incorporar e interiorizar da socialização pelo indivíduo.

Para Bourdieu (1979) habitus é uma “inconsciência de classe”. Isso quer dizer que as classes menos favorecidas aceitam inconscientemente, de forma natural, a cultura imposta pelas classes dominantes. O Habitus se relaciona ao conformismo das classes populares.

Lahire (2002) compreende habitus como um patrimônio de disposições heterogêneas. O conceito de disposições abordado por Lahire (2002) leva em conta como cada indivíduo pensa sobre si próprio de acordo com suas circunstâncias sociais. Todo sujeito é composto por esquemas de ações que foram incorporados ao longo de suas trajetórias e também por práticas

pensadas, racionais e de certa forma estratégicas. As duas lógicas coexistem, não são incompatíveis e se articulam diariamente.

Numa mesma pessoa coexistem disposições múltiplas, resultantes de diferentes tipos de socialização (familiar, sociabilidades, trabalho, escola, etc), que constantemente se vão actualizando. Cada actor, ao longo do seu trajecto de vida, contacta, com maior ou menor intensidade, com essa diversidade estrutural (que vai incorporando) e, simultaneamente, interage com um vasto conjunto de indivíduos, cujos sistemas de disposições se adequam contextualmente aos seus. (LOPES, 2012, p.16)

Os indivíduos não vivem em um estado permanente de reflexividade. Sendo que as competências reflexivas dependem do mundo social. Os processos de reflexividade se articulam de formas variadas e para além do contexto escolar, esse fato ocorre quando há alguma proximidade em termos de estrutura e conteúdo entre diferentes esferas. O que podemos destacar é que um indivíduo pode ter diferentes níveis de reflexividade em contextos diferentes e que é capaz de atribuir sentido a suas ações. Ou seja, deve-se analisar a complexidade interna de cada actor, a singularidade individual, sem esquecer que são sujeitos socializados e que estão inseridos em diferentes esferas e forças sociais. Lahire (2002) considera que nem sempre os atores sociais estão conscientes dos determinantes sociais por detrás de suas ações, sendo um desafio, tanto para o pesquisador como para os pesquisados, desvelar tais determinantes que influenciam de forma interna e externa.

Competência reflexiva leva a separação entre sujeito e objeto, somente fora das situações é possível perceber muitas influências e disposições. As pessoas precisam se distanciar de si próprias para percebê-las e refleti-las. Lahire (2002) considera que nem sempre os atores sociais estão conscientes dos determinantes sociais por detrás de suas ações.

Adota-se neste trabalho a perspectiva de Bourdieu. O estruturalismo de Bourdieu possibilita o desvelamento da articulação social e como questões culturais, econômicas e sociais de uma classe marcam os indivíduos pertencentes dela, influenciando em suas ações, experiências e visões de mundo. Algumas aproximações e apontamentos da perspectiva de Lahire

foram levantados nesta pesquisa, porém o presente trabalho não visou o aprofundamento desses pontos.

1.5 A INTERNET COMO INSTRUMENTO DE EXPERIÊNCIA

A utilização da internet por jovens de classes populares possibilita experiência? Quais características da experiência? Como o professor pode oportunizar formas de experiência com o uso da internet? Partindo desses questionamentos a leitura de Bondía (2002) me permitiu uma visão ampliada e distinta desse conceito. O conceito de experiência que defendo é diferente do conceito de experiência profissional, que é adquirido pela prática constante de certa atividade. Utilizo o conceito de Bondía (2002) que entende experiência como: “A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece.” (BONDÍA, 2002, p. 21).

A experiência marca nossas vidas, é uma lembrança, algo vivido que reflete no sujeito que somos hoje. Assim, como defende Bondía (2002) as pessoas podem vivenciar momentos ou acontecimentos semelhantes, mas não têm as mesmas experiências, cada sujeito tem uma experiência singular, única. A experiência acontece quando o sujeito se coloca aberto aos acontecimentos e a transformação. A experiência tem uma grande capacidade de transformação. É como uma paixão, algo que acontece e se apodera de nossos sentimentos e ações.

1.5.1 Fatores Que Impedem A Experiência

Bondía (2002) destaca dois fatores que impedem a realização ou percepção da experiência, são eles: excesso de informação e excesso de opinião. Neste momento, redijo sobre esses fatores, associando-os ao acesso e uso da internet.

Excesso de informação. Ao longo do dia somos bombardeados por inúmeras informações, porém nem metade delas provoca nossa capacidade de escuta atenta. A internet tem grande papel como difusora dessas informações, dados curtos são vinculados, também, num curto espaço de tempo, não é dado a nós tempo para pensar, refletir, digerir informação. Reflexão exige tempo, fato é que a velocidade da informação destrói a experiência, as pessoas não têm tempo a perder para aprender. A experiência não está ligada a informação, aliás o excesso de informação prejudica a experiência.

A informação não deixa lugar para a experiência, ela é quase o contrário da experiência, quase uma antiexperiência. Por isso a ênfase contemporânea na informação, em estar informados, e toda a retórica destinada a constituirmos como sujeitos informantes e informados; a informação não faz outra coisa que cancelar nossas possibilidades de experiência. O sujeito da informação sabe muitas coisas, passa seu tempo buscando informação, o que mais o preocupa é não ter bastante informação; cada vez sabe mais, cada vez está melhor informado, porém, com essa obsessão pela informação e pelo saber (mas saber não no sentido de “sabedoria”, mas no sentido de “estar informado”), o que consegue é que nada lhe aconteça. A primeira coisa que gostaria de dizer sobre a *experiência* é que é necessário separá-la da informação. (BONDÍA, 2002, p. 21-22)

A internet esta estruturada de tal forma que dificulta possíveis experiências. Na internet encontramos grande quantidade de informação, mas que não necessariamente possibilita sabedoria. A interação e atratividade das novas tecnologias podem levar a perda do objetivo essencial da educação, que é levar o aluno ao saber sistematizado que transforme sua prática. A informação não transforma! Os professores, em grande maioria, trabalham com ampla quantidade de conteúdos e informações vinculados na internet visando a formação de sujeitos informados, atualizados e contextualizados. “Como se o conhecimento se desse sob a forma de informação, e como se aprender não fosse outra coisa que não adquirir e processar informações.” (BONDÍA, 2002, p.22).

Excesso de opinião. Outro fato que atrapalha a experiência é o excesso de opinião. Em nosso sistema educacional atual é exigido das pessoas que apresentem cada vez mais sua opinião sobre tudo, sem considerar que o que se passa ao seu redor pode não despertar nada. A opinião é considerada primordial, se algum sujeito não tem alguma opinião de algo é considerado

alienado. Não defendo aqui que não devemos ter opinião sobre coisa alguma, mas sim que não seja uma exigência mecânica do processo de aprender. Opinião, a meu ver, é o resultado de um processo crítico-reflexivo de aprendizagem. “Em nossa arrogância, passamos a vida opinando sobre qualquer coisa sobre que nos sentimos informados. E se alguém não tem opinião, se não tem uma posição própria sobre o que se passa, se não tem um julgamento preparado sobre qualquer coisa que se lhe apresente, sente-se em falso, como se lhe faltasse algo essencial. E pensa que tem de ter uma opinião.” (BONDÍA, 2002, p.22)

Analisando as redes sociais, como facebook e twitter, percebo como sua estrutura é organizada para que os usuários exponham suas opiniões constantemente sobre todos assuntos. Essa exigência social de opiniões criadas e vinculadas rapidamente pelas mídias leva a opiniões superficiais, não aprofundadas. Com o objetivo de “saber” de tudo, não refletimos sobre nada, visamos saber de tudo que acontece a nossa volta, mas nada acontece dentro de nós.

O sujeito da experiência se mantém constantemente aberto, olhando e sentindo os acontecimentos a sua volta. Amadurece informações, mesmo que para isso seja necessário ir mais devagar e tranquilo. A desaceleração no ambiente escolar é bastante rara, “e na escola o currículo se organiza em pacotes cada vez mais numerosos e cada vez mais curtos. Com isso, também em educação estamos sempre acelerados e nada nos acontece.” (BONDÍA, 2002, p.23)

A experiência não é pré-estabelecida com sujeitos determinados a seguir instruções e respostas já esperadas, como acontece muitas vezes no ambiente escolar. Portanto, mesmo que o ambiente escolar esteja repleto de fatores que impeçam a experiência, nós educadores não podemos desistir da tentativa de propiciar momentos de experiência aos nossos educandos. Isso requer, segundo Bondía (2002), uma pausa para pensar, olhar, escutar e sentir.

Walter Benjamin (1986) também trabalha como o conceito de experiência, sendo esse um conceito central de sua filosofia e que perpassa por toda sua obra. Em sua obra “Experiência e pobreza” aborda a degradação

da experiência humana na modernidade, ou melhor, seu aniquilamento. A experiência, aqui tratada, é utilizada como uma ligação que nós vincula ao passado e a tudo que pertence a ele enquanto patrimônio sócio-histórico cultural. O processo de estreitamento da experiência na modernidade, a *pobreza da experiência*, leva Benjamin (1986) a alguns questionamentos, como: “Qual o valor de todo patrimônio cultural, se a experiência não é mais vinculada entre nós?” (BENJAMIN, 1986, p.115).

Para Benjamin, com o passar dos tempos, foi deixando de existir a capacidade de contar histórias, instaurando-se assim a incapacidade de trocar, compartilhar, experiências. Em sua obra o Narrador, reflete sobre o fim da experiência relacionado ao fim da arte de contar, visto que esse tipo de experiência é próprio de organizações comunitárias centradas no artesanato, ou seja, de sociedades pré-capitalistas, onde ainda havia espaço para narrativa.

A experiência comunicável está em vias de extinção. Benjamin afirma que dar conselhos atualmente é algo anacrônico, é porque as experiências estão deixando de ser comunicáveis.

Na substituição da antiga forma narrativa pela informação, e da informação pela sensação reflete-se a crescente atrofia da experiência. Todas essas formas, por sua vez, se distinguem da narração, que é uma das mais antigas formas de comunicação. Esta não tem a pretensão de transmitir um acontecimento, pura e simplesmente (como a informação o faz); integra-o à vida do narrador, para passá-lo aos ouvintes como experiência. (BENJAMIN, 1989, p. 107).

As ideias de Benjamin e Bondía se encontram quando abordam as distâncias entre informação e experiência. Benjamin destaca na citação anterior que experiência não é a pura transmissão de um conhecimento, como a informação realiza. A experiência está integrada a vida do narrador.

CAPÍTULO 2- METODOLOGIA DA PESQUISA

Amparado nas abordagens qualitativas, este estudo utiliza o questionário e a entrevista como instrumentos de pesquisa. Como método de análise das entrevistas, utilizo a análise de discurso de Ramalho e Resende (2006), procurando assim realizar uma abordagem dialética no sentido de trabalhar as contradições, relacionando os usos da internet às condições de vida no âmbito econômico e cultural desses jovens de classes populares em questão.

A escola escolhida para a pesquisa localiza-se na região administrativa de Ceilândia, no Distrito Federal, próximo ao condomínio Sol Nascente, um local de difíceis condições de vida. A escolha da escola se deve pela disponibilidade de realização da pesquisa, por se localizar em uma região considerada pertencente a classes populares e por possuir projetos voltados para o uso das tecnologias na educação.

2.1 PESQUISA QUALITATIVA E TÉCNICAS DE PESQUISA

As pesquisas qualitativas na educação buscam e analisam possíveis soluções aos problemas que apresentam o sistema de ensino nacional. A pesquisa qualitativa permite entender melhor realidade mais complexas, pois o pesquisador tem ampla liberdade metodológica para realizar seu estudo e aprofundar o entendimento de populações mais específicas. Os investigadores entram no mundo dos sujeitos observados, tentam entender o comportamento real dos sujeitos e como eles constroem e visualizam a realidade em que atuam.

Neste trabalho adota-se o questionário e a entrevista semiestruturada. A utilização de instrumentos diferentes possibilitou compreender melhor o contexto e problema. O questionário foi utilizado para levantar o perfil sociocultural dos estudantes pesquisados. O questionário possui um item que pergunta aos estudantes há disponibilidade para realização das entrevistas.

Segundo Gil (1999, p. 128), o questionário pode ser definido “como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o

conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.” Dessa forma, o questionário serviu para coletar as informações da realidade. Garantindo o anonimato das respostas e não expondo os pesquisadores à influência das opiniões e do aspecto pessoal do entrevistado.

Com relação à formulação do questionário, considera-se, de certa forma, a pergunta mais importante que a resposta, pois é por meio de uma pergunta bem elaborada que é possível obter os corretos dados para análise da pesquisa. Gil (1999) destaca que a formulação do questionário deve levar em conta: o nível de formação do pesquisado; devem ser formuladas de maneira clara, concreta e precisa; possibilitar uma única interpretação e as perguntas não devem sugerir respostas. Outro aspecto que deve ser observado é a quantidade de questões. O pesquisador não pode formular um número grande de questões, pois corre o risco de desestimular a participação do investigado.

Através de entrevistas individuais com estudantes, buscou-se fazer uma representação do universo total dos sujeitos. As entrevistas foram realizadas com 6 estudantes. Conforme Bauer e Gaskell (2002) a entrevista individual é uma conversa que dura em torno de uma hora e meia e requer uma preparação prévia, um roteiro com tópicos-guia. Foi utilizado gravador para registrar as vozes dos sujeitos pesquisados, como opiniões, hesitações, silêncios e risos.

A entrevista individual, no contato direto, no estilo face a face, aprofundou temas relevantes. Segundo Ludke e André (1986, p. 34), “uma entrevista bem feita pode permitir o aprofundamento de pontos levantados por outras técnicas de coleta de alcance mais superficial, como o questionário”. A escolha destes instrumentos teve respaldo no que dizem Denzin e Lincoln sobre pesquisa qualitativa. Segundo eles a abordagem qualitativa envolve o estudo sobre o uso e a coleta de diversos materiais empíricos, “que descrevem momentos e significações rotineiras e problemáticos na vida dos indivíduos” (2006, p.17). Os materiais são: estudo de caso; experiência pessoal; introspecção; história de vida; entrevista; artefatos; textos e produções culturais; textos observacionais, históricos, interpretativos e visuais. A autora

destaca que a utilização de diferentes práticas interpretativas interligadas permite uma compreensão melhor da pesquisa. Denzin e Lincoln (2006, p.17) afirmam que “existe um compromisso no sentido do emprego de mais de uma prática interpretativa em qualquer estudo.”

A entrevista permite uma conversa livre, mesmo conservando a padronização das perguntas, mas sem impor opções de respostas. “Deixando o entrevistado formular uma resposta pessoal, obtém uma ideia melhor do que este realmente pensa e se certifica, na mesma ocasião, de sua competência” (LAVILLE & DIONNE, 1999, p.187). Outro ponto positivo da entrevista é o fato de ser flexível, possibilitando um contato mais próximo entre o pesquisador e os entrevistados e aprofundando temas relevantes. Esse instrumento possibilita um “contato mais íntimo entre o entrevistador e o entrevistado, favorecendo assim a exploração em profundidade de seus saberes, bem como suas representações, de suas crenças e valores” (LAVILLE & DIONNE, 1999, p. 186).

2.2 PROCEDIMENTO DE PESQUISA: ANÁLISE DE DISCURSO CRÍTICA

Ao escolher a análise de Discurso Crítica (ADC), como procedimento de pesquisa, percebe-se que existem poucas obras introdutórias sobre o assunto, fato acontece devido à complexidade do enfoque que é transdisciplinar e multidisciplinar. Escolhi trabalhar com Resende e Ramalho (2006) e com seu livro *Análise de Discurso Crítica*, pois esse procura fazer uma revisão e expor de forma clara organizada a teoria de Fairclough sobre análise de discurso crítica.

Utiliza-se nesta pesquisa o enfoque do discurso como prática social dentro das ciências sociais. Esse enfoque considera que as estruturas organizam o discurso na sociedade e que cada expressão nova é uma ação individual sobre tais estruturas que podem contribuir para transformação e perpetuação de certas práticas. Ou seja, o discurso é moldado pela prática social e também constitui a estrutura social. Segundo Fairclough (1989) há uma relação interna e dialética, no qual o discurso é um modo de ação, implicando, assim, uma relação dialética entre o discurso e a estrutura social. Nesse caso, a estrutura social é uma condição e um efeito da prática social.

A teoria social do discurso desenvolvida por Fairclough (1989) é uma abordagem da análise de discurso crítica. A teoria social do discurso é dividida em três dimensões: texto, prática discursiva e prática social. Prática discursiva é entendida como os processos de produção, distribuição e consumo de textos. A prática discursiva é mediadora entre texto e a prática social.

A conexão entre o texto e a prática social é vista como mediada pela prática discursiva: de um lado, os processos de produção e interpretação são formados pela natureza da prática social, ajudando também a formá-la e, por outro lado, o processo de produção forma (e deixa vestígios) no texto, e o processo interpretativo opera sobre 'pistas' no texto. (FAIRCLOUGH, 2001, p. 35-36).

O modelo de análise de texto é dividido em categorias. São elas: o vocabulário, gramática, coesão e estrutura textual. O vocábulo trata do estudo das palavras individuais, a gramática das palavras combinadas em frase, a coesão das ligações entre frases e a estrutura textual refere-se às propriedades organizacionais do texto em larga escala, a forma e a ordem em que os elementos são combinados.

A análise da prática social está relacionada aos aspectos ideológicos e hegemônicos. Na categoria ideológica, são observados aspectos do texto que podem ser investidos ideologicamente, como o sentido das palavras, interpretações e metáforas. Na categoria hegemônica, observam-se as orientações da prática social, que podem ser orientações econômicas, políticas, ideológicas e culturais.

Para compreender a ADC, dentro da análise da prática social, busco trabalhar os conceitos de discurso, hegemonia e ideologia. Tais noções fundamentam a percepção de linguagem como prática social e instrumento de poder. Tomando pressupostos de abordagens das ciências sociais, a ADC desenvolve um estudo que situa o funcionamento da linguagem na sociedade.

A ADC é um modelo teórico-metodológico aberto ao tratamento de diversas práticas na vida social. O discurso, nessa ideia, é compreendido como uma prática social e é por meio dele que se formam estruturas sociais. Os discursos variam de acordo com as propriedades sócias. Nesse sentido, o discurso é entendido como um momento, uma parte da prática social.

Para a ADC o poder é temporário, com equilíbrio instável. As relações de poder são assimétricas, sendo assim, são passíveis de mudança e superação. O poder em termos de hegemonia implica uma instabilidade, pois sempre atingem a sociedade parcialmente. Para certos grupos se manterem em posição hegemônica é necessário a difusão de uma visão de mundo particular. Quando essa visão de mundo favorece algumas poucas pessoas, temos representações ideológicas baseadas na distribuição desigual de poder utilizando o consenso.

O poder utilizado como hegemonia conquista mais pelo consenso do que pelo uso da força propriamente dita, fato que reforça a importância das ideologias vinculadas ao discurso. Dessa forma, essa a hegemonia luta pela instauração, sustentação e universalização de discursos particulares.

O presente trabalho compreende que os discursos dos sujeitos podem ser considerados ideológicos. Um discurso individual inclui presunções sobre a realidade e tem ligações com relações de dominação. Fairclough (1989) defende que o discurso dos sujeitos é carregado de ideologias, onde as relações de poder são sustentadas por significados implícitos. A hegemonia é baseada na universalização de perspectivas particulares. A questão é perceber como as legitimações decorrentes dessa representação contribuem para sustentação ou transformação de relações de dominação.

O conceito de ideologia utilizado aqui provém dos estudos de Thompson (1995), defende que a ideologia é por natureza hegemônica, no sentido de servir para estabelecer e sustentar relações de dominação e também para reproduzir a ordem social que favorece indivíduos e grupos dominantes. A abordagem sociológica de Thompson (1995) contribui para uma análise das construções simbólicas ideológicas no discurso. São cinco modos de operação da ideologia definidos por Thompson (1995,p.81-9): Legitimação, dissimulação, unificação, fragmentação e reificação.

Na legitimação as relações de dominação podem ser estabelecidas ou mantidas, nesse caso, as relações de dominação são consideradas justas e honestas. Na dissimulação as relações de dominação são estabelecidas e sustentadas por meio da negação ou ofuscação. A unificação estabelece e

sustenta relações de poder pela construção simbólica da unidade. Na fragmentação as relações de poder podem ser sustentadas por meio da segmentação de indivíduos e grupos, que quando unidos, poderiam ser um obstáculo à manutenção do poder. Por último, a reificação é quando uma situação passageira é representada como permanente, escondendo seu caráter sócio-histórico transformador.

Resende e Ramalho (2006) defendem que a principal característica da análise de discurso crítica é seu caráter emancipatório. Na análise entre o discurso e a prática social busca-se desmistificar crenças que são bases para estrutura de dominação, favorecendo desarticular tais estruturas.

A concepção crítica postula que a ideologia é, por natureza, hegemônica, no sentido de que ela necessariamente serve para estabelecer e sustentar relações de dominação e, por isso, serve para reproduzir a ordem social que favorece indivíduos e grupos dominantes. (RESENDE & RAMALHO, 2006, p.49)

As autoras destacam, dentre as abordagens críticas do discurso, três características fundamentais: a interdisciplinaridade, o caráter posicionado em face dos problemas sociais parcialmente discursivos e a utilização da linguística como instrumento para crítica social. Defende que não existe separação entre perspectiva social e linguística nas análises, ou seja, uma análise discursiva crítica será mais profunda quanto maior for a integração destes dois elementos.

Com base na apreciação de Chouliaraki e Fairclough (1999), toda ADC parte de um problema, que geralmente é baseada em relações de poder e na distribuição desigual de recursos materiais e simbólicos. No segundo momento desse método é necessário identificar os obstáculos para que o problema seja superado. Existem 3 tipos de análises que atuam juntos nessa etapa: A análise da conjuntura; análise da prática particular e análise do discurso.

No terceiro momento, o pesquisador deve verificar se há uma função do problema na prática. Deve ir além, não apenas descrevendo apenas os conflitos de poder, como também identificar sua função nas práticas discursiva e social. No próximo momento o pesquisador deve explorar possibilidades de mudança e ultrapassar os problemas identificados. No último momento a

pesquisa deve conter uma reflexão sobre a análise e possibilidades de práticas emancipatórias. “Toda pesquisa em análise do discurso crítica, deve conter uma reflexão sobre a análise, isto é toda pesquisa deve ser reflexiva.” (RESENDE & RAMALHO, 2006, p. 37)

Resende e Ramalho (2006) destacam a função do discurso como prática social, que implica compreendê-lo como um modo de ação historicamente situado. O discurso é constituído socialmente, modelado pela estrutura social, mas também é constitutivo da estrutura social. O discurso é uma prática social, é o modo de ação sobre a sociedade, um elemento da vida social interligado a outros elementos.

2.3 SUJEITOS E LOCUS DA PESQUISA

A presente pesquisa buscou analisar criticamente as interações entre os jovens e a internet, considerando o uso que jovens fazem para estudo e aprendizagem. Dessa forma, os sujeitos serão alunos do terceiro ano do ensino médio do colégio público, localizado na região administrativa de Ceilândia.

Ceilândia é uma das 31 regiões administrativas do DF. Surgiu, em 1971, em decorrência da Campanha de Erradicação de Invasores-CEI. Com a criação de Brasília houve uma grande fluxo migratório para a nova capital, fato que levou ao aumento de lotes e barracos em Brasília. Foi por meio da Campanha de Erradicação de Invasores que foi realizada a remoção desses para locais mais distantes da Capital. Assim surgiu, dentro de um contexto de desigualdade e exclusão, Ceilândia.

Segundo a Pesquisa Distrital de Amostra de Domicílio (PDAD) de 2013, realizada pela CODEPLAN, a população urbana de Ceilândia foi estimada em 449.592 habitantes. Quanto à escolaridade, 38,11% possui o ensino fundamental incompleto e 5,58% de analfabetos. A renda domiciliar média de 47,89% dos moradores da cidade está entre dois e cinco salários mínimos, Ceilândia é uma das cidades com renda mais baixa do DF. Outro dado relevante da pesquisa é o fato que 43,5% da população possuem micro computador em casa e somente 12,7% tem notebook. O serviço de Internet

mais utilizado é o de banda larga em 54,43%, somente 2,45% utilizam a internet discada.

2.4 EU, PESQUISADOR

Eu, Kalliane, tenho opinião e experiências de vida que influenciam significativamente em meu trabalho como pesquisadora. Mills (1975) diz que o pesquisador deve aprender a usar a experiência de sua vida em seu trabalho continuamente. Compreendo que ser pesquisador não é negar experiências vividas em favor da neutralidade científica. A qualidade de um bom pesquisador é aceitar a influência de sua vida em seu trabalho e aprender a controlá-las.

Segundo Mills (1975) uma forma de se controlar a experiência é por meio da organização de um arquivo, ou seja, um diário. Algumas ideias podem surgir em conversas casuais, por isso devemos anotá-las para que possamos revisá-las, adotá-las ou descartá-las. O hábito de escrever toda semana deve ser cultivado, assim, desenvolvemos nossa capacidade de expressão e auto-reflexão.

Organizar o pensamento através da escrita possibilita perceber até que ponto o trabalho elaborado nos representa e nos transforma. O homem não é um fragmento isolado, mas sim um ser histórico e social. Mills (1975) destaca que não devemos abrir mão de nossa autonomia na pesquisa, não devemos permitir que questões públicas e outras preocupações determinem os problemas que estudamos. O problema deve surgir de nossa prática, de nossa vivência e necessidades.

Para Bourdieu (2007) a ação do pesquisador é uma relação social, sendo assim, exerce efeitos de poder e submissão sobre os resultados da investigação. As distorções, influências, devem ser reconhecidas e dominadas. Dominar efeitos, sem anulá-los, para reduzir o máximo de violência simbólica que se pode exercer sobre o entrevistado. Um dos grandes problemas é o pesquisador tomar uma posição superior ao entrevistado nas diferentes espécies de capital, principalmente no linguístico, utilizando uma linguagem inadequada e tendenciosa.

Bourdieu (2007) propõe uma *reflexividade reflexa* que significa o ato de perceber e controlar os efeitos da estrutura na condução da pesquisa. O pesquisador deve conhecer e dominar os movimentos e processos de construção do saber científico e os efeitos que exercem sobre a pesquisa.

Uma opção proposta por Bourdieu (2007) foi a criação da escuta ativa e metódica, que esta entre a entrevista aberta e o questionário fechado, seu objetivo é alcançar uma relação de pesquisa mais próxima do ideal. Neste contexto, cabe ao pesquisador adotar procedimentos indispensáveis para diminuir distâncias entre o entrevistado. O sociólogo deve ser capaz de se colocar no lugar no entrevistado, dessa forma compreende profundamente seu sujeito de pesquisa.

Só se pode chegar ao discurso explícito com base em uma metodologia de trabalho que revele aos próprios entrevistados “as coisas enterradas nas pessoas que as vivem e que ao mesmo tempo não as conhecem e, num outro sentido, conhecem-nas melhor do que ninguém” (BOURDIEU, 2007, p.708). Bourdieu (2007) chega a comparar o sociólogo com um parteiro, pois ajuda o entrevistado a expressar sua verdade, que antes estava escondida. Sua intenção é produzir a consciência nos entrevistados de que as suas *verdadeiras* opiniões estão por debaixo dos *resíduos culturais* que são difundidos tanto na mídia quanto nas representações sociais utilizadas e valorizadas num dado *espaço social*.

As leituras de Bourdieu (2007) e Mills (1975) ajudam a compreender que o pesquisador não é um componente neutro no processo de pesquisa. É um sujeito carregado de experiências, sentimentos e conhecimentos, sendo assim ele próprio deve aceitar sua subjetividade e aprender a controlá-la. A grande questão é reduzir, e de certa forma evitar, uma violência simbólica que possa ser exercida sobre o entrevistado. Outro grande desafio do pesquisador é criar condições para que o entrevistado exponha sua essência, sua verdade, que muitas vezes está oculta.

CAPÍTULO 3- APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo realiza-se uma interpretação dos dados coletados tanto nos questionários quanto nas entrevistas. Todos os participantes desta pesquisa foram esclarecidos que os dados construídos foram utilizados apenas para efeito deste estudo e assim preservamos a identidade dos participantes.

Os questionários foram aplicados com alunos do terceiro ano do ensino médio em uma escola localizada na região administrativa de Ceilândia - Distrito Federal. A escola tem 150 alunos matriculados no terceiro ano do ensino médio, divididos em três turmas, cada turma com 50 alunos. Os questionários foram aplicados nas três turmas, no total de 108 questionários, ou seja, 42 alunos não estavam presentes no dia da aplicação.

A aplicação dos questionários se deu de forma coletiva, em sala de aula, com a presença de dois pesquisadores por turma para auxiliar em qualquer dificuldade na atividade. Em média, os alunos utilizaram vinte minutos para responder todas as questões.

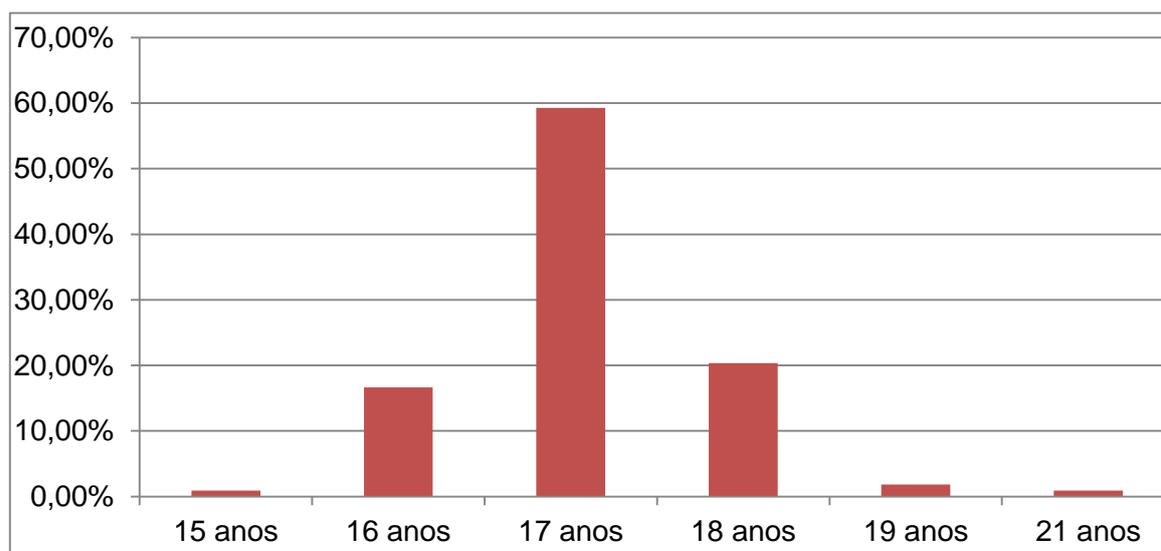
Foram feitas 6 entrevistas individuais com alunos que se colocaram à disposição para entrevista, assinalando um campo do questionário. O requisito para participação da entrevista foi a idade. Todos os entrevistados tinham idade igual ou superior a 18 anos. Foram 3 estudantes do sexo masculino e 3 do sexo feminino. Cada um dos seis estudantes foi nomeado de S1 a S6.

As respostas dos sujeitos pesquisados e os dados dos questionários foram organizados em eixos que contemplam os objetivos específicos da dissertação: Eixo 1 - Perfil socioeconômico e cultural; Eixo 2 - Experiência, internet e processos de estudo e aprendizagem; Eixo 3 - Modo de investimento pedagógico familiar, habitus familiar; Eixo 4 - Modo de investimento pedagógico escolar, habitus escolar; Eixo 5 - Vantagens e dificuldades do uso da internet; Eixo 6 - Pontos a serem aprofundados em pesquisas posteriores.

EIXO1 – PERFIL SOCIOECONÔMICO E CULTURAL

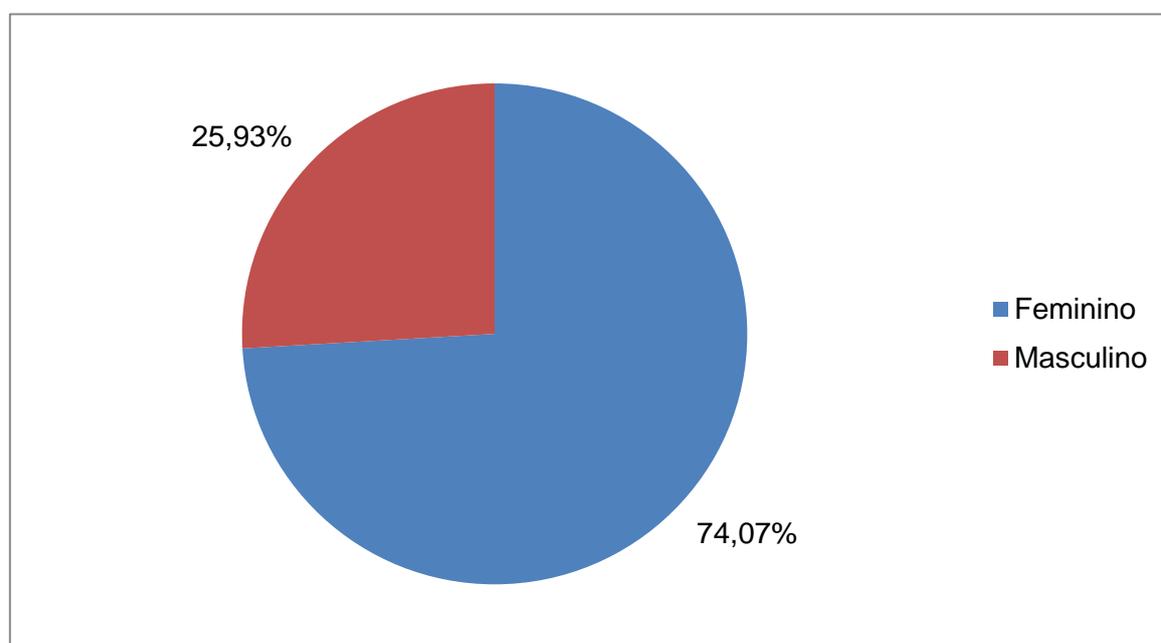
O questionário tem objetivo de traçar um perfil sócio econômico, etário e cultural dos estudantes. Esses dados, juntamente com as entrevistas, compõem as análises que serão discutidas na pesquisa.

GRÁFICO 1 - IDADE



Como apresentado no Gráfico 1, 59,25% dos estudantes pesquisados não estão em defasagem idade- série, se encontrando com 17 anos no terceiro ano do ensino médio. Há uma porcentagem pequena de 1,85% de estudantes com 19 anos e apenas 1 estudante com 21 anos. Significa, assim, que não ocorreram reprovações consideráveis durante a trajetória escolar dos sujeitos.

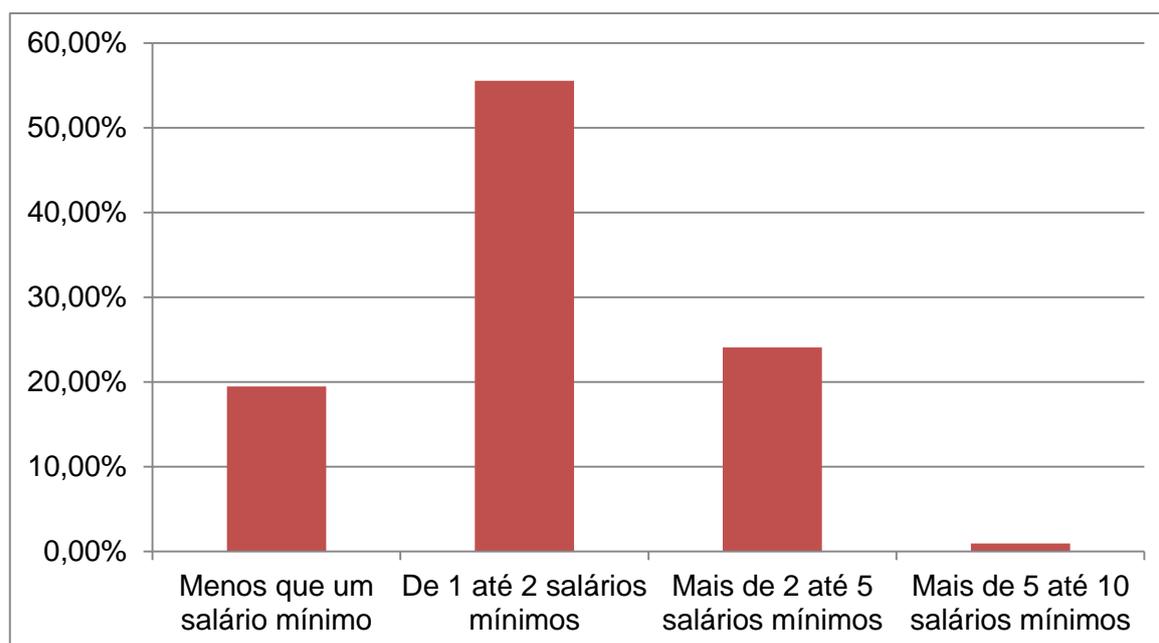
GRÁFICO 2 - SEXO



Com relação ao sexo dos estudantes que responderam ao questionário, 74% são do sexo feminino e 26% do sexo masculino. O terceiro ano do ensino médio é formado majoritariamente por meninas. Segundo Rosenberg (2001) uma proporção maior de mulheres do que de homens conclui o ensino médio no Brasil. Infere-se dos estudos de Rosenberg (2001) que os homens, pela necessidade de trabalhar e pela incompatibilidade de horário entre trabalho e estudo acabam abandonando a escola e por esse motivo uma quantidade maior de mulheres terminariam o ensino médio.

Outro motivo que justifica os dados obtidos nesta questão do questionário é o fato das mulheres serem maioria da população brasileira. De acordo com o Pnad, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – 2013, no Brasil existem 5,2 milhões de mulheres a mais do que homens. As mulheres representam cerca 51,3% de todo o contingente populacional brasileiro.

GRÁFICO 3 - RENDA MENSAL FAMILIAR



Quando questionados sobre a renda mensal familiar, 55,55% dos estudantes responderam que suas famílias têm renda mensal de 1 até 2 salários mínimos o que resulta em R\$ 1.448,00 (considerando o salário mínimo

de R\$ 724,00)². Dados da PDAD - 2013³ apontam que a quantidade de membros por família na cidade de Ceilândia é em média de 3 a 5, sendo a renda per capita baixa. A renda domiciliar média é de R\$ 2.509,22, o que corresponde a 3,70 salários mínimos de 2014, e a renda per capita média (somando-se a renda familiar e dividindo-a pelo número de pessoas que compõem a família) é de R\$ 718,40.

A renda familiar é um aspecto utilizado para análise e identificação da classe social de um grupo, porém não é o único. Reduzir o entendimento de classes sociais a fatores econômicos é um grande erro. Compreende-se nesta pesquisa que classes sociais modernas se apropriam diferencialmente dos capitais culturais e econômicos. Por esse motivo utiliza-se o termo: classes populares. Um conceito mais abrangente, que leva em consideração aspectos culturais e econômicos estáveis e coerentes dentro de grupos.

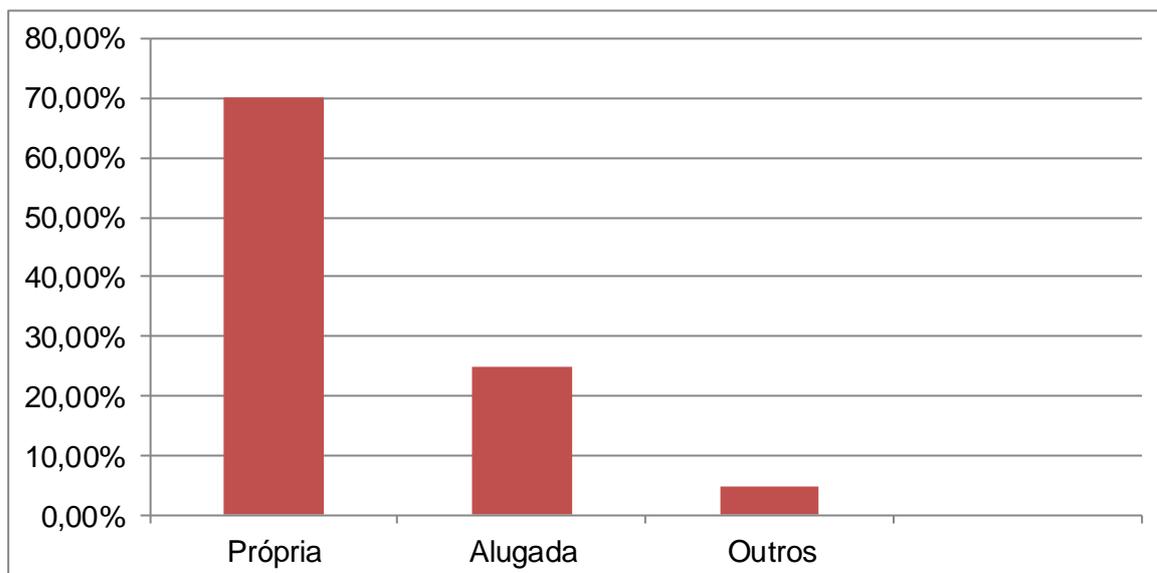
Jessé Souza (2010) em sua obra *Os batalhadores brasileiros* aborda que analisar a estrutura social, no contexto atual, com base na renda não possibilita compreender o processo de construção das classes sociais. Para o autor não cabe mais analisar o “novo mundo” a partir de categorias e ideias do mundo velho.

Fala-se o tempo todo de classe social sem que se compreenda o que elas são. Classes Sociais não são determinadas pela renda – como para os liberais – nem pelo simples lugar na produção – como para o marxismo clássico -, mas sim por uma visão de mundo prática que se mostra em todos os comportamentos e atitudes. (SOUZA, 2010, p.44)

² Salário mínimo verificado no ano de 2014. Cf. <http://www.portalbrasil.net/salariominimo.htm>. Acesso em 20 de abril de 2015.

³ O PDAD é uma pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios do Distrito Federal realizada pela Codeplan nas regiões administrativas do DF sobre as características socioeconômicas de sua população urbana.

GRÁFICO 4 - MORADIA



Com relação à moradia, 70,37% dos jovens residem em casa própria da família, 25% moram em residência alugada e outros 4,62% moram em residências cedidas. Apesar da maioria dos jovens declararem que a moradia é própria, esse dado é questionável. Grande parte dos jovens atendidos pela escola vive no condomínio Sol Nascente, área onde muitas casas ainda estão em processo de regulamentação, pois foram apropriadas de forma irregular.

Ao analisar os dados das entrevistas em uma perspectiva crítica, os discursos desses jovens refletem muito o contexto da classe social que pertencem. Segundo Ramalho e Resende (2006) o discurso é reflexo do meio em que é produzido, é uma prática social. Vejamos alguns relatos que embasam esse fato:

S1: - Eu me defino como classe popular pelo perfil econômico da minha casa, da minha família, pela renda.

S2: - Classe popular, pela renda e local onde moro, pois não é tão evoluído como o plano piloto por exemplo. Moro no Sol Nascente e lá as condições de vida são bem difíceis.

S3: - Sou de classe popular por questões de renda econômica, moradia, e principalmente por questões de oportunidades.

S4: - Sou de classe popular pelas características econômicas da minha família, pelo local onde vivo.

S5: - Me defino como classe popular pelas condições da minha família e pelo local onde moro.

S6:- Sou de classe popular, pois desfruto apenas de necessidades básicas, não tenho mordomias que podem me colocar em uma classe alta e também não pertencem a pobreza absoluta.

Percebe-se que todos os jovens se definem como pertencentes às classes populares. O entrevistado S6 compreende classes populares como uma classe localizada entre a classe alta e a “pobreza absoluta”. O sujeito S2 utiliza o termo “evoluído” para se referir ao Plano Piloto, região central de Brasília. Infere-se que o uso deste termo está relacionado ao desenvolvimento da região a melhores oportunidades de estudo e trabalho.

Quatro dos entrevistados abordam que o local onde moram é um dos motivos de pertencerem às classes populares. Todos residem na região administrativa de Ceilândia. A escola onde estudam é localizada no setor P norte próxima ao setor habitacional Sol Nascente.

O setor habitacional Sol Nascente está localizado nos setores P sul e P norte e nas quadras QNQ da cidade de Ceilândia. A população estimada é de 78.912 habitantes. Com base nas informações do PDAD a área é um terreno de concessão de uso que foi fracionada de forma irregular a partir da década de 1990. O local está em fase de regularização. Com relação à escolaridade da população, destaca-se o quantitativo de pessoas com ensino fundamental incompleto. O ensino médio completo é a segunda escolaridade com maior número de pessoas, e não chega a 2% a quantidade de pessoas com nível superior completo. Ainda de acordo com o PDAD, a renda da população está relacionada ao seu grau de instrução, sendo a renda média domiciliar de R\$1.833,25 que corresponde a 2,70 salários mínimos e a renda per capita é de R\$468,82.

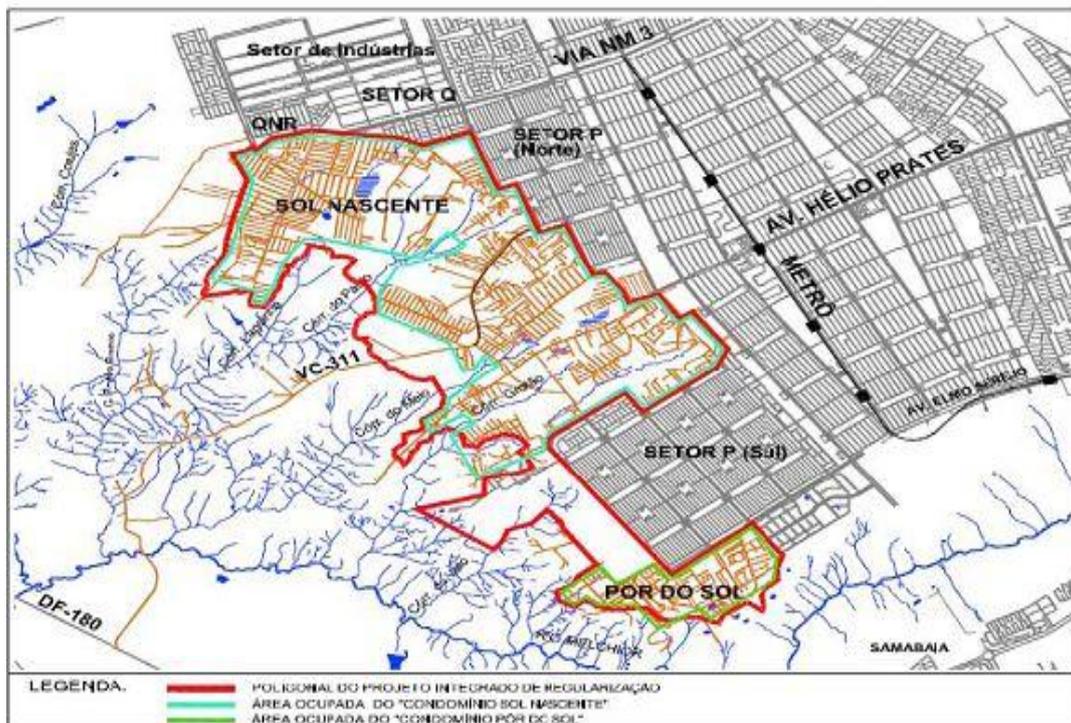


FIGURA 1: MAPA DO CONDOMÍNIO SOL NASCENTE⁴

A condição de vida no Condomínio Sol Nascente é bastante precária. O local apresenta problemas de infraestrutura: não possui saneamento básico, as ruas não são pavimentadas, grande parte das residências não é ligada à rede de esgoto e os caminhões de lixo não atendem a todos os domicílios.



FIGURA 2: IMAGEM DO CONDOMÍNIO SOL NASCENTE – FALTA DE PAVIMENTAÇÃO NAS RUAS DO LOCAL⁵

⁴ Fonte: Cf. <http://nascentessite.xpg.uol.com.br/>. Acesso em 20 de abril de 2015.

⁵ Fonte: Cf. <http://www.cartacapital.com.br/revista/779/favela-federal-409.html>. Acesso em 20 de abril de 2015.

Segundo notícia publicada na revista eletrônica Carta Capital o símbolo da favelização do Distrito Federal é a comunidade Sol Nascente:

Rômulo José da Costa Ribeiro, urbanista e coordenador de pesquisas sobre o Distrito Federal no Observatório das Metrôpoles afirma na notícia que uma marca dessa favelização é a acomodação da população de baixa renda na periferia, uma estratégia consciente da elite e do Poder Público para preservar o coração de Brasília, o Plano Piloto, “intocado e belo”. O “feio” é expulso para longe. “Como qualquer favela no País, as de Brasília não têm integração com a dinâmica da cidade. A ‘cidade rica’ precisa deles, mas não admite nem os quer por perto, visíveis. Eles são discriminados em todas as situações cotidianas.” (CARTA CAPITAL, 2013)



FIGURA 3: IMAGEM DO CONDOMÍNIO SOL NASCENTE – LIXO NAS RUAS DO LOCAL⁶

Reportagem do jornal Estado de Minas também enfatizou o aspecto de favelização do local. O jornal destaca que pela primeira vez, em 2013, depois de anos do início das invasões é que o governo do Distrito Federal, através da Codeplan, considerou um estudo isolado do Condomínio em reação à cidade de Ceilândia:

Pela primeira vez, os condomínios Pôr do Sol e Sol Nascente foram estudados isoladamente dos outros espaços de Ceilândia. Juntas, as duas ocupações possuem 78.912 moradores. O número aponta o crescimento da população na região — que não conta com sistema de saneamento básico, entre outros problemas de infraestrutura. No Censo de 2010, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população era de 56.483 pessoas. Com a nova marca, o Distrito Federal passa a abrir a maior favela do país — à frente da internacionalmente famosa Rocinha, no Rio de Janeiro, que conta com 69.161 habitantes, de acordo com a pesquisa nacional de 2010

⁶ Cf. http://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2013/09/28/interna_nacional,454052/major-favela-da-america-latina-sol-nascente-toma-posto-da-rocinha.shtml. Acesso em 20 de abril de 2015.

— não há números atualizados do crescimento da favela carioca. (ESTADO DE MINAS, 2013)

Um jovem entrevistado nesta pesquisa relata que mora no Sol Nascente e que, por esse motivo, ele se considera de classe popular. Outros quatro entrevistados vinculam o seu pertencimento a classe popular a questão da renda, visto que a renda por pessoa na região é baixa. Somente um entrevistado, S3, aponta a desigualdade de oportunidades como uma justificativa para sua posição social de desvantagem. Relata S3: “Onde moramos não têm muitas oportunidades boas... O caminho para o pobre vencer na vida é muito difícil! A oportunidade que temos é pela educação da família e da escola.”

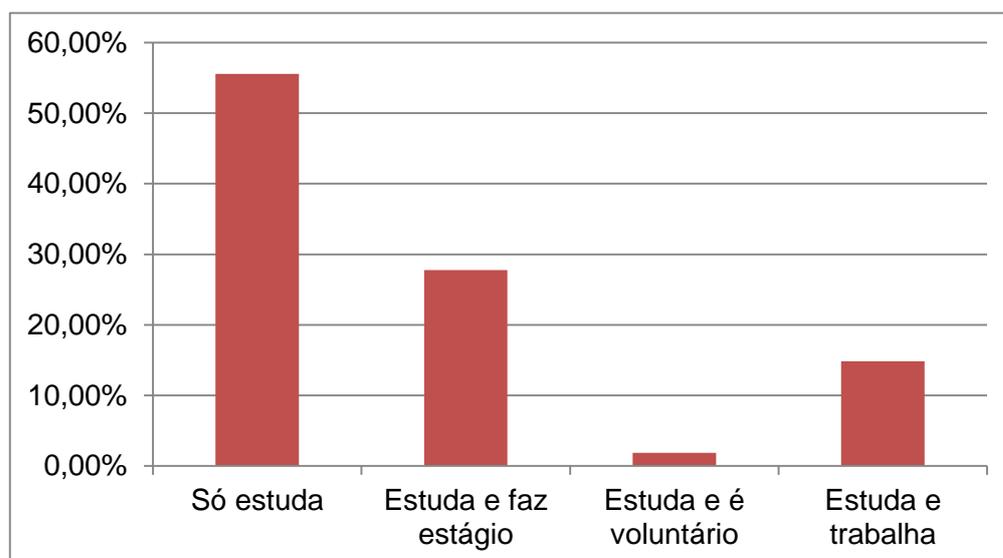
O entrevistado S3 destaca em sua fala dois pontos importantes. Primeiramente a questão das poucas oportunidades que as classes menos favorecidas têm de ascensão social. Negar acesso a oportunidades culturais e educativas é uma forma de manutenção das desigualdades sociais. Apesar de todas as dificuldades para “vencer na vida” a educação ainda é vista como um instrumento de luta, de transformação social.

O segundo ponto relevante da fala do entrevistado é considerar a “educação familiar” uma oportunidade. Segundo Lahire (1997) o espaço de socialização primária, a família, também influencia positivamente ou negativamente no percurso social do indivíduo.

“A moral do bom comportamento, da conformidade às regras, moral do esforço, da perseverança, são esses os traços que podem preparar, sem que seja consciente ou intencionalmente visada, no âmbito de um projeto ou de uma mobilização de recurso, uma boa escolaridade. Inúmeras características próprias à forma escolar de relações sociais estão próximas desses traços: apresentação pessoal ou apresentação dos exercícios, trabalho ordenado, cuidado com os cadernos e atitudes corretas.” (LAHIRE, 1997, p.26)

Percebe-se que os jovens, em geral, compreendem a estrutura social baseada principalmente na questão econômica, não visualizando assim questões culturais. Eles não percebem a dimensão cultural desigual de nossa sociedade e as poucas possibilidades de adquirir Capital Cultural dentro da condição social que se encontram. Também não visualizam a possibilidade de transformação de Capital Cultural em Capital Econômico.

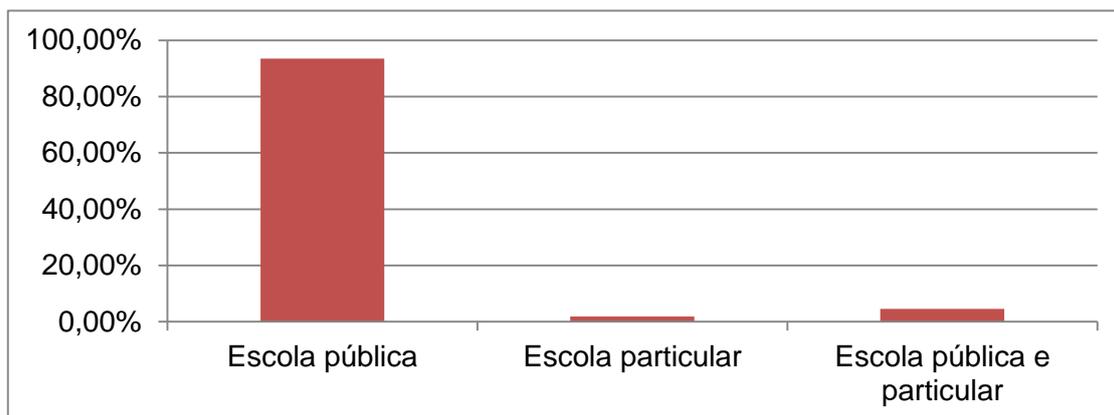
GRÁFICO 5 - ATIVIDADES QUE OS JOVENS EXERCEM



Questionados sobre as atividades que executam, 55,55% dos entrevistados afirmam que apenas estudam e outros 27,77% estudam e fazem estágio. Esses dados mostram a necessidade dos estudantes exercerem alguma atividade remunerada para complementar a renda familiar. O chefe da família, sozinho, não consegue suprir com todas as necessidades de casa; assim, faz-se indispensável o emprego da força de trabalho de adolescentes para o aumento da renda familiar. Esse fato se deve também pela baixa renda familiar da região administrativa de Ceilândia.

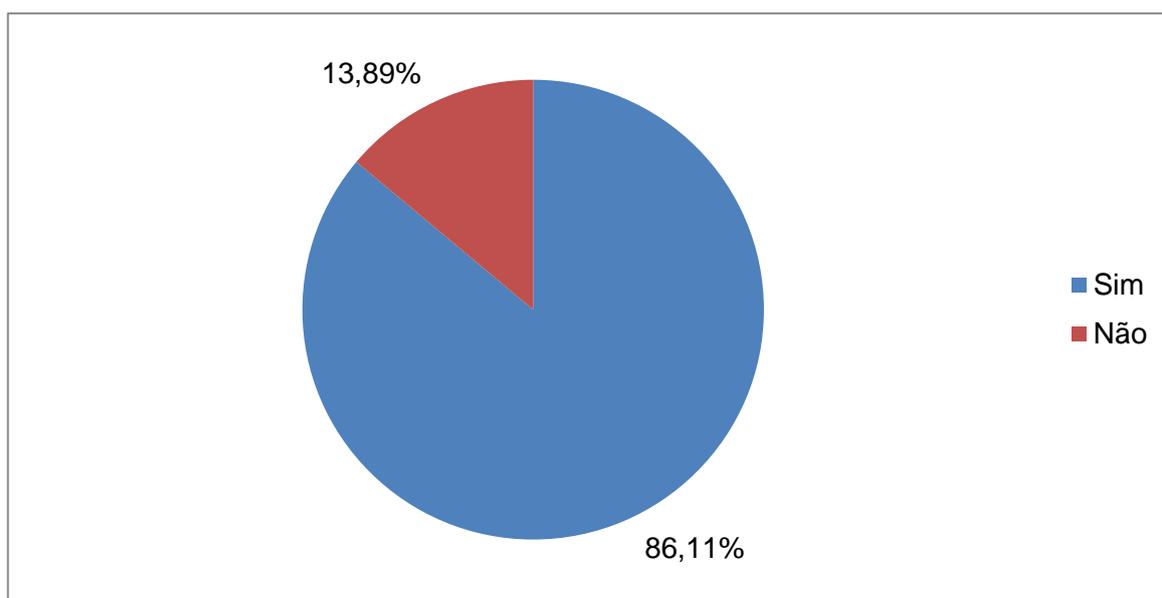
A trajetória dos alunos de classes populares é marcada pela entrada precoce no mercado de trabalho ou em estágios o que impede o acúmulo inicial e mais prolongado de Capital Cultural em sua forma escolar. Essa entrada precoce no mundo do trabalho acarreta consequências negativas no aspecto educacional, uma delas é o pouco tempo de dedicação aos estudos fora da escola o que dificulta uma possível ascensão social por meio da educação.

GRÁFICO 6 - PRIMEIRO E SEGUNDO ANO DO ENSINO MÉDIO



Com relação a cursar o ensino médio em escola pública ou privada, 93,51% dos estudantes cursaram o primeiro e segundo ano em escolas públicas e apenas 4,62% cursaram escola pública e particular. Ao entrar em contato com a escola para realização dos questionários e entrevistas, foi informado pelo diretor que os alunos são oriundos de escolas públicas localizadas no condomínio Sol Nascente. As escolas deste condomínio são insuficientes para atender a todos estudantes, assim eles se matriculam em escolas localizadas no setor P norte de Ceilândia, que é a região mais próxima do local.

GRÁFICO 7 - CONEXÃO DE INTERNET NA RESIDÊNCIA



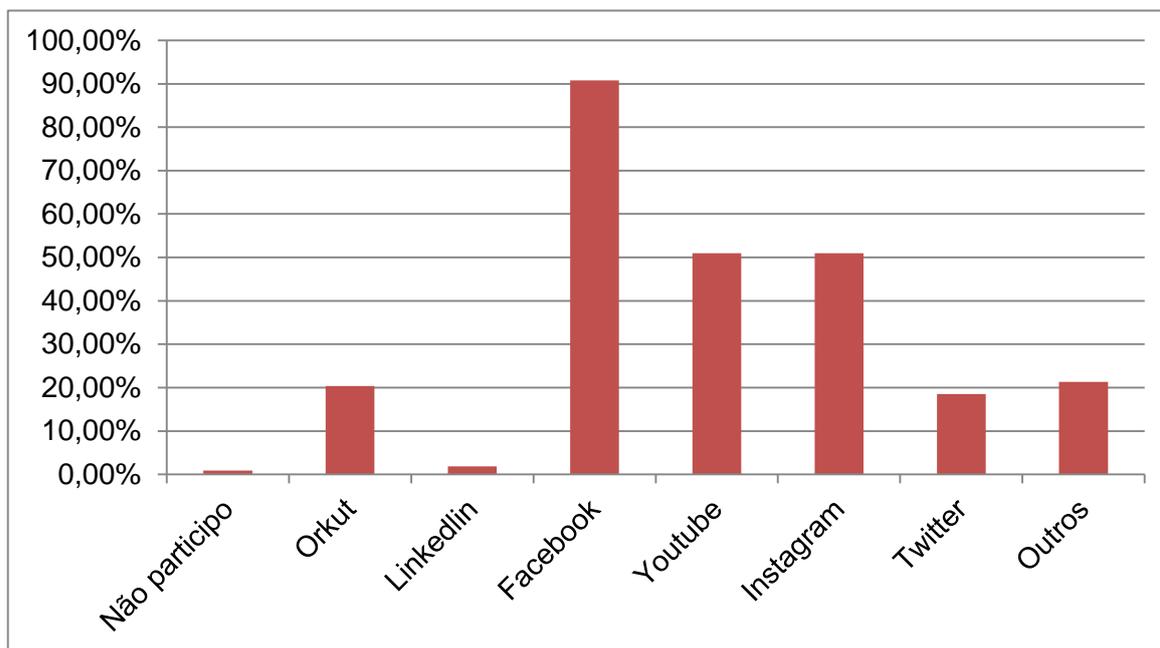
Com relação à conexão de internet na residência dos jovens, 86,11% dos jovens têm acesso a internet em casa e apenas 13,88% não têm acesso em casa.

Cabe destacar que para possuir acesso a internet é necessário o pagamento de um tributo de caráter regular (diário ou mensal). Atualmente, devido a grande oferta de diferentes provedores, há competição pelos clientes e os preços tendem a ser mais acessíveis como, por exemplo, os custos de 0,33 centavos por dia de acesso⁷.

A facilidade e os custos cada vez mais baixos, em relação às décadas anteriores, para adquirir internet em casa justificam os dados obtidos nesta questão:

Para sermos mais exatos, os R\$ 4 mil de 1996 equivalem a R\$ 12.691 de hoje, conforme atualização monetária com base na taxa inflacionária (índice INPC). Ou seja, a redução no valor não foi de apenas 50%, mas de 85%. (TECMUNDO, 2011)

GRÁFICO 8 - PARTICIPA DE ALGUMA REDE SOCIAL



Sobre redes sociais, 90,74% participam do Facebook, 50,92% usam o Youtube, 50,92% usam Instagram, 18,51% usam o Twitter, 20,37% utilizavam o Orkut, 1,85% utilizam o LinkedIn, 21,29% utilizam outras redes, como: Skype e Foursquare e apenas 0,92% não participa de nenhuma rede social.

⁷Cf. <http://www.techtudo.com.br/artigos/noticia/2012/03/comparativo-entre-principais-operadoras-de-celular.html>. Acesso em 20 de abril de 2015.

O Facebook, criado em 2004⁸, é uma rede social que permite conversar com amigos, compartilhar mensagens, opiniões, informações pessoais, vídeos e fotografias. Os conteúdos vinculados na rede são diversos, voltados muitas vezes para o lazer e entretenimento dos usuários.

O Youtube, fundado em 2005⁹, permite que os usuários carreguem e compartilhem vídeos em formato digital. No site é possível assistir filmes, documentários, videocliques musicais e vídeo aulas. O Youtube surgiu devido à dificuldade que existia na época para compartilhar vídeos na internet.

O Instagram, criado em 2010¹⁰, é uma rede social de compartilhamento de fotos e vídeos que permite ao usuário a possibilidade de postar essas imagens e vídeos em outras redes sociais, como Facebook e Twitter.

O Twitter, criado em 2006¹¹, permite o usuário enviar e receber atualizações pessoais de outros contatos, sempre com mensagens com no máximo 140 caracteres. As atualizações são exibidas em tempo real no perfil do usuário, servindo como um canal de comunicação de notícias, reportagens e acontecimentos.

O LinkedIn é uma rede social criada em 2003¹², o objetivo é o relacionamento de pessoas interessadas em discutir questões de carreira e trabalho dentro de um ambiente mais organizado, permite a criação de perfis profissional pelos usuários.

Analisando os dados do questionário percebe-se que a rede social voltada para comunicação de notícias e reportagens, o Twitter, e a rede social profissional, o LinkedIn, são as redes sociais menos utilizadas. Isso mostra que o interesse da maioria dos jovens pesquisados é pelo lazer e por conteúdos

⁸ Cf. <http://rswebmarketingdigital.com.br/blog/historia-do-facebook-mark-zuckerberg/>
Acesso em 10 de maio de 2015

⁹ Cf. <http://g1.globo.com/Noticias/Tecnologia/0,,AA1306288-6174,00-CONHECA+A+HISTORIA+DO+SITE+DE+VIDEOS+YOUTUBE.html>. Acesso em 10 de maio de 2015.

¹⁰ Cf. <http://tecnologia.ig.com.br/de-sao-paulo-para-o-vale-do-silicio/n1597185973536.html>.
Acesso em 26 de abril de 2015.

¹¹ Cf. <http://www.tecmundo.com.br/rede-social/3667-a-historia-do-twitter.htm>. Acesso em 10 de maio de 2015.

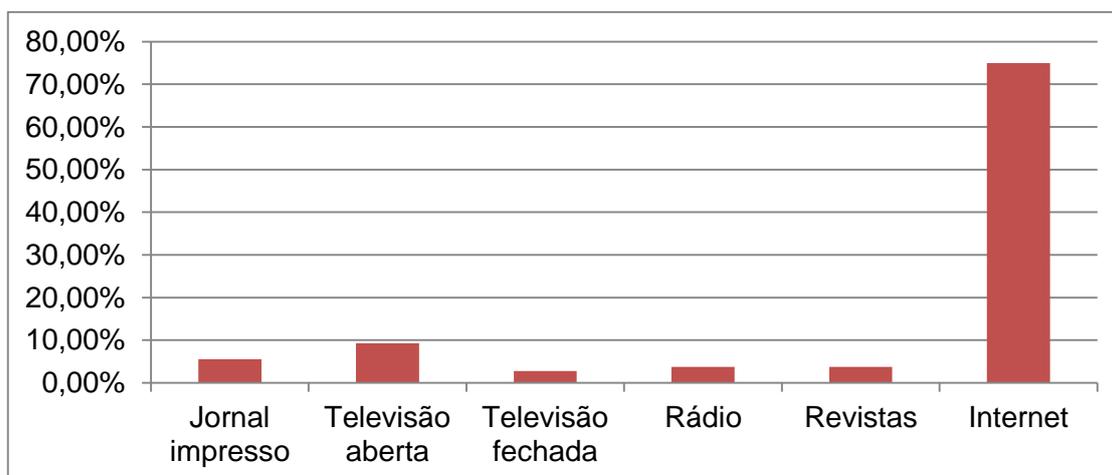
¹² Cf. <http://exame.abril.com.br/revista-exame/edicoes/991/noticias/100-milhoes-de-usuarios-depois>. Acesso em 10 de maio de 2015.

gerais presentes no Facebook e no Youtube. Segundo Bourdieu (1979) cada grupo social apresenta seus valores e gostos. "O gosto é o principio de tudo o que temos (pessoas e coisas), de tudo o que somos para os outros e é através dele que classificamos e somos classificados". (BOURDIEU, p. 59, 1979).

A posição social dos sujeitos também influencia nos seus valores e preferências. Boudieu (1979) destaca três tipos de gostos: o gosto das classes populares, o gosto da classe média e o gosto da classe dominante. As preferências de cada classe proporcionam o ajuntamento dentro de um mesmo grupo, dificultando a mobilidade social, entre os grupos.

EIXO 2- EXPERIÊNCIA INTERNET, PROCESSO DE ESTUDO E APRENDIZAGEM

GRÁFICO 9 - MEIO QUE UTILIZA COM MAIS FREQUÊNCIA PARA ADQUIRIR INFORMAÇÃO



Questionados sobre quais meios utilizam com mais frequência para adquirir informação, 75% dos entrevistados afirmaram utilizam a internet. Este dado mostra como o acesso e utilização da internet está presente e é importante em setores de baixa renda. Neste caso a internet tem um papel fundamental na adesão de informações. Os entrevistados foram questionados sobre suas experiências com a internet em relação ao estudo e aprendizagem:

S1: Muitas vezes me perco na internet, pelo grande volume de informações. E também por que nem tudo que a internet dispõe pra gente, oferece, é o que devemos acreditar. Quando estou com dúvida

converso com professores do cursinho para verificar qual fonte é melhor.

S4: Encontro muita dificuldade em pesquisar na internet. Quando vou pesquisar não sei em que site devo entrar. Entro em muitos sites e não sei qual tem a informação mais verdadeira.

S6: Às vezes eu me sinto perdido, por ter varias fontes de pesquisa. Não sei qual devo pesquisar primeiro, fico pulando de um site para outro...

Observando os relatos, infere-se que o excesso de informação na rede exige preparo dos jovens no processo de aprendizagem. A sobrecarga de informações exige dos indivíduos a capacidade de analisar de forma sensata e separar o joio do trigo, ou seja, o que é relevante do que é insignificante. Todos nós somos capazes de refletir criticamente sobre as informações que a internet dispõe, porém esse é um processo longo, que precisa ser orientado. Para que se atinja o amadurecimento as crianças e adolescentes devem receber orientações sobre o processo de filtragem do conteúdo da internet. Para leitura crítica da rede é primordial uma educação que trabalhe com a autonomia dos sujeitos.

Utiliza-se nessa pesquisa o conceito de autonomia de Paulo Freire (1998). Para o autor a autonomia tem como objetivo principal a criação de uma sociedade democrática, onde uma educação libertadora e autônoma depende da capacidade de cada individuo criar suas próprias representações de mundo, pensar estratégias para solução de problemas e aprender que são sujeitos da história.

Compreende-se que a autonomia é uma construção cultural e depende das relações que os homens têm com o conhecimento. Para Freire (1998, p.25) “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para produção ou sua construção.” O grande desafio da atualidade é criar essas possibilidades em rede, utilizando principalmente a internet, que é o local onde os indivíduos têm acesso a inúmeras informações, porém poucos espaços de reflexão e construção de conhecimento.

O estudante se sente perdido, confuso em meio a tantas informações obtidas de forma tão rápida. Bondía aponta que “o excesso de informação é um fator que impede a realização da experiência” (BONDÍA, 2002, p.23). Para ele, “experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece” (BONDÍA,

2002, p.2). Sendo assim, experiência é algo que toca, é uma informação ruminada, é um conhecimento refletido que faz sentido.

Aprender não é apenas adquirir informações, essa informação precisa ser trabalhada para que resulte em conhecimento. Percebe-se assim, que a enorme quantidade de informações na internet não é garantia de conhecimento. As informações devem ser trabalhadas e amadurecidas para que cada sujeito aprendiz compreenda e crie uma opinião crítica.

Opinião crítica é gerada por um sujeito reflexivo, que identifica e compreende quem é o emissor da informação, ou seja, percebe qual é a posição social desse emissor e qual discurso ideológico ele quer propagar.

A análise do discurso crítica empregada neste trabalho utiliza o conceito de ideologia de Thompson (1995) e de Fairclough (1989). Segundo Thompson (1995) a ideologia tem a função de estabelecer e sustentar relações de dominação, reproduzindo assim a ordem social e favorecendo a classe dominante. Fairclough (2001, p 117) descreve ideologia:

As ideologias são significações/construções da realidade (o mundo físico, as relações sociais, as identidades sociais) que são construídas em várias dimensões das formas/sentidos das práticas discursivas e que contribuem para a produção, a reprodução ou a transformação das relações de dominação. (FAIRCLOUGH, 2001, p.117)

Fairclough (1989) aponta que “a linguagem é uma forma de prática social.” Infere-se assim, que essa prática, a linguagem, pode favorecer a manutenção ao a transformação de um sistema social excludente. Assim, a educação tem a função de formar sujeitos críticos, que não aceitem de forma natural esses discursos, sem compreender os contextos em que são empregados.

Outro aspecto levantado pelos entrevistados é o fato da internet disponibilizar informações contraditórias e muitas vezes falsas sobre algo. Os jovens não sabem em qual fonte devem confiar para fazer suas pesquisas, e muitas vezes se sentem perdidos. É nesse momento que surge o professor, que, já instruído criticamente desses meios, orienta o aluno, o fazendo refletir sobre as informações. Ele deve trazer a internet para sala de aula e orientar seu uso, uso esse não apenas técnico, mas, sobretudo de conteúdo.

Assim, é essencial a formação de professores para o uso das tecnologias a favor da aprendizagem. O uso da internet no processo de formação do professor deve ir além de uma perspectiva técnica.

Na formação de professores, é exigido dos professores que saibam incorporar e utilizar as novas tecnologias no processo de aprendizagem, exigindo-se uma nova configuração do processo didático e metodológico tradicionalmente usado em nossas escolas nas quais a função do aluno é a de mero receptor de informações e uma inserção crítica dos envolvidos, formação adequada e propostas de projetos inovadores. (MERCATO, 1999, p. 12)

O excesso de opinião também é outro fator que atrapalha a experiência. Bondía (2002) destaca que a necessidade de opinar sobre tudo e a todo o momento impede a experiência, a reflexão. Quando questionados se sentem necessidade de expor suas opiniões nas redes sociais, 40,74% dos estudantes disseram às vezes sentir necessidade, 35,18% sentem necessidade com frequência, 14,81% raramente sente necessidade e 9,25% não sente necessidade.

Em nosso sistema educacional atual é exigido das pessoas a apresentação, cada vez mais, da sua opinião sobre tudo, porém a opinião demanda tempo e reflexão, é o resultado de um processo crítico de aprendizagem. Opinar não deve ser um ato mecânico e sem significado. Ter uma opinião sobre tudo não é necessário, o que é preciso é pensar criticamente, e o resultado desse pensamento é a opinião. Quando a opinião é finalidade de algum processo, serve apenas para propagar discursos já estabelecidos.

Questionados sobre a importância de expor suas opiniões na internet os jovens entrevistados responderam:

S2: Exponho minha opinião com frequência. Publico e comento diversos assuntos em minhas redes sociais. Acho importante que as pessoas saibam minha opinião.

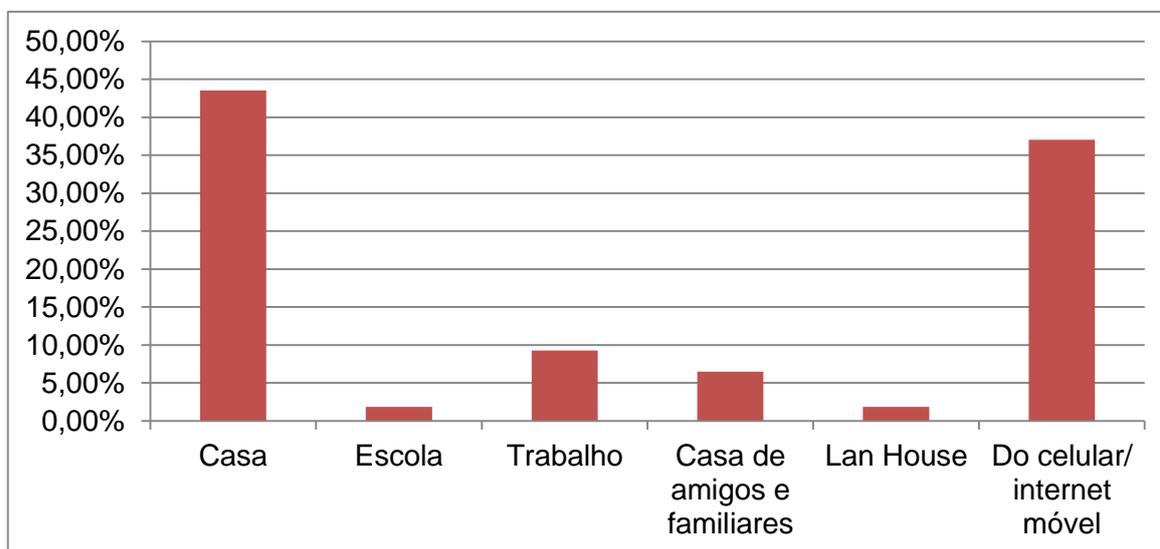
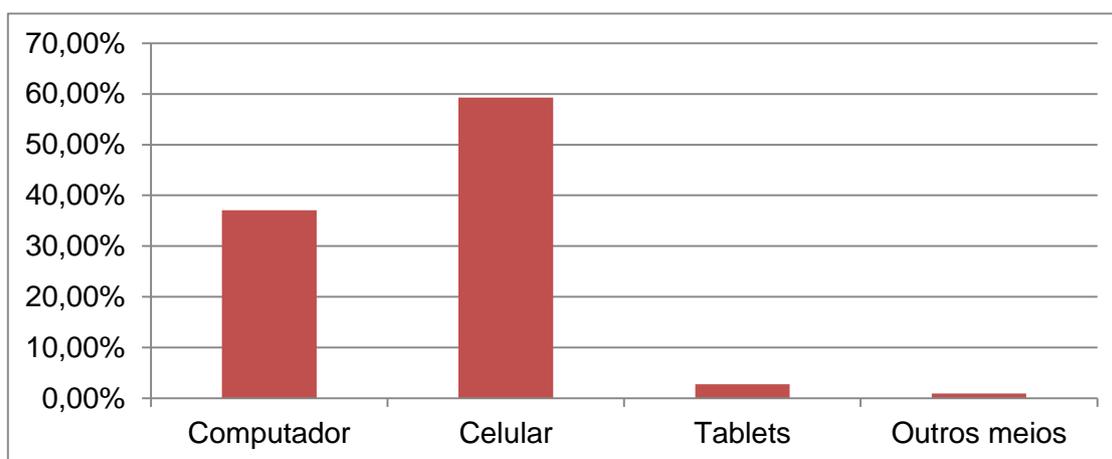
S3: Quando era mais nova sempre postava muitas coisas na internet, quando você começa a amadurecer percebe que certas coisas são fúteis ficar postando, você começa a se privar. Não necessariamente eu posto sempre o que eu estou pensando.

S4: Acho muito importante fazer os comentários. Eu particularmente não faço muitos comentários, pois eu acho que a partir do momento que a gente comenta algo a gente tem que ter 100% de certeza do que a gente está falando. Tem que ter conhecimento, e nem sempre a gente tem total conhecimento do caso. As informações contraditórias na internet confundem muito. Agora na época das eleições minha página do facebook tem informações diversas e contraditórias de um mesmo candidato. E daí não dá pra saber até

que ponto o que é verdadeiro ou não. E a sociedade te pressiona para que você tenha uma opinião formada de algo.

Os entrevistados S3 e S4 demonstram em suas respostas que o ato de opinar deve ser reflexivo. Eles apontam que fazem comentários na rede quando acham necessário. Porém o entrevistado S2 demonstra não amadurecer as informações da internet para expor suas opiniões.

GRÁFICOS 10 E 11 - MEIOS E OS LOCAIS AOS QUAIS OS JOVENS ACESSAM A INTERNET COM MAIS FREQUÊNCIA



Questionados sobre os meios que com mais frequência acessam a internet, 59,25% dos jovens responderam que acessam do celular e outros 37,03% do computador. Observa-se que com a crescente disseminação da

internet móvel o celular se tornou o principal meio de acesso a internet, que antes era do computador.

De acordo com o levantamento feito pela 9ª pesquisa TIC Domicílios divulgada pela CETIC (Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação), o número de brasileiros que acessa a internet por meio do telefone celular atingiu 52,5 milhões em 2013, representando 31% da população do país, o que corresponde a um crescimento de 106% em dois anos.

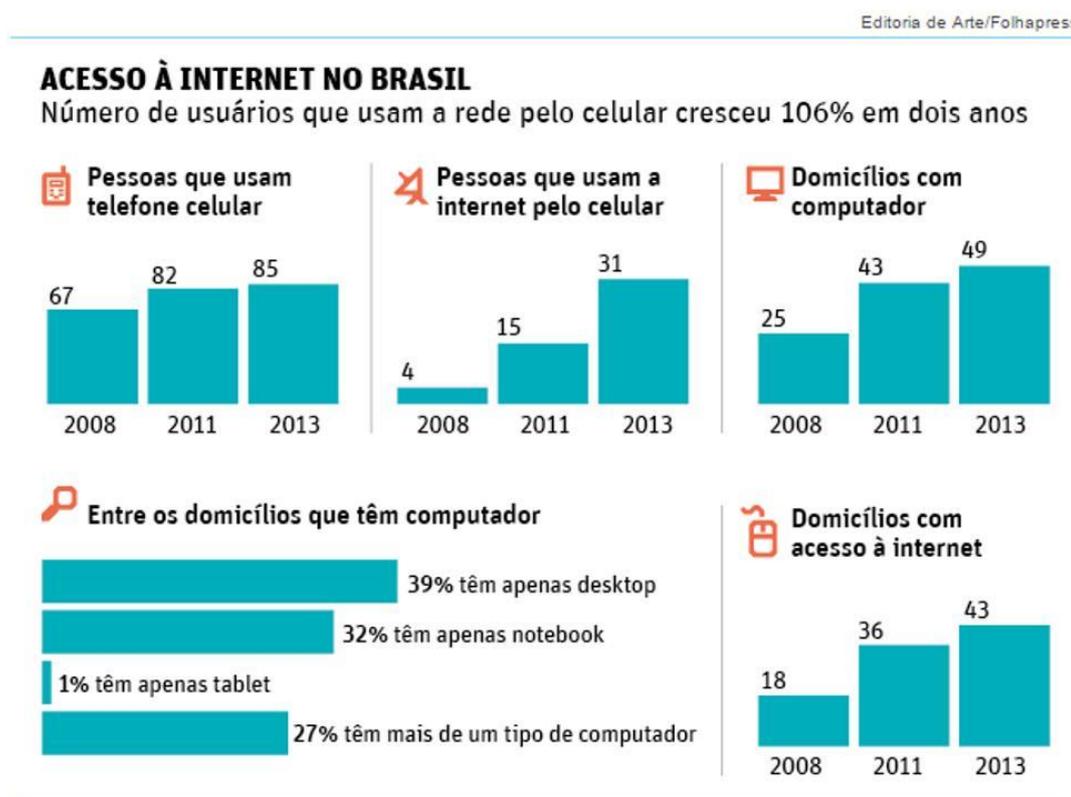


FIGURA 4: INFOGRÁFICO – JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO 2014 –
ACESSO À INTERNET NO BRASIL¹³

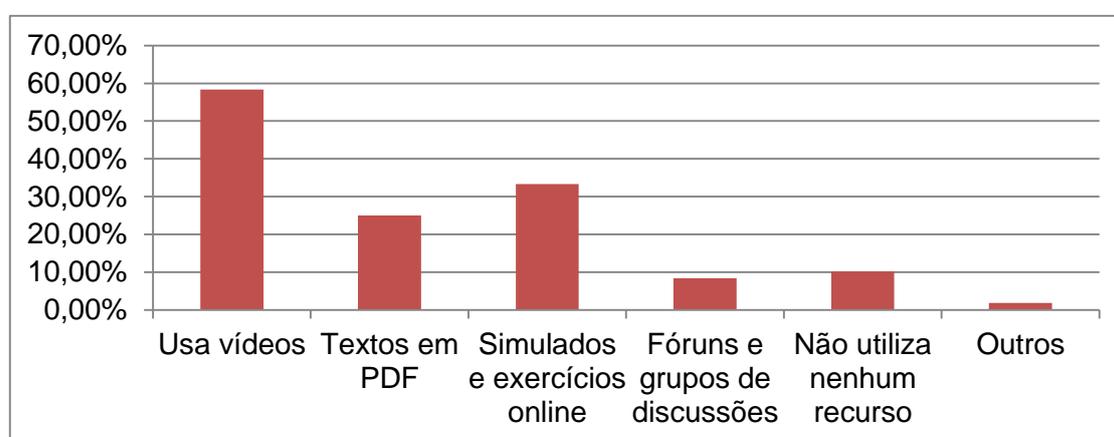
Ter internet móvel muda a forma de se relacionar e adquirir informações. Através de um aparelho pequeno e portátil pode-se estar conectado a todo momento. Responder e receber e-mail, acessar redes sociais, enviar mensagens, ler textos e artigos passam a ser coisas simples, que não

¹³ Cf. <http://www1.folha.uol.com.br/tec/2014/06/1476690-numero-de-brasileiros-que-usa-a-internet-pelo-celular-mais-que-dobra-em-dois-anos-diz-pesquisa.shtml>. Acesso em 26 de abril de 2015.

precisamos mais realizar, necessariamente, em nossas residências ou em uma Lan house. Essa constatação pode ser observada no Gráfico 11.

43,51% dos jovens acessam a internet de suas próprias residências, mas 37,03% já não vinculam o acesso a internet a um local específico. A internet móvel ganha espaço na vida dos estudantes. Outro dado interessante é que os jovens estão acessando mais a internet no ambiente de trabalho que em computadores da escola.

GRAFICO 12 - RECURSOS QUE OS JOVENS UTILIZAM PARA REFORÇAR ESTUDOS



Quando questionados sobre os recursos ligados ao computador que mais utilizam para reforçar seus estudos, os estudantes marcaram mais de uma opção. 58,33% usam vídeos, 33,33% usam simulados e exercícios online, 25% usam textos em PDF, 10,18% não utilizam nenhum recursos e apenas 1,85% utilizam recursos como livros e apostilas. Esses dados mostram que uma grande quantidade de estudantes utiliza algum recurso para reforçar seus estudos.

Os vídeos, que foram apontados pelos estudantes como importante ferramenta de estudos, trazem diversas vantagens. Algumas delas são: a possibilidade de se ver um vídeo mais de uma vez, ir pausando o vídeo para fazer anotações e a alternativa de poder assisti-los em qualquer local.

Moran (1994) aponta que pouco se investiu em programas de formação para capacitarem os professores para uma melhor utilização do vídeo em sala

de aula. Todos os estudantes relataram que são poucos os professores que utilizam vídeos em aulas.

Todos os entrevistados desta pesquisa fazem uso da internet em seus horários de estudo. Eles relatam que utilizam vídeos, artigos e textos. Nestes momentos utilizam as pesquisas na internet como forma de complementação e revisão dos conteúdos trabalhados em sala. Todos os entrevistados conhecem amigos que utilizam a internet para estudos.

S1: Eu uso sempre a internet. Procuo as vídeo-aulas, artigos comentados. Estudo bem e depois eu mesma faço alguns rascunhos. Meus professores de cursinho indicam muitos sites na internet para pesquisa.

S3: O pessoal do cursinho que utiliza vídeo aula para revisar o conteúdo já passado em sala. Pode ser como revisão e como aprendizagem. Pois muitas vezes não é aprendido esse conteúdo em sala e a internet, como uma forma diferente de ensinar, vira a fonte principal de conhecimento. Às vezes a linguagem do professor, não é a linguagem que você entende.

S4: Na hora dos estudos eu fico totalmente dependente da internet, por que tem sites básicos de pesquisa, como: Brasil escola , que eu realmente confio e pesquiso. Estudar apenas com livro é complicado, os livros estão desatualizados. Sem contar que para ter as informações que tenho na internet, em um único instrumento, eu precisaria de milhares de livros, um volume de material que eu não teria condições de carregar.

Os estudantes pesquisam na internet para todas as disciplinas. Os passos são os seguintes: em um primeiro momento o jovem vai em busca de uma sugestão de sites com alguém conhecido. Quando não há essa ajuda os estudantes por si próprios pesquisam em diversos sites. Dois dos entrevistados dizem que preferem estudar matemática com os vídeos de Salman Khan.

S2: Gosto das aulas do Salman por que ele vai direto ao ponto. Um vídeo dele tem em média 15 minutos, nele eu aprendo o que tenho que aprender. Na escola o professor perde três aulas para dar o mesmo conteúdo.

Salman Khan¹⁴, corretor financeiro e ex- aluno de Harvard, gravou vídeos curtos que explicavam matemática para sua prima, que tinha dificuldades com a disciplina. Como moravam em cidades diferentes, Khan decidiu mandar os vídeos para ela pela internet. Sua prima gostou e foi

¹⁴ Cf. <http://revistaeducacao.uol.com.br/textos/191/os-segredos-de-salman-khan-278807-1.asp>. Acesso em 10 de maio de 2015.

passando para os irmãos, primos, amigos, até chegar a mais de 220 milhões de exibições em todo o mundo.

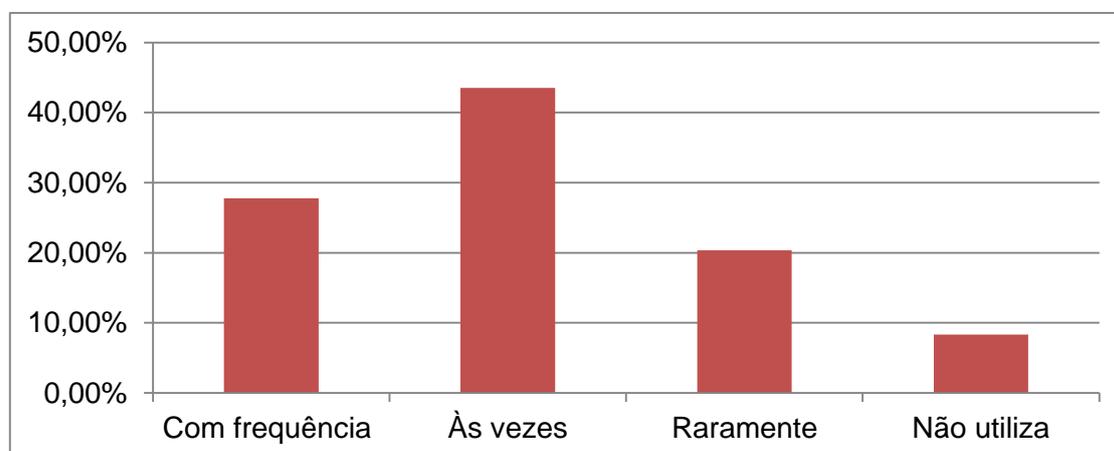
Quando chegaram ao Youtube, os vídeos se tornaram tão populares que Khan largou o mercado financeiro e passou a se dedicar à Khan Academy (<https://pt.khanacademy.org/>). A Academy é uma plataforma que, além de aulas online, disponibiliza exercícios e maneiras de registrar a evolução do desempenho de cada estudante. Para Khan esses sistemas ajudariam os professores a verificarem e entenderem facilidades e dificuldades dos alunos em relação a cada conteúdo ensinado.

No Brasil, algumas aulas de Khan foram traduzidas para o português e estão disponíveis no site da Fundação Lemann (<http://www.fundacaolemann.org.br/>). A Fundação Lemann é uma organização sem fins lucrativos, criada em 2002, desenvolve e apoia projetos educativos. Realiza pesquisas com parceria do governo federal para respaldar políticas públicas, visando melhorias na qualidade da aprendizagem dos alunos.

É nítido que as formas de aprender e ensinar estão mudando. Surge então a necessidade de planejar uma aula de acordo com os anseios dos alunos. Os jovens ficam dispersos com aulas longas e cansativas, por esse motivo procuram estudar por vídeo aulas curtas e diretas.

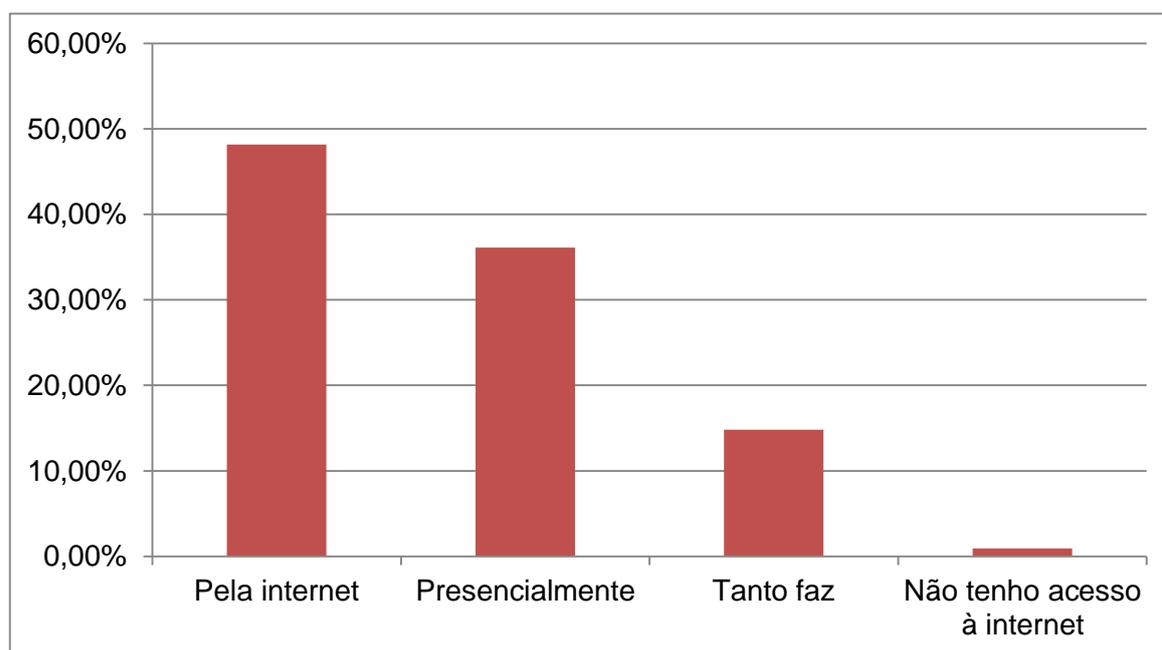
S3: Prefiro estudar por vídeo aulas, pois não perco muito tempo. No colégio, as aulas são longas e chatas e ai eu acabo viajando. Já quando assisto a uma vídeo aula compreendo o conteúdo, fico mais concentrado.

GRÁFICO 13 – O JOVEM USA A INTERNET NA AQUISIÇÃO DE CONTEUDOS TRABALHADOS EM SALA DE AULA PELO PROFESSOR:



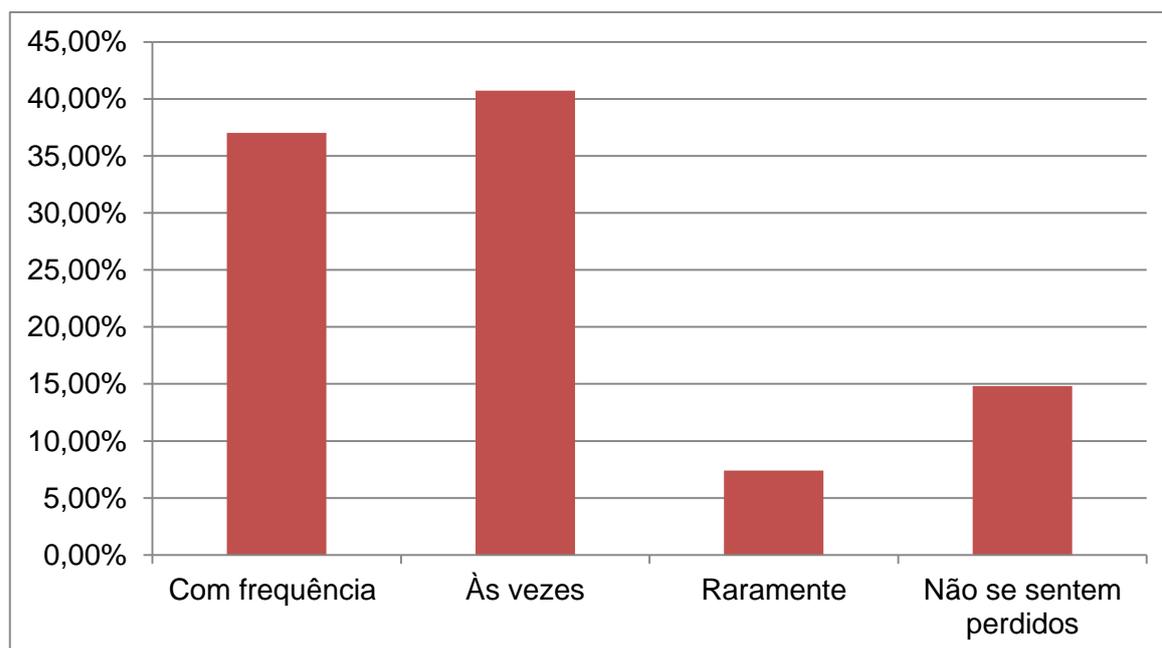
Sobre o uso da internet pelos estudantes na aquisição de conteúdos já trabalhados em sala, 43,51% dos jovens afirmam que utilizam a internet às vezes para aquisição de conteúdos trabalhados em sala, 27,77% dos jovens utilizam às vezes, 20,37% dos jovens utilizam raramente e 8,33% não utilizam. Conforme verificado os estudantes tem utilizado sites como Khan Academy, Youtube e o Brasilescola para o reforço do que foi dado em sala de aula.

GRÁFICO 14 - OS TRABALHOS EM GRUPO, PREFERE PREPARÁ-LOS E REALIZÁ-LOS:



Com relação a trabalhos em grupo, 48,14% preferem prepará-los e realizá-los pela internet, 36,11% presencialmente, 14,81% não tem preferência entre internet e presencial e apenas 0,92% não tem acesso à internet. Devido à facilidade de comunicação pela internet grande parte dos trabalhos escolares é realizada virtualmente.

GRÁFICO 15 - JOVENS SE SENTEM PERDIDOS AO REALIZAR ESTUDOS E PESQUISAS ESCOLARES NA INTERNET:



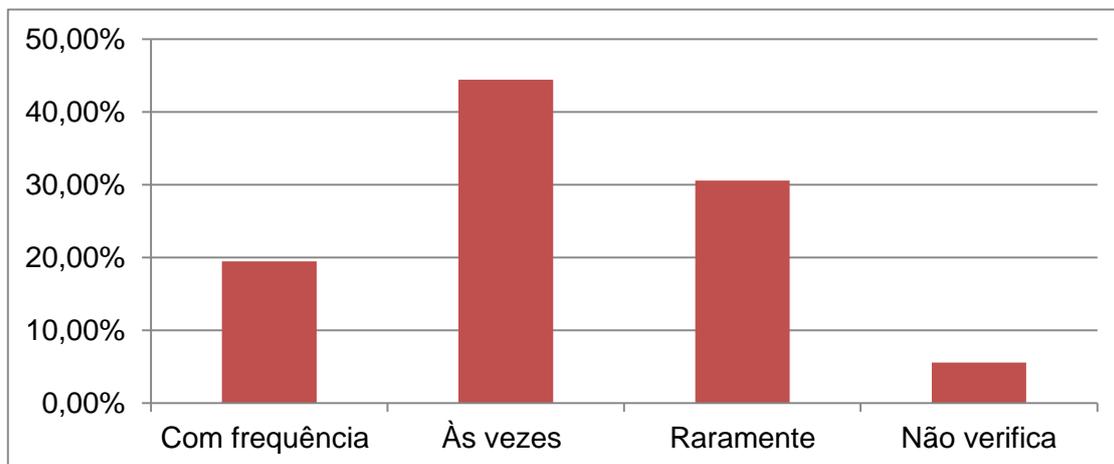
Questionados sobre os estudos utilizando a internet, 37,03% se sentem com frequência perdidos ao pesquisarem, 40,74% se sentem algumas vezes perdidos e 14,81% não se sentem perdidos, sabem exatamente onde devem pesquisar. As respostas mostram que, para a maioria, se sentir perdido em pesquisas na internet às vezes pode acontecer ou é frequente. Se sentir assim é normal, pois a quantidade de informações é abundante, assim, não se sabe onde se deve pesquisar e quais informações são corretas.

Esses dados mostram a importância da orientação do professor ou de um outro sujeito no processo de estudo e aprendizagem via internet. Os jovens entrevistados contam que, quando se sentem perdidos em pesquisas na internet, sempre recorrem a alguém: um familiar, um amigo ou um professor, para receberem algum auxílio, ainda que seja informal. Percebe-se assim a necessidade de uma orientação planejada e direcionada para esses jovens. Na escola esse papel pode ser feito pelo professor. O professor lidera o processo pedagógico, interfere e cria condições necessárias para apropriação do conhecimento.

O professor precisa saber (compreender) o que os alunos dizem ou fazem, o aluno precisa compreender o que o professor procura dizer-lhes. A transferência da aprendizagem se dá a partir do momento da

síntese, isto é, quando o aluno supera sua visão parcial e confusa e adquire uma visão mais clara e unificadora. (LUCKESI, 2003, p.72)

GRÁFICO 16 - OS JOVENS VERIFICAM SE AS INFORMAÇÕES ENCONTRADAS NA INTERNET SÃO CONFIÁVEIS:



Questionados sobre a verificação das informações encontradas na internet, apenas 19,44% dos jovens verificam a informação com frequência, 44,44% verificam às vezes, 30,55% raramente verificam e 5,55% não verificam. Sabe-se que nem tudo que é postado na rede é verdadeiro, muitas informações são falsas. Assim, se o jovem não questiona, não pesquisa e não procura saber o real conhecimento sua aprendizagem não tem significado.

Já existem sites especializados em desmentir notícias falsas que correm principalmente pelas redes sociais. Como, por exemplo, o site: www.e-farsas.com:

← → ↻ 🏠 www.e-farsas.com/mais-de-5-mil-sobrenomes-poderao-pedir-cidadania-na-espanha.html

Mais de 5 mil sobrenomes poderão pedir cidadania na Espanha?

📅 25 de março de 2014 💬 4 comentários 👁 1798 🗑 Falso, Política, Voltando a Circular 🏷 cidadania , espanha , farsa , hoax , judeus , lista , sefardista , sobrenomes



← → ↻ 🏠 www.e-farsas.com/mais-de-5-mil-sobrenomes-poderao-pedir-cidadania-na-espanha.html



Descendentes de judeus sefarditas poderão pedir a nacionalidade espanhola! Verdadeiro ou falso? (foto: Divulgação)

Verdade ou farsa?

Muita gente ficou iludida com a possibilidade de conseguir a nacionalidade espanhola após a **divulgação de uma lista com sobrenomes de judeus sefarditas** que, de acordo com a notícia, teriam direito ao passaporte automaticamente. **Mas tudo não passou de um boato!**

A notícia é **falsa!** O governo da Espanha **desmentiu** o fato no dia 24 de março de 2014 **ao jornal de língua espanhola 20 Minutos** e explicou que **o documento que circula pela web não é oficial** (portanto, não possui nenhum valor).

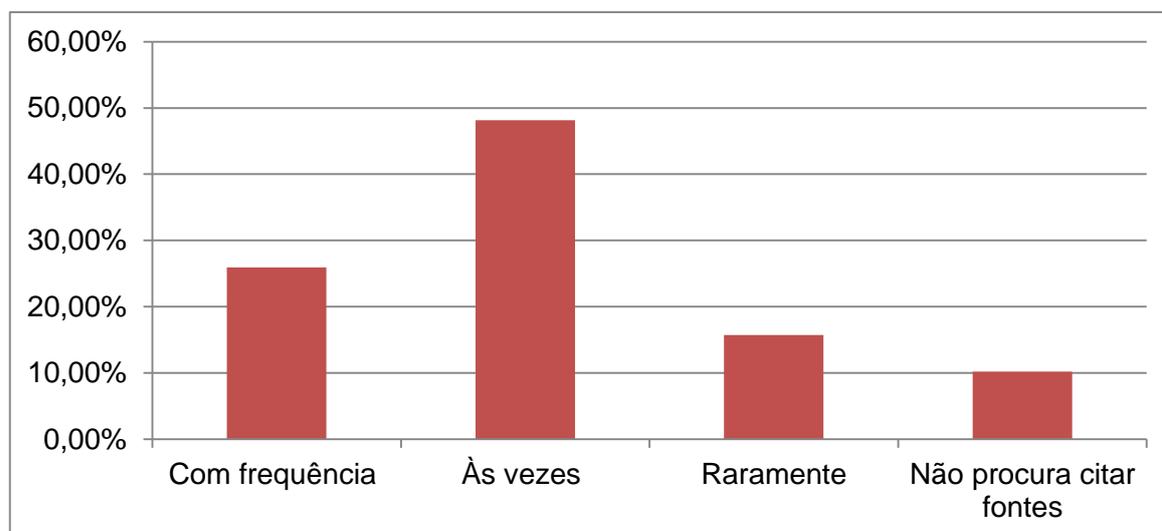
Origem

Não se sabe ao certo onde surgiu o boato, mas **descobrimos que ele nasceu de uma notícia real.**

FIGURA 05 - REPRODUÇÃO DO SITE E-FARSAS.COM

Como o jovem que verifica “às vezes” a idoneidade da notícia agiria em um caso assim?

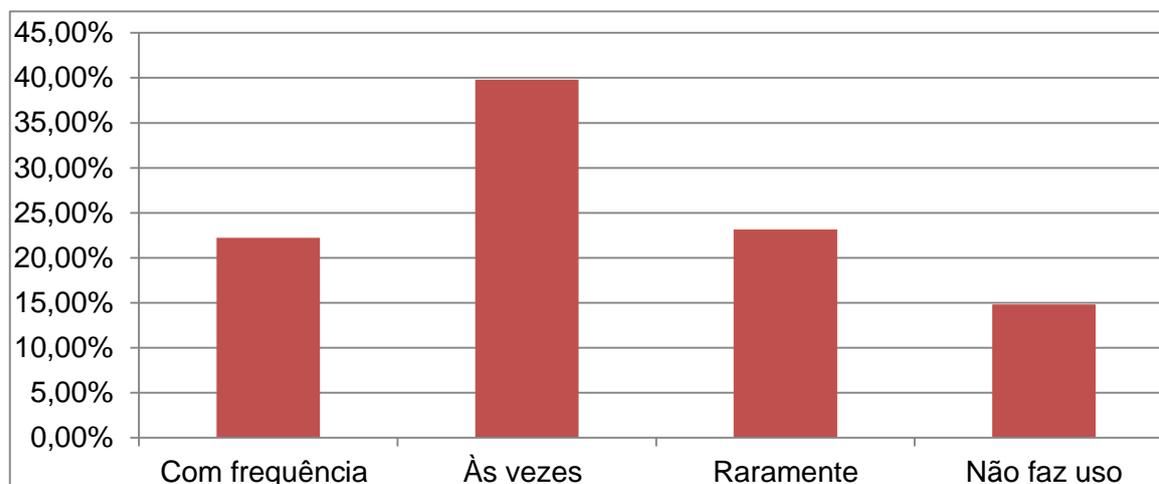
GRÁFICO 17 - NAS PESQUISAS QUE REALIZA NA INTERNET PROCURA CITAR AS FONTES PESQUISADAS:



Ainda com relação a verificação dos dados pesquisados na internet, 25,92% dos jovens citam as fontes pesquisadas com frequência, 48,14% citam às vezes, 15,74% raramente citam fontes e outros 10,18% não citam fontes. Essa questão destaca um problema da utilização da internet na atualidade: a negação de autoria e o plágio. Muitos jovens, ou por falta de instrução ou desleixo, não citam as fontes que pesquisam em seus trabalhos. O plágio e a negação de autoria podem se configurar quando se reproduzem ideias, conceitos, frases de outro autor (que as formulou e as publicou) sem dar o devido crédito ou sem citar a fonte de pesquisa. Assim, os estudantes continuam perpetuando conceitos de outros autores, não criam e não refletem sobre conhecimento algum.

Os alunos precisam ser orientados tecnologicamente. Segundo Sampaio e Leite (1999) “os alunos necessitam de uma alfabetização tecnológica que os transforme em indivíduos capazes de lidar com as mídias e se apropriarem de forma crítica e objetiva delas.” Essa alfabetização não está relacionada ao uso técnico dos recursos tecnológicos. A alfabetização em questão está relacionada à utilização dos conteúdos, voltada para seleção e criação de formas de estudo e aprendizagem.

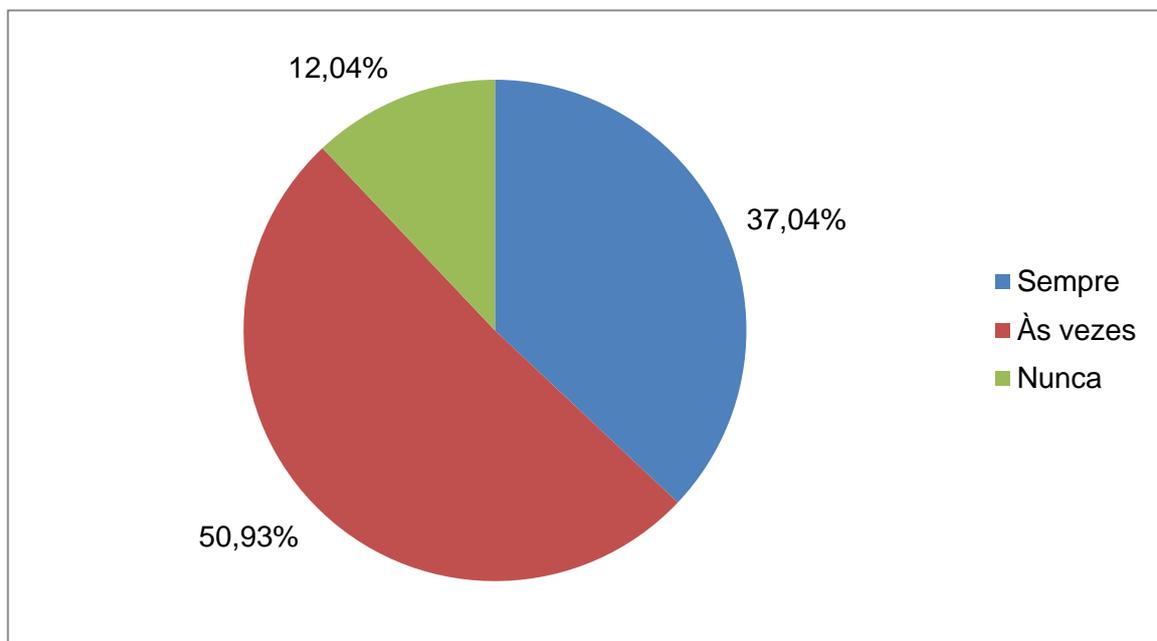
GRÁFICO 18 - QUANDO O JOVEM ESTÁ ESTUDANDO OU FAZENDO PESQUISAS NA INTERNET FAZ USO SIMULTÂNEO DE OUTRAS TECNOLOGIAS DE COMUNICAÇÃO, COMO TELEVISÃO E RÁDIO:



Sobre o uso simultâneo de tecnologias, 39,81% dos jovens disseram “às vezes” fazer uso simultâneo das novas tecnologias, 22,22% com frequência, 23,14% raramente e 14,81% não fazem uso simultâneo. Os dados destacam um hábito e característica dos jovens atuais: indivíduos multitarefas.

Ao mesmo tempo em que esses jovens estudam no computador, são capazes de ler notícias na internet, checar a página do Facebook no celular e escutar música no mp3 player. Executar todas essas atividades ao mesmo tempo não garante qualidade e profundidade nos estudos. As muitas possibilidades de acesso e a rapidez com que o jovem obtém a informação, não permitem o tempo necessário para aprender, pensar em si e no mundo. Para Bondía (2002) a construção da experiência demanda tempo e reflexão. Dividir a atenção fazendo muitas atividades ao mesmo tempo não possibilita um momento de aprendizagem significativa.

GRÁFICO 19 - AS REDES SOCIAIS DEVEM SER USADAS NAS ESCOLAS COMO FERRAMENTA DE APRENDIZAGEM PELOS ESTUDANTES:



Questionados sobre redes sociais, 50,92% dos jovens acreditam que elas devem ser utilizadas às vezes como ferramentas de aprendizagem pelos estudantes, outros 37,03% acreditam que elas devem ser utilizadas sempre e outros 12,03% acreditam que nunca devem ser utilizadas.

Analisando os dados percebe-se que os jovens acham que as redes sociais devem se integrar ao processo de estudo e aprendizagem. Como grande parte dos jovens tem perfis nessas redes e as utilizam constantemente é relevante pensar em formas de interagir e criar conhecimento através destas redes sociais. Conforme Gráfico 08, já analisado, o Facebook é a rede social mais acessada pelos jovens.

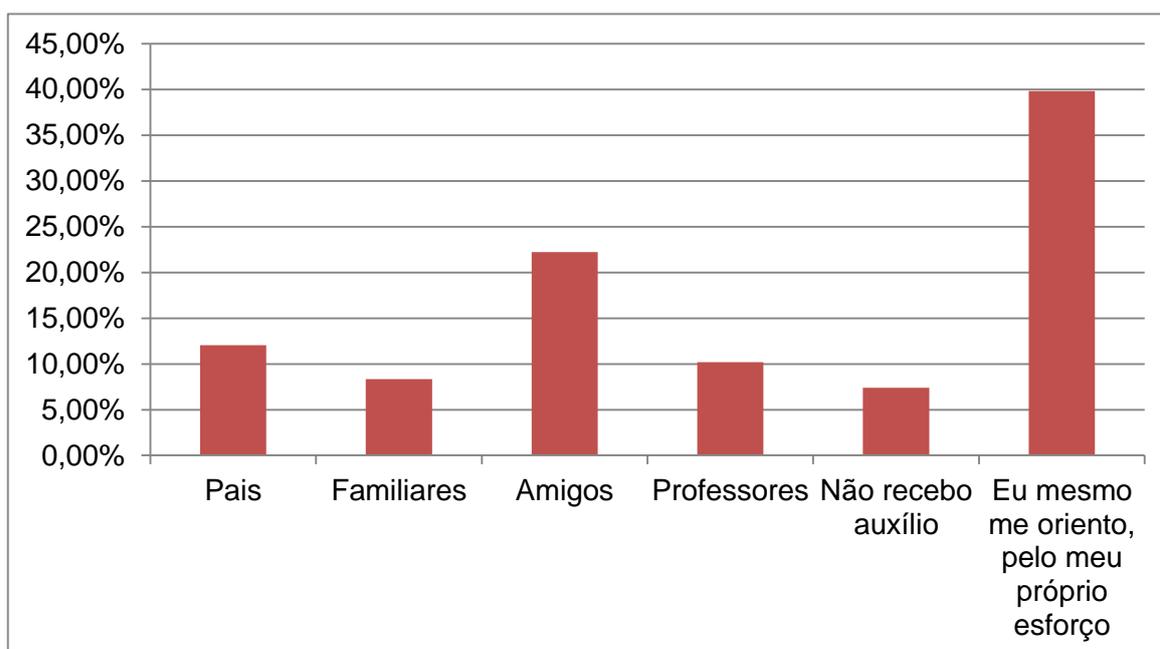
Quando indagados sobre se o fato de não participar dessas redes causaria prejuízo em contatos e interações pessoas, 55,55% dos jovens responderam que causa prejuízo, 31,48% disseram que não causa prejuízo e outros 12,96% não sabem.

O prejuízo ocorre, pois nas redes sociais é possível ter informações e interações em tempo real. Em uma sociedade em que a troca de informações é

cada vez mais rápida, não acessar redes sociais pode prejudicar a busca a informação atualizada e as relações sociais, correspondente a manter contato com amigos e familiares. Um exemplo dado por S3 é que “Na internet você está conectado com as pessoas, com as coisas, com o que acontece no mundo. Já o livro traz uma coisa mais teórica e fechada”. Os estudantes entrevistados relatam que participam de redes sociais principalmente para manterem os contatos com amigos fora do ambiente escolar.

EIXO 3- MODO DE INVESTIMENTO PEDAGÓGICO FAMILIAR, **HABITUS FAMILIAR.**

GRÁFICO 20 – ALGUÉM QUE MAIS AUXILIA VOCÊ EM ESTUDOS E PESQUISAS ESCOLARES UTILIZANDO A INTERNET



Sobre os auxílios que os jovens recebem em pesquisas escolares utilizando a internet, 39,81 % dos jovens se orientam na internet pelo seu próprio esforço, 22,22% recebem o auxílio dos amigos, 12,03% recebem auxílio dos pais, 10,18% recebem auxílio dos professores, 8,33% recebem auxílio de familiares e 7,40% não recebem auxílio. Os dados apontam um número pequeno de professores que auxiliam nessas pesquisas. Na grande

parte das vezes o jovem tem que, pelo seu próprio esforço, correr atrás da informação.

Investigados sobre os modos de investimento pedagógico familiar, todos os jovens entrevistados relatam ter computador em casa e acesso à internet. Dois dos sujeitos disseram que a aquisição do computador foi para lazer e diversão e que somente depois ele foi utilizado para estudos.

A fala de S4 mostra a influência do pai em seu modo de usar a internet. No relato percebe-se o pai do estudante como um portador de Capital Cultural e que por meio de suas relações com o filho, este Capital, encontrou condições possíveis de ser transmitido. S5 afirma que ter acesso a internet e computadores não favorece apenas os jovens, mas também aos pais.

S4: Sim, por que o meu pai é jornalista então ele precisa de muitas informações. Então, eu sempre tive acesso a computadores e a internet. Sempre procuro observar em que sites meu pai pesquisa na internet. Faço leituras neles para ficar atualizado

S5: Minha família adquiriu computador também por que meus pais estudam. Tanto pra mim quanto para eles é um benefício

S6: a aquisição desse instrumento foi com a finalidade de estudar, mas não é o que acontece sempre é utilizado mais como lazer. Mas quando se concentra e foca mesmo em estudar é uma grande ferramenta.

Todos os entrevistados relatam que recebem algum tipo de auxílio em pesquisas escolares com a utilização da internet. Alguns recebem auxílio de familiares, outros de amigos. Observando a fala dos estudantes percebe-se que o auxílio por parte de familiares e amigos, são muitas vezes auxílios intuitivos e desordenados, baseados em suas próprias experiências. Nos relatos de S1 e S4, fica claro que a bagagem cultural de sua família influencia nos usos que fazem da internet. S3 destaca a influência dos professores de cursinho e dos amigos. Analisando as falas de S6 e S2 percebe-se que, quando não recebem auxílio de familiares, os jovens procuram a ajuda de amigos.

S1: A maioria da minha família já é formada e eles de uma certa maneira me auxiliam em questão de sites que devo buscar, livros. Eles me ajudam muito pelo fato de terem mais experiência que eu. Por terem formação acadêmica eles me incentivam muito.

S2: São mais os meus amigos que me auxiliam, que eu peço informações. Minha mãe e meu pai trabalham e também não sabem mexer na internet

S3: Tenho muita influência de professor e amigos, nem tanto da família. Os amigos que já pesquisaram me passam dicas. Os professores são do cursinho, raramente são os professores da escola que ajudam. Os professores do cursinho ensinam onde devemos

procurar conteúdos para estudar para o vestibular. Como canal de vídeo aulas.

S4: Meu pai me ajuda muito, minha mãe é professora é me ajuda muito. Geralmente eu sempre pesquiso e vou até meu pai e ele me diz se está certo ou errado.

S6: É mais os amigos que me ajudam. Minha família não tem muita informação, muita instrução e não mexe com computador e internet. Recebo ajuda do meu primo, que está sempre tentando me ajudar, ele é o mais velho. Sempre me ajuda com sites para estudo.

Questionados sobre a cobrança familiar do desempenho escolar, todos confirmam que os pais cobram muito sobre o rendimento escolar dos seus filhos:

S1: Minha família cobra bastante! No ano de 2012 eu me mudei para Brasília para estudar e fazer cursinho. Minha mãe me cobra muito. Tenho medo de frustrar meus pais, eles pagam cursinho, investem em mim. Fico pensando se não conseguir agora, o que vai ser de mim.

S2: Meu pai e minha mãe cobram de mim. Meu pai não terminou os estudos e minha mãe só terminou o ensino médio, por isso eles estão sempre me mostrando que sem os estudos não conseguimos ir pra frente, que a gente precisa se formar, ter uma vida estável. Eles não querem a mesma vida deles para mim, querem o melhor.

S3: Sinto mais cobrança por parte da minha mãe, meu pai não é tanto de cobrar. Ela cobra por que ela não quer o que ela teve pra mim, ela quer o melhor. E também tem a pressão da família, tenho primos já em faculdade. A pressão é maior nesse ano de vestibular, de decisão pra vida. Eu fico com medo de tomar uma decisão, por que tem tanta gente falando e esperando algo de você. Fico pensando que se não conseguir vou decepcionar esse tanto de gente. A cobrança vem de você mesmo, fico com medo de não ser boa o suficiente e decepcionar as pessoas que amo.

S5: Sim, meu pai cobra mais. Por que nossa família é toda formada, todos têm estudos, meus primos têm notas boas. Cobra tanto de mim quanto do meu irmão

Todos os entrevistados afirmam que os pais não monitoram sua utilização da internet, tempo e tipo de conteúdo. Porém os pais dos entrevistados instruem os filhos a não postarem informações pessoais na rede por questão de segurança:

S4: A minha família nunca regrou o horário de ficar na internet, até por que eu uso sempre em todo lugar pelo celular. O que acontece é um monitoramento com relação a minha segurança. Eles procuram saber com quem eu converso e que tipo de informação pessoal eu estou postando, esse tipo de coisa.

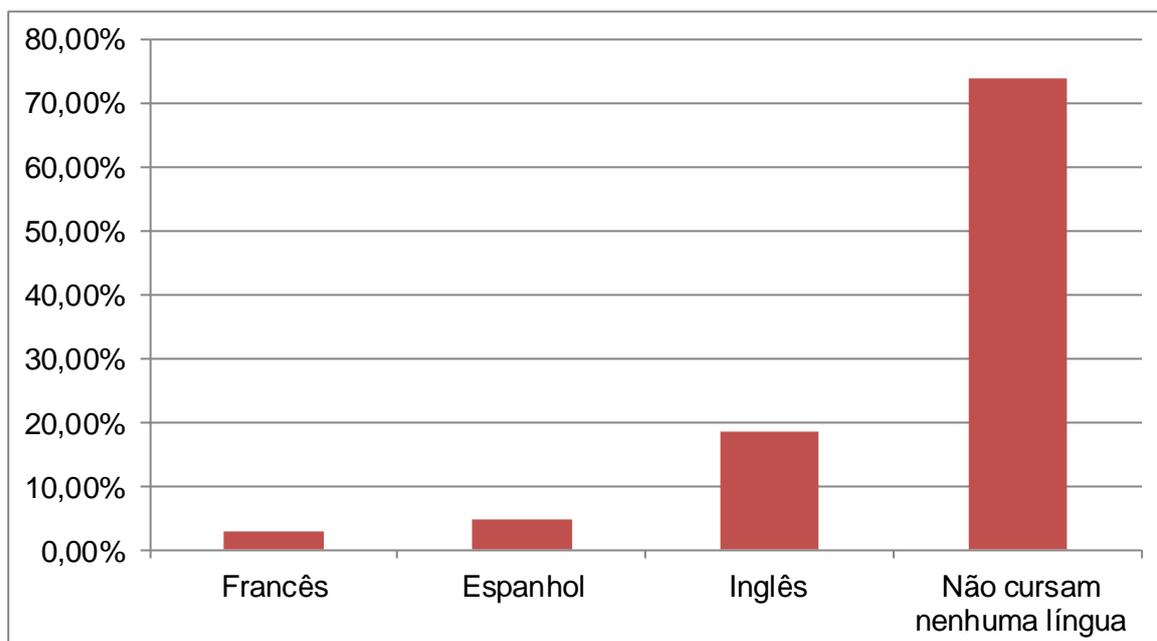
S5: Minha família não me monitora, só me auxilia, por exemplo: não coloca isso em tal site. Mas pelo cuidado com a informação exposta na rede.

S6: A minha família não monitora muito. Eles ficam de olho querendo saber o que eu estou fazendo, tem a preocupação com o que eu estou mexendo, com a questão da segurança minha. Eles me instruem com relação ao cuidado que devo ter com as informações

postadas na net. Exemplo: fotos, locais em que estou, número de telefone.

Outro dado fornecido pelos entrevistados é o fato de ser difícil monitorar, por parte dos pais, as informações que os jovens acessam do celular. Com a criação da internet móvel fica mais difícil os pais ficarem atentos ao que os filhos estão acessando.

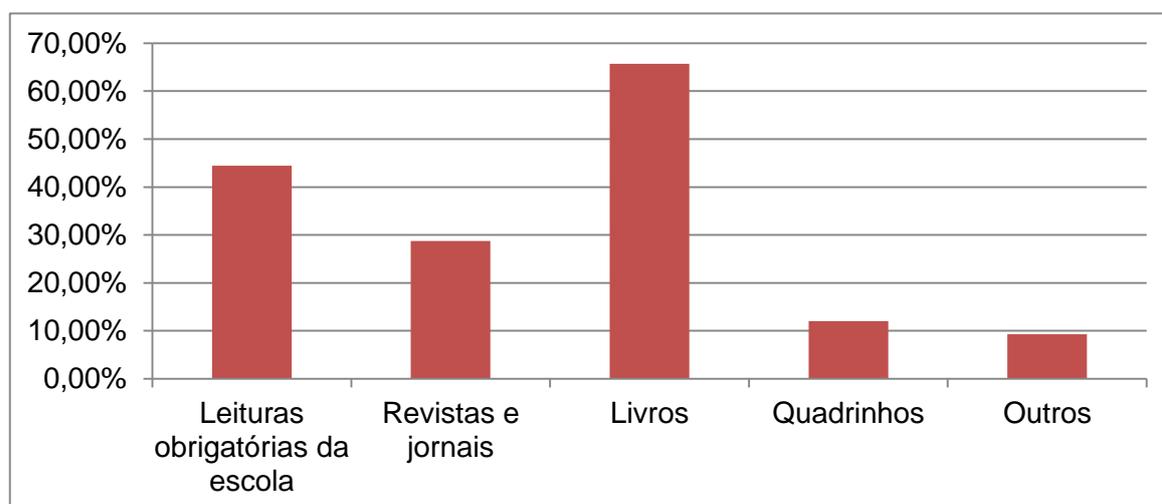
GRÁFICO 21- LÍNGUA ESTRANGEIRA



A maioria dos estudantes, 74,07% dos estudantes não cursam nenhuma língua estrangeira, outros 18,51% estudam ou já concluíram o curso de inglês, outros 4,62% estudam ou já concluíram o curso de espanhol e outros 2,77% estudam ou já concluíram o curso de francês. Esses dados indicam pouco investimento de Capital Cultural dos entrevistados, ou seja, pouca vantagem cultural com relação a outros jovens que estudam línguas.

O pouco investimento em um curso de línguas é reflexo também do pouco capital econômico das famílias. Devido à pouca renda esses estudantes não têm acesso a certos bens e serviços. Apesar da região de Ceilândia possuir um Centro Público de estudos de línguas custeado pelo Governo Distrital ele não consegue atender toda a comunidade.

GRÁFICO 22 - O QUE LÊ COM FREQUÊNCIA



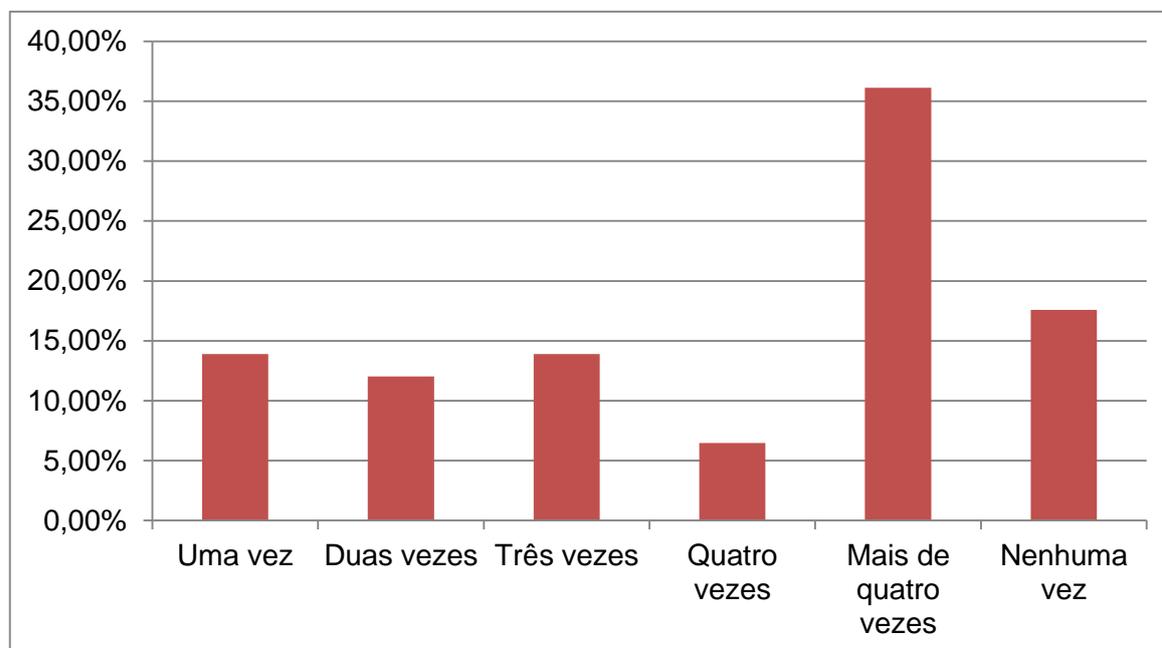
Quando questionados sobre que tipo de leitura que fazem, os estudantes marcaram mais de uma opção. 65,74% dos estudantes marcaram a opção livros em geral, 44,44% marcaram leituras obrigatórias da escola. Percebe-se uma diferença de mais de 20% entre a leitura de livros em geral e os obrigatórios, o que mostra a disponibilidade dos estudantes em realizar leituras além das indicadas. Com uma orientação adequada (sem necessariamente a obrigatoriedade da leitura de determinados títulos), o estudante pode aproveitar ainda mais dessa atividade fora da escola, muito dessa leitura, com os chamados e-books¹⁵, que podem ser adquiridos até mesmo de forma gratuita pela internet.

Como vimos em um gráfico anterior (gráfico 18), os estudantes disseram não conhecer muitas fontes confiáveis na internet. Porém, ao analisar os dados sobre o tipo de leitura dos estudantes, observa-se que eles leem poucas revistas e jornais, meios que poderiam ser e conter fontes confiáveis, tanto em suas matérias quanto em seus respectivos sites. Um jornalista ao fazer uma reportagem para um jornal ou revista, deve, por obrigação, consultar ou entrevistar fontes confiáveis e, a partir dessa apuração do jornalista, o

¹⁵ E-books são livros em formato digital. Podem ser lidos no próprio computador, celular, tablets ou em dispositivos específicos para este fim, os chamados e-readers. Cf. <http://www.tecmundo.com.br/educacao/1519-o-que-e-e-book-.htm>. Acesso em 10 de maio de 2015

estudante poderia agregar também essas fontes. A falta desse tipo de leitura, ainda que não seja por meio digital, acaba por prejudicar na busca por essas fontes.

GRAFICO 23 - QUANTAS VEZES FOI AO CINEMA DESDE JUNHO DE 2013



Observando a frequência com que esses sujeitos vão ao cinema, 36,11% responderam que foram mais de 4 vezes dentro do período de um ano, e outros 17,59% não foram nenhuma vez, visto que as entrevistas foram realizadas no mês de junho de 2014. A região de Ceilândia possui apenas um cinema. Esse fato interfere na aquisição de pouco capital cultural nesta área. Outra questão é o pouco capital econômico, o que influencia no poder compra, por exemplo, de ingressos, o que acaba interferindo diretamente na aquisição de Capital Cultural.

A frequência com que os sujeitos vão ao teatro é ainda menor, apenas 5,55% dos sujeitos foram mais de 4 vezes ao teatro dentro do período de um ano, e outros 22,22% não foram nenhuma vez.

O não oferecimento por parte do Governo desses espaços culturais educativos pode ser um indício do objetivo de manutenção da alienação dos sujeitos. Segundo Bourdieu (1998, p.225) “bens culturais são mecanismos de

poder e dominação.” A frequência com que estes estudantes vão ao teatro tem relação ao Capital Cultural no estado objetivado e incorporado.

O Capital Cultural no estado objetivado detém um certo número de propriedades que se definem apenas em sua relação com o Capital Cultural em sua forma incorporada. O Capital Cultural objetivado em suportes materiais, tais como escritos, pinturas, monumentos etc, é transmissível em sua materialidade. (Bourdieu, 1998, p.77)

Sobre frequência com que os estudantes vão a exposições culturais, 0,92% dos entrevistados foram mais de quatro vezes e 34,25% não foram nenhuma vez dentro do período de um ano.

GRÁFICO 24 - FREQUENTA ALGUM CURSINHO PREPARATÓRIO PARA VESTIBULAR, ENEM OU PAS.



Quando questionados sobre cursinho preparatórios, 94,44% não frequentam cursinho preparatórios e apenas 1,85% frequentaram por 1 semestre. Este dado mostra a falta de investimento destes estudantes em uma preparação para ingresso no nível superior. Todos os jovens entrevistados se mostraram interessados em ingressar no nível superior, porém são poucos os que se preparam para o vestibular. Para realizar essa preparação através de um curso é necessário investimento econômico alto. O preço médio de uma

mensalidade de um cursinho preparatório para o vestibular no Distrito Federal é de R\$ 300,00¹⁶.

O investimento em cursinhos preparatórios por algumas frações de estudantes de classes populares mostra-se uma estratégia compensatória para acesso a um determinado Capital Cultural. A escola pública não exerce função de preparar os alunos para o ensino superior, como relata S1: “Os professores da escola pública não se importam com o vestibular. Na escola, são poucos os professores que dão aulas para preparação de vestibulares, por esse motivo meus pais estão apertando as contas e pagando um cursinho preparatório pra mim, no cursinho o conteúdo é muito mais focado.” Identifica-se na fala de S1 o ascetismo nas classes populares.

Segundo Bourdieu (1987) ascetismo é a disposição das classes médias para renunciarem aos prazeres imediatos em benefícios de projetos futuros. Percebe-se que as classes populares, de acordo com as suas condições, buscam formas de compensar as desigualdades, adotando assim comportamentos de outras classes. Existem sujeitos de grupos sociais que apresentam expressões, distinções no que diz respeito a busca de conhecimentos, valores e gostos de sujeitos de outros grupos sociais.

GRÁFICO 25 - ESCOLARIDADE PAI

¹⁶ Cf. <http://guiadoestudante.abril.com.br/vestibular-enem/cursinhos/#DF>. Acesso em 26 de abril de 2015.

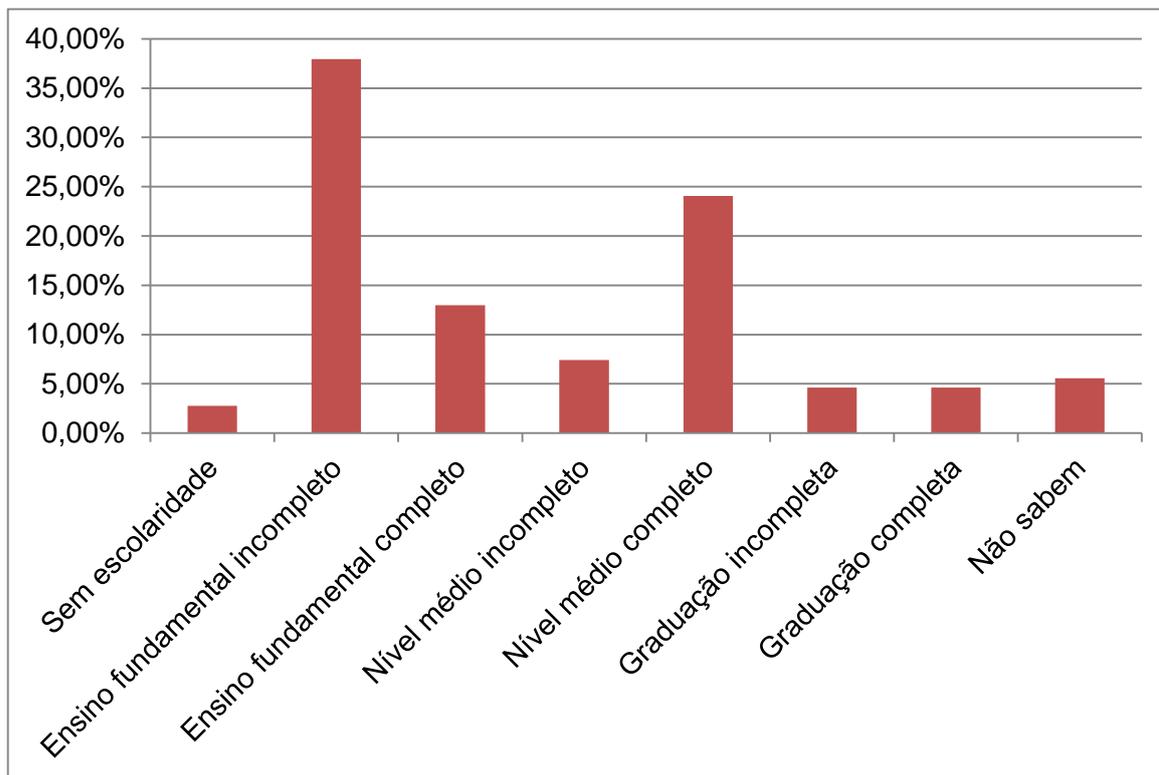
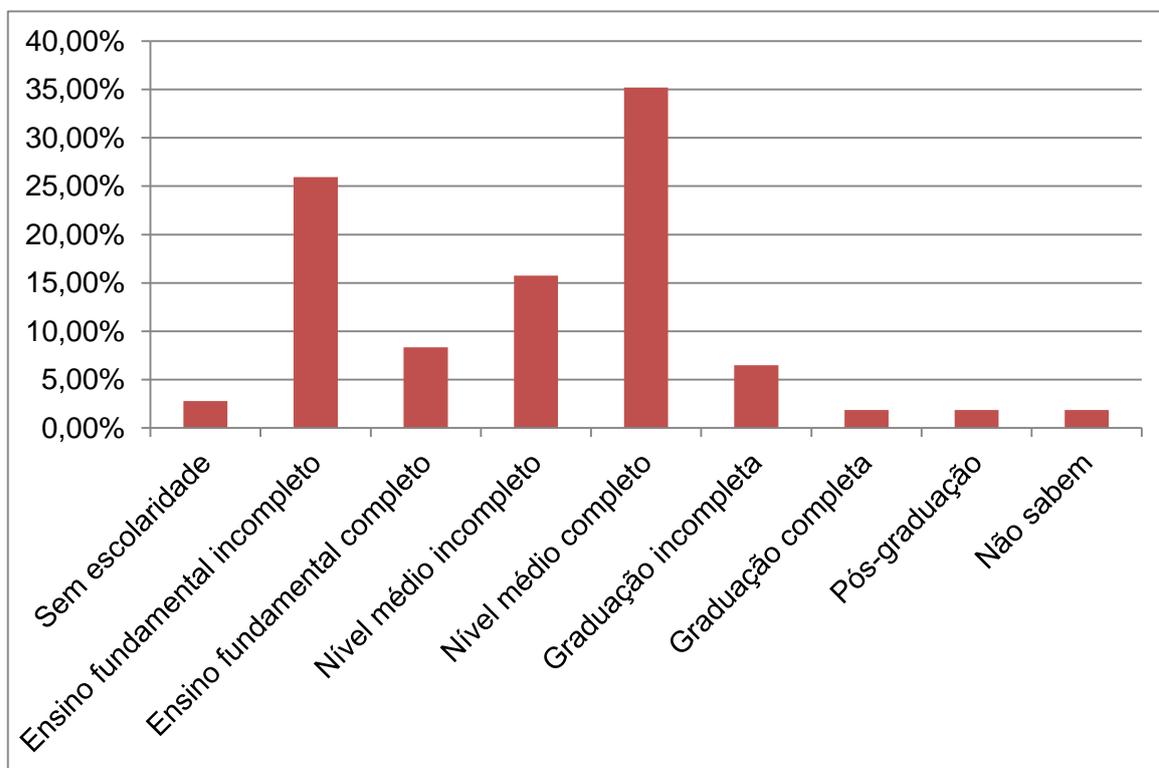


GRÁFICO 26- ESCOLARIDADE MÃE



Analisando os gráficos referentes à escolaridade dos pais e das mães, percebe-se que a porcentagem maior de escolaridade dos pais é o ensino fundamental incompleto com índice de 37,96%. Já com relação às mães a porcentagem maior está no ensino médio completo que é de 35,18%. Esses dados confirmam o nível de escolaridade maior das mulheres, visto que os homens muitas vezes interrompem seus estudos para ingressarem no mercado de trabalho.

Percebe-se a presença de poucos portadores de Capital Cultural nas famílias dos estudantes pesquisados, fato se observa pela porcentagem pequena de pais que tem graduação completa e pós-graduação. Segundo Bourdieu (1998) o Capital Cultural incorporado é transmitido pela cultura familiar e constitui-se em uma base de herança cultural que atua influenciando o futuro escolar dos descendentes, pois as referências trazidas de casa facilitam o aprendizado dos conteúdos escolares, servindo como uma ligação entre a família e a escola.

O fato dos pais dos sujeitos da pesquisa apresentarem baixos índices de escolaridade, ou seja, baixo patrimônio cultural familiar constitui um elemento de herança familiar que tem impacto na definição do destino escolar de seus sucessores. Esse patrimônio hereditário não é nato do sujeito, mas sim, é inculcado e assimilado de forma inconsciente, como um habitus. Pais diplomados podem configurar uma fonte de Capital Cultural, transmitindo-o aos seus sucessores, dando assim condições de uma aprendizagem efetiva e, conseqüentemente, índices mais elevados de escolarização.

Porém para Lahire (1997) a transmissão do Capital Cultural depende da situação de seus portadores, de cuidar da educação de seus filhos, da possibilidade de transmitir e de acompanhá-los nas criações dessas disposições. Percebe-se que o Capital Cultural familiar só exercerá efeitos sobre seus descendentes se ele encontrar meios de ser conduzido.

GRÁFICO 27 - HORÁRIOS DEFINIDOS DE ESTUDO EM SUA FAMÍLIA



Questionados sobre horários de estudo definidos, 46,29% dos jovens, em suas famílias, não tem horário de estudo definidos para realizar as atividades da escola, 25,92% tem horário de estudo definido, 22,22% às vezes tem horários definidos de estudo e 5,55% nunca tem horários definidos de estudos.

A organização racional do cotidiano com atividades e horários de estudo a serem cumpridos são essenciais para o sucesso escolar. Segundo Lahire (1997) “a regularidade das atividades, dos horários, as regras de vida estritas e recorrentes, os ordenamentos, as disposições ou classificações domésticas produzem estruturas cognitivas ordenadas, capazes de pôr ordem, gerir e organizar o pensamento”.

Compreende-se que quando o estudante vive em sua casa momentos ordenados de estudos, com horários rigorosos, adquirem métodos de organização e estruturas cognitivas ordenadas de ideias e ações diversas. Esse processo acontece sem o sujeito perceber, como um habitus, e interfere diretamente em seu desempenho escolar.

Através dos dados do Gráfico 27 podemos inferir que uma quantidade significativa de jovens não fazem dos estudos regulares um hábito, ou seja, não estudam de modo constante, com frequência.

Quando entrevistados sobre as horas que estudam diariamente para realizar as tarefas de casa, três entrevistados: S2, S3 e S6 não fazem do estudo uma rotina, estudam apenas nas vésperas dos exames. Os outros três entrevistados: S1, S2, e S5 estudam todos os dias, não apenas para tarefas de casa, como também para o vestibular.

S1: Durante o primeiro semestre eu estudava 5 horas por dia, mas agora como está chegando o vestibular eu aumento minha carga horaria em 2 horas.

S4: No meu primeiro semestre eu estava estudando apenas 1h ou 1h e meia. Agora como me inscrevi em diversos vestibulares estou estudando de 2 a 3 horas.

EIXO 4- MODO DE INVESTIMENTO PEDAGÓGICO ESCOLAR, HABITUS ESCOLAR.

S1: Poucos professores da minha escola se preocupam em passar sites e alternativas de estudos. E geralmente, quando algum professor instrui ele passa só o site, entrando no site você tem que se virar. Também não cobram resultado desse conselho, não cobram o que você pesquisou e aprendeu lá. O professor da escola pública não se importa com a aprendizagem verdadeira do aluno, se o aluno passou, teve media, para o professor tudo bem.

S2: Os professores passam os trabalhos, mas não passam sites de sugestão para pesquisa. Ai a gente vai e se vira. Os professores apenas incentivam, não instruem.

Os estudantes afirmam que são poucos os professores que prestam algum auxílio com relação à utilização da internet. No relato de S1 percebe-se que quando raramente algum professor dá algum auxílio, esse ainda é superficial, como uma dica e não algo orientado e trabalhado ao longo do ano. Na fala também, destaca-se a presença do professor tradicional, aquele não que não se importa com a aprendizagem efetiva do aluno, dando valor apenas em notas e méritos. O discurso do entrevistado S2 mostra que os professores incentivam a pesquisa na internet, mas não fornecem suporte metodológico para tal fim.

Os professores não realizam uma orientação efetiva da utilização da internet, porque não foram e não são formados para lidar com a internet em um contexto educacional. Moran (2008) revela as irregularidades entre a forma como os professores e alunos se relacionam com os hipertextos eletrônicos e com sua linguagem não linear: para o jovem lidar com a internet é algo que sempre fez parte do seu cotidiano, eles já estão familiarizados com abordagens não-lineares, porém para os professores lidar com a internet ainda é algo muito novo e confuso.

S2: Minha escola tem uma sala de informática, mas o acesso não é aberto para todos, é muito restrito. A sala está cheia de computadores, mas a metade esta em manutenção. A internet também é muito lenta... Acaba que não gera interesse. Não é como a biblioteca que esta aberta, tem a orientadora, você chega entra e utiliza.

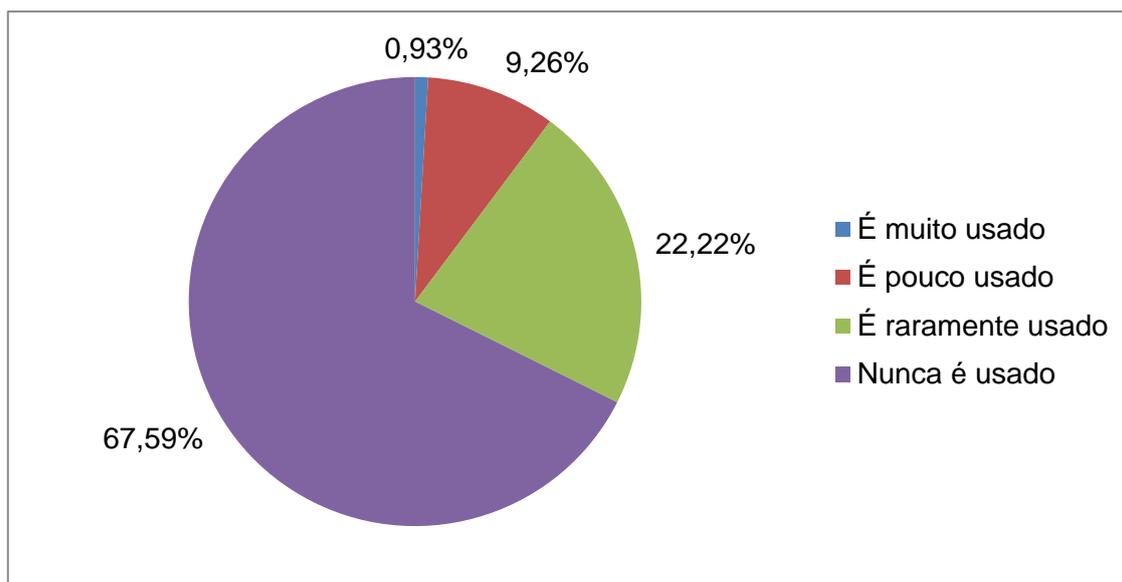
S4: Na minha escola tem computadores sim, mas quase nunca uso. Em casos especiais, eu já usei, para ajudar uma amiga minha em um trabalho de recuperação. Mas para usar tem que pedir autorização da direção, tem que confirmar que vai usar, eles tem que abrir a sala. O uso não é liberado, tem que pedir autorização da direção.

S6: Já teve caso, na minha sala, que a professora levou a turma para sala de informática para alunos pesquisarem, porém como os computadores são difíceis de mexer por causa do sistema operacional e da internet lenta. Mais atrapalhou do que ajudou a professora.

Todos os entrevistados relatam fazer muito pouco uso do laboratório de informática da escola. Os motivos são diversos, como: manutenção dos computadores, conexão ruim da internet e a falta de um supervisor para acompanhar os alunos. Mesmo a escola possuindo sala de informática e acesso à internet, ainda há uma grande distância entre o aluno e o computador. A presença do computador no ambiente escolar não garante efetividade no estudo e aprendizagem.

O entrevistado S5 relata que “para liberar o acesso a internet tem que ter maturidade, pois muitos de nós estudantes, assim como eu, vamos ficar grande parte do tempo fazendo coisa inúteis, como no Facebook”.

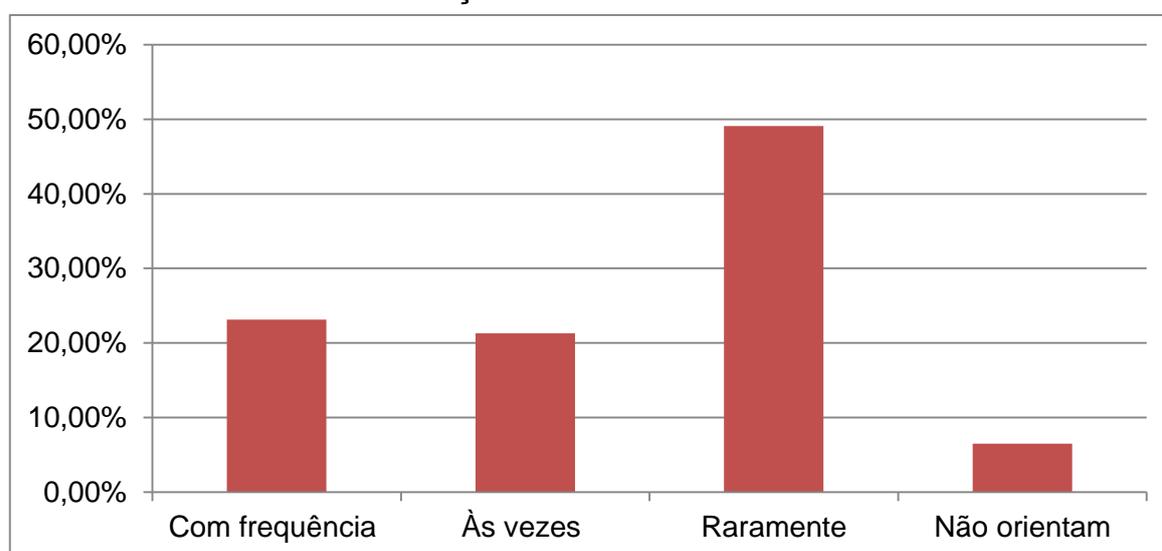
GRÁFICO 28 - LABORATÓRIO DE INFORMÁTICA DA ESCOLA



Sobre o laboratório de informática da escola, 67,59% dos jovens relatam que ele nunca é usado, outros 22,22% relatam que é raramente usado e outros 9,25% relatam que é pouco usado. A escola possui laboratório de informática com cerca de 40 computadores.

Não há dúvidas da importância da utilização da internet no processo de ensino e aprendizagem. Assim, é papel da escola auxiliar o aluno em sua busca por conhecimento. Acessar a internet faz parte da rotina diária de qualquer estudante, privá-los desse acesso é também uma forma de exclusão.

GRÁFICO 29 - OS PROFESSORES LHE ORIENTAM COMO FAZER O USO DA INTERNET PARA REALIZAÇÃO DE TRABALHOS ESCOLARES?



Questionados sobre se os professores orientam o uso da internet em pesquisas escolares, 49,07% dos jovens relatam receber raramente alguma orientação dos professores, 23,14% dizem receber com frequência, 21,29% dizem receber às vezes e 6,48% dizem não receber orientação. Infere-se dos dados que quase metade dos jovens raramente recebem uma orientação dos professores sobre a execução de trabalhos utilizando a internet. Assim, esses jovens concretizam suas pesquisas de forma intuitiva, sem instrução.

46,29% dos estudantes relatam que quando seus professores utilizam a internet para fins educativos se sentem beneficiados com frequência, 37,96% dos jovens se sentem beneficiados às vezes, 5,55% dos jovens raramente se sentem beneficiados, 9,25% dos jovens relatam que o professor não utiliza a internet e 0,92% não se sente beneficiado.

EIXO 5- VANTAGENS E DIFICULDADES DO USO DA INTERNET

Questionados sobre as vantagens que a internet traz para seus estudos e aprendizagem, todos os entrevistados relatam a velocidade e praticidade de se obter informações como vantagem. S2 afirma: “A internet torna meus estudos bem mais rápido e prático. Tenho tudo que eu preciso em um único local. E não precisar se locomover para locais longes para tem acesso a informação.” A entrevistada S1 relata sobre a autonomia do usuário: “A internet é um mundo de informações, traz muitos conhecimentos cabe a cada um se interessar.” Percebe-se pela fala dos estudantes que a internet é um instrumento de liberdade e autonomia. Ao permitir acessar toda informação, ela causa incerteza, mas ao mesmo tempo trabalha a autonomia das pessoas.

Os jovens fazem alguns apontamentos para melhorar o processo ensino e aprendizagem utilizando a internet. Eles sentem a necessidade de um acompanhamento, uma orientação por parte dos professores. O sujeito S4 mostra uma sugestão simples utilizando a internet a favor do conhecimento: a criação de um blog com conteúdos trabalhados em sala. S6 vai além ao sugerir que a internet possa ser utilizada da forma que o jovem mais gosta, de uma forma interativa, através de jogos de desafios.

A fala da entrevistada S5 mostra como o professor ainda não sabe lidar com as tecnologias em sala. Com a internet móvel do celular, muitas pesquisas podem ser realizadas no ambiente escolar e, assim o professor poderia orientar essas pesquisas. Negar a utilização da internet na sala de aula não é a melhor saída, o professor deve nortear esses acessos, tendo mais controle dos processos de ensino e aprendizagem.

S1: Eu acho que deveria ter uma seleção do que é postado na internet. Só deveria ser postado aquilo que realmente é verdadeiro, devia ter um monitoramento das informações.

S4: Acredito que os professores da escola deveriam se unir e fazer um portal, ou um blog com resumos dos conteúdos trabalhados durante a semana, com exercícios e vídeo- aulas. Ter esse material em rede é perfeito para continuidade dos estudos em casa. Mas vejo que os professores não se mobilizam para isso.

S5: Na semana passada um professor meu de história passou uma atividade para pesquisar na internet, eu fui pesquisar no meu celular o conteúdo e o professor chamou minha atenção, brigou comigo dizendo: “Não é hora de usar o celular, as pesquisas devem ser feitas em casa.” Não entendo por que eu não poderia pesquisar naquele momento. O professor e o uso da internet em sala de aula ainda estão distantes.

S6: O que seria bom é que cada um utilizasse a internet do jeito que ela mais gosta, do jeito que ela mais aprende. Conheço pessoas que

aprendem conteúdos com joguinhos de internet, alguns assistindo vídeos e outros com pesquisas e dali eles conseguem tirar a melhor aprendizagem para si mesmo. Um exemplo de jogo é o perguntados.

Questionados sobre os usos que os jovens fazem do Facebook, todos os entrevistados utilizam de alguma forma essa rede social para estudo, principalmente para preparação de processos seletivos como Enem e vestibulares. Utilizam para divulgação desses processos, para transferência de material didático e para grupos de estudo.



FIGURA 06 - ANÚNCIO DE PROCESSO SELETIVO COMPARTILHADO NO FACEBOOK

S1: Eu não utilizava desse meio para postar e ler coisas sobre estudos. Mas como estamos no terceiro ano agora, e tem vestibular e Enem, todo mundo tem interesse em saber das datas dos vestibulares, quais vestibulares abertos. Ai recentemente eu postei uma lista com as datas dos vestibulares, coloquei links passei para algumas pessoas que estão no terceiro ano. Acho muito importante a divulgação desse tipo de informação em canais como o Facebook, onde grande quantidade de jovens estão conectados.

O entrevistado S6 relata como utiliza os grupos de estudo via Facebook para realizar atividades de produção de texto. Os grupos de estudos relatados pelos alunos são gerenciados pelos próprios alunos, já se fossem orientados por professores poderiam ser mais efetivos no processo de aprendizagem. Os professores têm o papel de mediar atividades e discussões propostas pelos estudantes:

S6: Já fizemos grupos de estudos pelo Facebook. É muito interessante, pois as pessoas postam matérias que podem cair no vestibular. No grupo de estudos que estou toda semana tem uma atividade dirigida. Por exemplo: semana da redação, o administrador posta um tema e todos tem que enviar uma redação para o grupo e cada um corrige a do colega, aponta os erros e faz elogios. Isso é muito bom para treinar a escrita.

As redes sociais cada vez mais fazem parte do cotidiano dos alunos. Utilizar essas redes a favor da aprendizagem é inevitável, elas podem se tornar ferramentas de interação valiosas para auxiliar o professor no seu trabalho em sala de aula, desde que bem utilizadas. Como, por exemplo, a recriação da Segunda Guerra Mundial no Facebook:

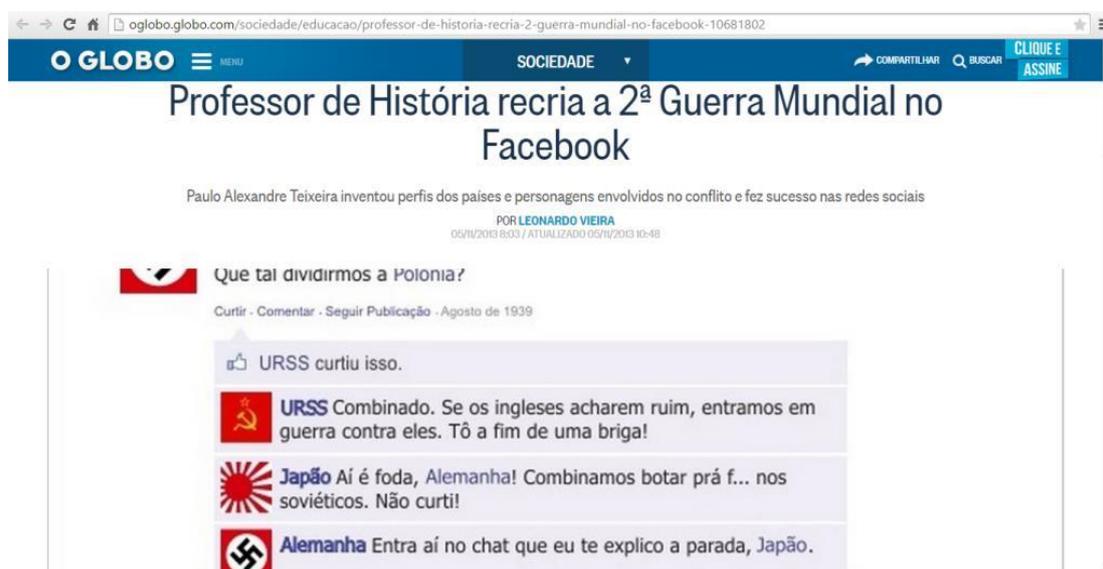


FIGURA 07 - SIMULAÇÃO DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL NO FACEBOOK

Nos momentos de estudos, todos os jovens entrevistados utilizam os canais do Youtube para assistirem vídeo aulas. S3 relata: “Eu utilizo o descomplica que é um canal que tem no Youtube. E sites eu utilizo as redes: Só história, Só física, Só matemática.” Sites como Infoescola (<http://www.infoescola.com/>), UOL (<http://www.uol.com.br/>) e Brasil Escola (<http://www.brasilecola.com/>) são utilizados pelos estudantes para pesquisa. Os jovens destacam o que consideram o mais interessante na internet:

S1: A grande diversidade de conteúdos que a gente tem. Uma das vantagens que eu vejo é que a internet te deixa curiosa. Por que eu sou uma pessoa curiosa. Eu acabo navegando e indo muito mais além. Até mesmo no Facebook a gente acha coisas interessantes.

S4: O que eu acho interessante na internet é da forma como o conteúdo é passado para gente, não é como na sala de aula, que temos que sentar e escutar uma pessoa falar. Temos vários meios dinâmicos, varias formas de aprender, esse tipo de ajuda que nos

motiva a aprender mais e mais. Os canais são bons para interagir com os professores.

S6: Eu acho interessantes os sites que tratam de temas escolares com um tom de comédia, ao mesmo tempo que eu me divirto eu aprendo. E não deixa uma situação tão tensa, como na escola que tem que prestar atenção. E a rápida divulgação das informações.

Questionados sobre quais dificuldades encontram ao utilizar a internet em seus estudos, quatro dos entrevistados destacaram a grande quantidade de informações falsas na rede, como relata S2: “Sinto muita dificuldade em saber o que é verdadeiro ou falso. São muitas informações divergentes”. Outra dificuldade encontrada é o vocabulário difícil, como relata S6: “Quando estou pesquisando algum assunto na internet, sempre aparece alguma palavra que não conheço, daí eu tenho que parar toda minha pesquisa para procurar o significado da palavra. Isso atrasa muito meus estudos”. A questão das informações falsas presentes na rede pode ser trabalhada através de uma educação e reeducação tecnológica e de uma leitura crítica dessas informações.

Todos os entrevistados acreditam que o excesso de informações encontradas na internet prejudicam seus estudos. Como destaca S4: “O excesso de informação e a possibilidade de realizar diversos estudos ao mesmo tempo. Toda vez que vou utilizar a internet para estudos eu abro muitas páginas e fico perdido sem focar em nada.” Bondía (2002) aponta que o excesso de informação é um fator que impede a experiência. Analisando os relatos percebe-se que a velocidade e quantidade de informações vinculadas na internet não abrem espaço para reflexão e aprendizagem. Aprender é um processo lento, não é apenas adquirir informações. O relato de S4 nos mostra como a internet pode gerar confusão e dispersão dos estudos. Os jovens ficam fascinados pela quantidade de informação em rede, passam a manejar todas elas ao mesmo tempo, mas não internalizam nenhuma.

Os entrevistados confirmam que há desvantagem em termos de estudo entre as pessoas que não têm acesso à internet e as que têm acesso. Relatam que a vantagem de ter acesso à internet é a informação atualizada, ao contrário da informação dos livros. Outra diferença são as diversas formas de trabalhar a informação, como por meio de: artigos, vídeos, áudios, jogos e etc. A internet trabalha com uma forma dinâmica de apresentar o conteúdo. O

sujeito S2 ressalta que utilizar a internet em seus estudos é melhor, pois nela há todos dados necessários. “Quando não sei o significado de uma palavra é na própria internet que eu procuro, já quando se está estudando com livros preciso ter um dicionário por perto”.

Quando perguntados como se sentiriam se ficassem um mês sem qualquer acesso à internet, os entrevistados destacam que se sentiriam desatualizados e até de certa forma excluídos:

S1: Eu já fiquei um bom tempo sem internet e já afetou bastante. Fiquei estudando por livros, mas eu tinha algumas dúvidas que eu queria tirar, questões de atualidades que necessitava de internet. Assim atrasava meus estudos.

S3: A gente fica um dia sem acessar a internet a gente perde informações importantes. Sem internet ficaria bem afastado de tudo, desatualizado e até excluído.

S6: Se fosse há um ano eu não sentiria tanta falta. Quando comecei a ter mais contato com a internet fiquei meio dependente e me faz falta. Quando eu fico um dia sem já fico estressado. Me afetaria muito, sem internet eu me sinto perdido.

Infere-se que a exclusão digital prejudica bastante as formas de se relacionar com a informação. Segundo Sorj (2003) a exclusão digital representa uma dimensão da desigualdade social, pois “ela mede a distância relativa do acesso a produtos, serviços e bens das novas tecnologias da informação e da comunicação entre diferentes segmentos da população” (SORJ, 2003, p.62). Assim, no Brasil, a exclusão digital é um problema social. Dessa forma, universalizar computadores e a internet resolveria uma parte do problema no que diz respeito à desigualdade de acesso a tecnologias, porém esse acesso não é garantia de uso consciente e transformador.

A exclusão social não ocorre somente por causa da dificuldade de acesso ao equipamento computador e a internet, mas também pela ausência da “capacidade do usuário de retirar, a partir de sua capacidade intelectual e profissional, o máximo de proveito das potencialidades oferecidas por cada instrumento de comunicação e informação” (SORJ, 2003, p.59). No contexto atual, percebe-se que é preciso saber utilizar a tecnologia, caso contrário a exclusão digital permanecerá. Por esse motivo, é primordial uma mediação escolar que objetive a formação de sujeitos reflexivos.

A inclusão digital não se resume em acesso a internet e a computadores, todos os jovens precisam ser estimulados a criarem em rede, a

buscarem informações que auxiliem na produção de conhecimento, para serem atores no processo de domínio tecnológico.

Os entrevistados relatam que de alguma forma a internet já atrapalhou suas vidas:

S2: Às vezes estou vendo uma coisa tão interessante na internet que perco a noção do tempo, esqueço de comer e de ir ao banheiro. Ou às vezes eu faço um lanche na frente do computador mesmo.

S3: A internet já me atrapalhou na questão de perder a hora. Ficar até tarde no computador e esquecer que tem que acordar cedo no outro dia pra ir pra escola. Além de perder o contato físico com minha família e amigos

S4: Às vezes eu deixo de realizar algumas responsabilidades pra ficar na internet fazendo muitas coisas fúteis, desnecessárias. No momento as coisas parecem mais interessantes, mas depois eu analiso o tempo que eu perdi fazendo uma coisa sem sentido algum pra minha vida.

Todos os entrevistados almejam ingressar no curso superior. Os cursos são diversos como: enfermagem, medicina, farmácia, química tecnológica e o curso técnico em informática. As entrevistadas S1 e S3 fazem cursinho preparatório para o ENEM. Os entrevistados S4, S5 e S6 cursam inglês como segunda língua, somente S3 não faz nenhuma das atividades. Sobre seu desempenho escolar os entrevistados contam:

S1: Eu fui bem mais esforçada nesse terceiro ano, sou dedicada. De vez em quando eu recebo alguns elogios.

S3: Eu achei o terceiro ano mais fácil que todos os outros. Meu desempenho é o mesmo e questão de nota também. Elogio e critica a gente sempre recebe a questão é melhorar. Tipo tem que estudar mais isso, aquilo...

S5: Nunca deixei de me dedicar, meu esforço é o mesmo. Sou uma aluna mediana, não recebo muitas criticas nem muitos elogios. Estou no padrão.

S6: Me considero um aluno mediano por que não tiro notas baixas, mas também não tiro notas altas.

Todos os entrevistados garantem que as classes sociais não estão em pé de igualdade. Todos se consideram pertencentes às classes populares e estão em desvantagem com relação a outras classes. Destaca-se que a desigualdade social assume aparências distintas porque é constituída de um conjunto de elementos econômicos, políticos e culturais próprios de cada sociedade. As classes sociais são um resultado claro das desigualdades da sociedade capitalista, ou seja, cada tipo de organização social, de classe social, estabelece vantagens e desvantagens entre os indivíduos.

Fairclough (1997) descreve a hegemonia como o domínio exercido por um grupo sobre os demais, sendo baseada mais no consenso do que na

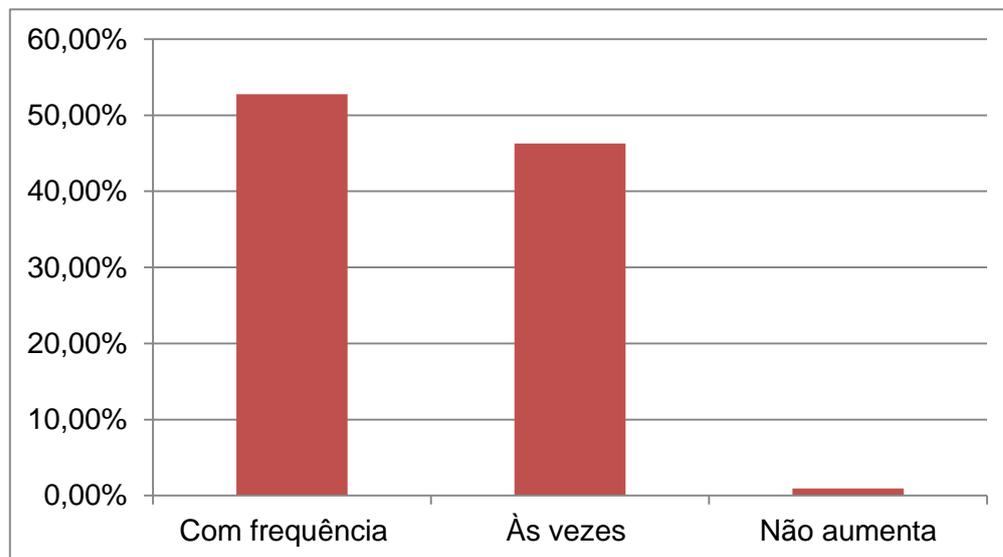
imposição. Infere-se, assim, que o discurso é um campo da hegemonia, sendo que a hegemonia está sujeita a capacidade de uma classe de criar discursos que a sustentem.

Para Fairclough “o conceito de hegemonia implica o desenvolvimento – em vários domínios da sociedade civil (como no trabalho, a educação, as atividades de lazer) – de práticas que naturalizam relações e ideologias específicas e que são, na sua maioria, práticas discursivas” (FAIRCLOUGH, 1997, p. 80).

Com base nas entrevistas realizadas, os jovens não percebem que essas desigualdades são adquiridas socialmente. Compreendem que a divisão social é algo natural do sistema, sendo a ascensão de classe social por meio da escolarização o maior objetivo deles.

EIXO 6- CONTRIBUIÇÕES PARA PESQUISAS FUTURAS.

GRÁFICO 30 - UTILIZAÇÃO DA INTERNET GERA O AUMENTO DO ISOLAMENTO ENTRE AS PESSOAS

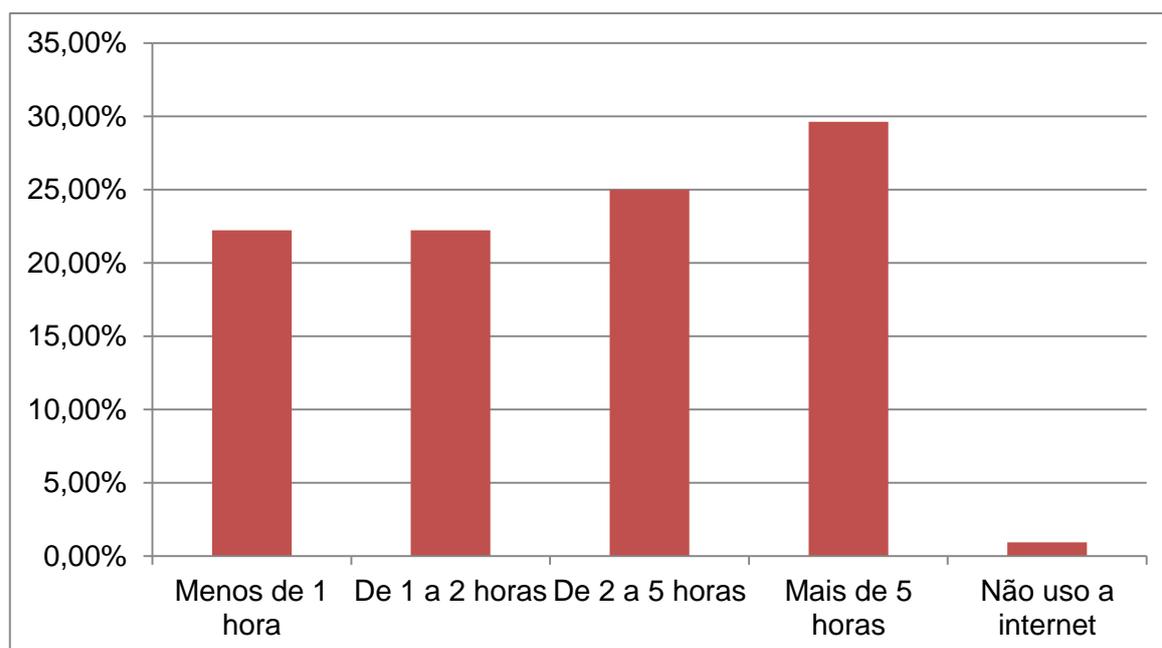


Questionados sobre se a utilização da internet, no contexto atual, gera aumento do isolamento entre as pessoas, 52,77% dos jovens acreditam que com frequência a internet gera aumento do isolamento e 46,29% dos jovens acreditam que às vezes pode gerar isolamento.

Jovens passam mais tempo conectados virtualmente que fisicamente, esse fenômeno pode prejudicar relações pessoais. Passar mais tempo em frente ao computador, e agora também ao celular, se torna mais frequente. Estar conectado a todo o momento não permite vivenciar a experiência presente. Quantas vezes percebemos pessoas conectadas no celular, em espaços como cinemas e exposições. Essas pessoas não vivenciam o momento presente, estão com as mentes e pensamentos em outros lugares.

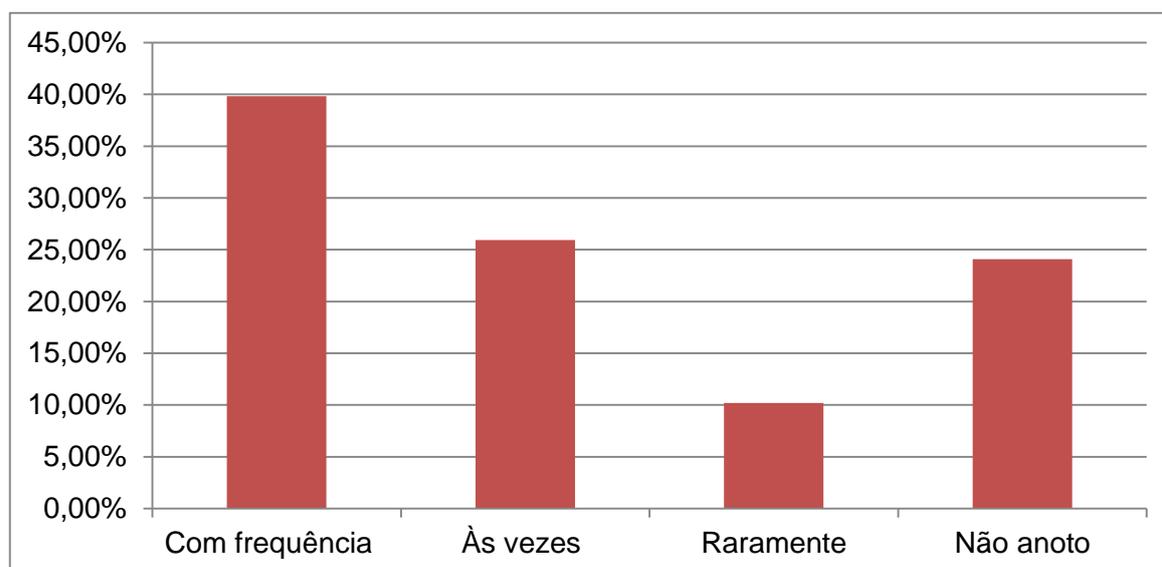
Percebe-se o isolamento físico, com relação ao convívio com familiares e amigos. Porém as relações virtuais também podem gerar experiências educativas. O contato virtual é outra forma de se relacionar em sociedade. É uma nova forma de interação social que deve ser observada e estudada para melhor aproveitamento desses espaços e momentos virtuais.

GRÁFICO 31 - FREQUENCIA DIÁRIA DE DEDICAÇÃO AS REDES SOCIAIS.



Sobre a frequência diária que os jovens se dedicam a internet, 29,62% dedicam mais de 5 horas, 25% dedicam de 2 a 5 horas, 22,22% dedicam de 1 a 2 horas, 22,22% dedicam menos de 1 hora e apenas 0,92% não usa a internet. Dados mostram uma quantidade relevante de jovens que acessam a internet por um período maior que 5 horas, fato que é relacionado à expansão da internet móvel.

GRÁFICO 32 - COSTUME DE ANOTAR AS COISAS QUE TEM OU QUE PRETENDE FAZER EM UMA AGENDA OU CALENDÁRIO:



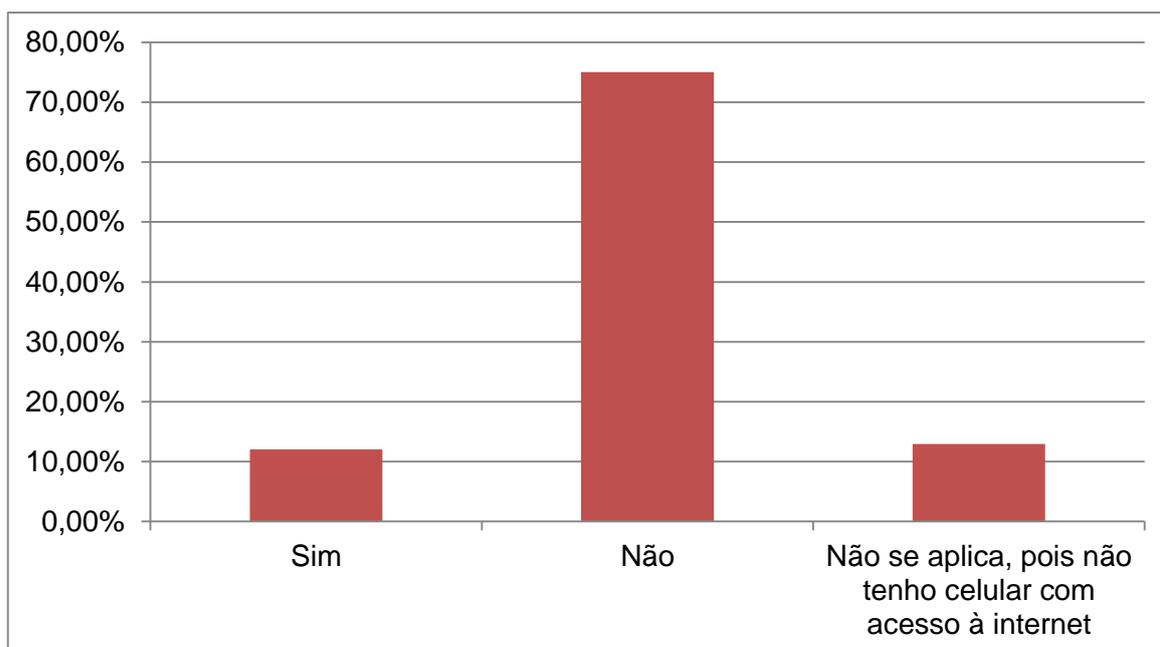
Sobre a frequência que os estudantes anotam o que fazer em uma agenda ou calendário, 39,81% anotam com frequência, 25,92% anotam às vezes, 10,18% raramente anotam e 24,07% não anotam.

O ato de anotar o que se tem para fazer é uma estratégia de organização. Lahire (2002) destaca que o ato de anotar a organização de atividades em agendas e calendários é uma forma de reflexividade individual que está presente em ações diárias. Infere-se que constantemente agimos de forma consciente e utilizamos a escrita para dirigir a ação.

Lahire (1997) afirma que agendas e calendários não têm somente a função de objetivar o tempo. Eles tornam possível uma distribuição e planejamento das atividades que implica em uma relação reflexiva. “Esses meios de objetivação contribuem para uma gestão mais racional, mais calculada e, com isso, menos imediata, menos espontânea das atividades familiares” (LAHIRE, 1997, p. 21)

O que se verifica, é que apesar de todo aparato tecnológico, a escrita ainda está presente como fator de organização do pensamento e de atividades.

GRÁFICO 33 - O SEU PROFESSOR OU DIRETOR JÁ RECOLHEU O SEU CELULAR COM ACESSO À INTERNET NA SALA DE AULA PORQUE VOCE ESTAVA USANDO NO MOMENTO DA AULA?



Quando questionados se algum professor ou diretor já recolheu o seu celular com acesso a internet na sala de aula, no momento da aula, 75% relataram que não, 12,03% disseram sim e outros 12,96% disseram não ter celular com acesso à internet, ou seja, uma minoria.

Essa questão foi inserida ao questionário logo após conversa que tive com o diretor da escola. Ao apresentar minha proposta de pesquisa, o diretor da escola em questão disse não saber o que fazer tantos celulares em sala de aula. Falou também que escuta diariamente as reclamações dos professores sobre o uso indiscriminado que os alunos estão fazendo. Uma solução encontrada pela gestão escolar foi recolher os celulares de alguns alunos, no momento da aula.

Esses dados podem contribuir para estudos posteriores sobre o uso e controle da utilização da internet via celular em sala de aula. Com a expansão do uso da internet pelo celular, ele passou a ser utilizado constantemente e em todos os lugares, fato que prejudica outras atividades sociais, como estudar e trabalhar. Sendo assim, devemos trabalhar a conscientização de todos para o uso equilibrado das tecnologias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa demonstrou como os jovens do terceiro ano do ensino médio de uma escola pública localizada na região administrativa de Ceilândia-DF utilizam a internet para estudo e aprendizagem.

O objetivo geral da pesquisa foi analisar as experiências de jovens de classes populares, com referência à utilização da internet e as estratégias de investimento da família e da escola com relação ao seu uso, no contexto da desigualdade econômica e cultural.

A presente pesquisa se diferenciou dos demais estudos abordados no início do capítulo 1 por conta da perspectiva sociológica de Bourdieu. A base sociológica em Bourdieu permitiu traçar um perfil não apenas dos estudantes de classes populares, mas também da classe como um todo. Foi possível identificar, dessa forma, processos de socialização bastante estáveis e coerentes entre si.

A pesquisa se aproxima da dissertação “A internet na construção do conhecimento: a importância das mediações” de Peinado (2007) no que diz respeito a identificar a importância da mediação professor/conteúdo/aluno e da internet, como uma ferramenta facilitadora que deve ser sempre avaliada de forma reflexiva, no meio físico e virtual.

A utilização das técnicas questionário e entrevista foram essenciais para atingir o objetivo proposto. O questionário foi utilizado para traçar perfil sócio-econômico, etário e cultural dos jovens. As entrevistas colaboraram para análise das experiências educativas utilizando a internet e para compreensão das realidades sociais dos jovens de classes populares.

Percebe-se pela pesquisa que acontece o uso da internet entre os jovens para estudo, porém este uso não é direcionado e orientado como deveria ser. A utilização ainda é bastante intuitiva e não aprofundada no ponto de vista reflexivo. Os dados dos questionários apontaram que grande parte das vezes os jovens se orientam pelo seu próprio esforço. Outro dado é a quantidade significativa de jovens que tem como grupos de referências, para tais pesquisas, seus próprios amigos, 22% contra 12% que tem os pais como referência e 10% que tem os professores. Seus amigos influenciam no processo de socialização ainda que através de um Capital Cultural equivalente,

semelhante, já que estes são os amigos da escola, de mesma idade, com praticamente a mesma formação, o que não favorece a construção de um senso crítico mais apurado.

Um número pequeno de pais auxilia os jovens nos estudos que utilizam a internet. A partir de uma formação social familiar, que está relacionada a uma posição específica na estrutura social, os sujeitos incorporam um conjunto de disposições que correspondem à posição social que estão. Dessa forma a estrutura social continua a mesma. A pouca escolaridade dos pais está relacionada ao fato de oferecerem pouco auxílio aos filhos em seus estudos.

A partir dos questionários e entrevistas com os jovens foi possível verificar algumas estratégias de investimento das famílias e da escola para o uso da internet com objetivo educacional. Em certos casos, esse investimento se deu de forma indireta, quando, por exemplo, o computador foi adquirido pela família como ferramenta de entretenimento e lazer, mas acaba por ser usado para pesquisas escolares. Na escola existe a sala de informática, mas o uso ainda é limitado e as questões técnicas prejudicam a utilização das máquinas.

Nas entrevistas os jovens relataram que primeiro vão em busca de uma sugestão de site para busca de conteúdo educativo com alguém conhecido: professores, amigos ou família. Quando não há essa ajuda o estudante por si próprio faz essas pesquisas na internet. Na fala de alguns jovens percebe-se um diferencial: S4 aborda a influência do pai jornalista em seu processo de estudo via internet e S3 destaca a ajuda recebida por professores de cursinhos. Essas singularidades foram identificadas ao longo do trabalho, mas não foram aprofundadas, sendo assim são sugestões para estudos posteriores.

Dessa forma infere-se a importância de um sujeito que exerça o papel de orientar, direcionar o processo de aprendizagem, colaborando, assim, para a formação de um sujeito crítico reflexivo. No ambiente escolar o professor deveria ser o responsável. A formação de professores para o uso das novas tecnologias a favor da educação deve ser repensada. O professor deve orientar o aluno não apenas em questões técnicas, mas também com relação ao conteúdo.

No ambiente familiar quem pode orientar e direcionar o processo de aprendizagem é algum portador de Capital Cultural diferenciado, como: pai, mãe, irmãos, tios e primos; que, quando possuem uma forte relação familiar

com o estudante, criam possibilidades de transmissão de disposições culturais. Essa propagação cultural só pode ocorrer por meio de um contato prolongado e significativo que possibilitem ordem e autoridade familiar.

Destaca-se a importância das vídeo-aulas para um processo de assimilação de conteúdos de forma dinâmica. Foi constatado que o Facebook e o Youtube são as redes sociais mais acessadas pelos jovens, porém a finalidade na maioria das vezes não é educativa. Quando as redes sociais são utilizadas para estudo e aprendizagem servem para divulgação de conteúdos pedagógicos, informações sobre vestibulares e organização de atividades escolares em grupo.

A utilização frequente do Facebook pelos jovens se torna algo naturalizado. Para pesquisas posteriores podemos ter como alguma questão do tipo “Os jovens percebem o uso dessa ferramenta como distinção cultural, como fonte de uma cultura que deva ser disputada?”. O uso atual do Facebook é internalizado e legitimado para fins de entretenimento e distração. Essa legitimação decorre de representações sociais que contribuem para perpetuação de uma visão reducionista da função das redes sociais. O estudo, nestes espaços, não é conduzido com regularidade e nem estimulado, perdendo assim possibilidades significativas de interações educativas. Outras sugestões para pesquisas posteriores a partir deste trabalho podem tratar de temas como: o isolamento das pessoas em função do aumento do uso da internet ou sobre a utilização do celular com acesso à internet na sala de aula.

Com base no conceito de experiência em Bondía (2002) foi possível perceber na fala dos sujeitos pesquisados dois fatores que dificultam o processo de utilização das possibilidades educativas disponíveis na internet: o excesso de informação e o excesso de opinião. Os jovens relataram ter dificuldades em fazer pesquisas na internet, se sentem muitas vezes perdidos, pelo grande volume de informações. Apontam também a necessidade de expor constantemente suas opiniões nas redes sociais. No entanto, a elaboração de uma opinião é um fato que exige tempo e reflexão, não deve ser algo mecânico e sem significado.

Aprender não se resume em adquirir informações, vai além: a informação precisa ser refletida por seu receptor e que ele crie uma opinião crítica sobre ela. Uma característica do jovem contemporâneo é executar várias

tarefas ao mesmo tempo. Eles estudam no computador, navegam nas redes sociais, mandam mensagens no celular e escutam músicas. Realizar todas essas atividades ao mesmo tempo, demonstra assim, um excesso de contato com diversas informações, não garantindo qualidade e profundidade em nenhuma delas. Dessa forma, uma proposta a ser aprofundada em pesquisas futuras é a utilização do conceito de experiência dos autores Bondía e Benjamin com relação à aprendizagem via internet.

Buscou-se neste trabalho a análise dos aspectos macros da estrutura social. A perspectiva de Bourdieu colaborou para construção de uma análise de classe mais ampla e também para a percepção de como as desiguais distribuições de capitais colaboram para manutenção de desigualdades sociais. Ainda sobre a perspectiva de Bourdieu, foi possível trabalhar uma visão homogênea de classe social, assinalando características sociais, econômicas e culturais.

O termo classe social foi utilizado para agrupar as características comuns de um grupo, que geralmente são: local de moradia, práticas culturais e estilos de vida, levando em consideração não apenas aspectos econômicos, como também disposições culturais. Nesta pesquisa os jovens são das classes populares: filhos da classe trabalhadora e também frutos de desigualdades culturais e educativas.

Habitus e Capital Cultural são conceitos de Bourdieu fundamentais para compreensão da lógica capitalista. Habitus ajudou a tornar explícito a internalização natural de comportamentos e visões de mundo por indivíduos de uma mesma classe. Capital Cultural e as experiências socializadoras no ambiente familiar e escolar são semelhantes dentro de um grupo social, colaborando para manutenção de relações de poder e exclusão.

A pesquisa identificou que dentro da classe popular estudada há indivíduos com comportamentos singulares. Foi possível extrair elementos da perspectiva microssociológica de Lahire, porém não foi possível e nem foi o objetivo do estudo entrar na dinâmica interna familiar. Os questionários e entrevistas não foram fundamentados na sociologia de Lahire, pois não havia a intenção de criar retratos sociológicos. Os indicadores, as variáveis, as peculiaridades dos retratos individuais foram apenas identificados. São sugestões e contribuições para aprofundamento em estudos posteriores.

A metodologia Análise do Discurso permitiu identificar as falas dos jovens de acordo com sua posição na estrutura social. Foi possível verificar aspectos ideológicos e hegemônicos nos discursos, como por exemplo: o relato que a região central de Brasília, Plano Piloto é “evoluída”, considerando a região Sol Nascente menos desenvolvida. Foi por meio das entrevistas, da escuta atenta desses jovens de classes populares, que se verificou a posição social destes, como também comportamentos e realidades individuais distintas dentro de uma mesma classe social.

Fica claro o peso da origem social popular no discurso e nas experiências do uso da internet (ou falta delas) pelos jovens. As experiências educativas também recebem influências da origem social dos alunos (renda, local de moradia, classe social).

A educação é diferente conforme o meio social. A precariedade da escola pública pesquisada, assim como a de muitas outras, não garante a igualdade de oportunidades para todos. A falta de recursos materiais nas escolas, como computadores com acesso à internet e a falta de professores bem formados para o uso crítico das tecnologias são alguns exemplos de como questões culturais e econômicas influenciam nas possibilidades educativas dos jovens das classes populares. Esses fatos colaboram para a sustentação de relações de poder e para a reprodução da ordem social hegemônica.

A análise do discurso de Resende e Ramalho (2006) possibilitou perceber como a ideologia hegemônica é perpetuada, nos relatos dos jovens de classes populares. Os entrevistados declaram seu pertencimento às classes populares devido a diferentes aspectos, como: renda, local de moradia e condições de vida. Apenas um entrevistado percebe a desigualdade de oportunidades relacionada à posição social de desvantagem que já ocupa. Infere-se que os jovens, em geral, percebem a divisão da estrutura social em classes como algo natural do sistema, não visualizando as diferenças de oportunidades culturais e educativas como um fator que também influencia na posição social do sujeito. Também não percebem que as desigualdades não são naturais, que são adquiridas social e historicamente.

Existe a possibilidade de emancipação por meio de uma educação que liberte, que auxilie na criação de sujeitos críticos e reflexivos. O espaço coletivo

da educação escolar, com a possibilidade de uso da internet, articulado ao investimento familiar deve intervir para tal fim.

REFERÊNCIAS

- BAUER, Martin W. GARKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2002
- BENJAMIN, Walter. **Experiência e pobreza. In Magia e Técnica, Arte e Política**. Trad. Paulo Sérgio Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- _____. **Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo**. Traduzido por José Martins Barbosa e Hemerson Batista. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber da experiência**. Revista Brasileira de Educação nº 19, 2002. p.20-28.
- BOURDIEU, Pierre. **Les trois états du capital culturel. Actes de la recherche en sciences sociales**. Paris, n. 30, pp. 3-6, 1979.
- _____. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- _____. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- _____. **Escritos de educação**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- _____. **A Miséria do Mundo**. Petrópolis/RJ: Vozes, pp. 693-713, 2007.
- BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **Les héritiers, les étudiants et la culture**. Paris: Minuit, 1964.
- _____. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Campinas: Papirus, 1996.
- CASTELLS, Manuel. **A era da informação: economia, sociedade e cultura**. v. 1. Tradução de Roneide V. Majer. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- _____. **A Galáxia da internet. Reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2003. P.12.
- CAVALCANTE, Cláudia Valente. **Jovens e estratégias educativas de apropriação dos espaços urbano e virtual**. 2010. 134 f. Dissertação (Mestrado em Educação)- Pontifícia Universidade Católica de Goiás. 2010.

- CHOULIARAKI, Lilie; FAIRCLOUGH, Norman. **Discourse in late modernity: rethinking critical discourse analysis**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999. ,
- DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Tradução de Sandra Regina Netz. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- FAIRCLOUGH, Norman. **Language and power**. New York: Longman, 1989.
- _____. **Discurso, mudança e hegemonia**. In: PEDRO, Emília R. (Org.). *Análise Crítica do Discurso: uma perspectiva sócio-política e funcional*. Lisboa: Editorial Caminho, 1997. p. 77-104.
- _____. **Discurso e mudança social**. Brasília: Universidade de Brasília, 2001.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- LAHIRE, Bernard. **Sucesso escolar nos meios populares: As razões do improvável**. São Paulo: Ática, 1997.
- _____. **Homem Plural: Os determinantes da ação**. Petrópolis: Vozes. 2002.
- LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A construção do saber: Manual de Metodologia da Pesquisa em Ciências Sociais**. Editora URMG. Porto Alegre: UFMG Artmed, 1999.
- LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?** São Paulo: Ed. 34, 1996.
- LOPES, João Teixeira. **Registos do actor plural: Bernard Lahire na Sociologia Portuguesa**. Porto: Edições Afrontamentos. 2012.
- LUCKESI, Cipriano Carlos. **Filosofia da Educação**. 19r. São Paulo: Cortez, 2003.
- LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em educação: Abordagens qualitativas. Temas básicos de educação e ensino**. São Paulo: EPU, 1986.
- MARTIN Barbero. **Jóvenes: comunicación y identidad**. Pensar Iberoamérica. Revista de Cultura, n. 0, fev. 2002. Disponível em: <<http://www.campusoei.Org/Pensariberoamerica/RIC00A03.htm>>.

- MERCADO, Luis Paulo. **Formação Continuada de Professores e Novas Tecnologias**. Maceió: Edufal, 1999.
- MILLS, Wright C. **A Imaginação Sociológica**. 4.^a ed. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro, Zahar, 1975.
- MORAN, José Manuel. **Interferências dos meios de comunicação no nosso conhecimento**. Revista Brasileira de Comunicação. São Paulo. v. 07. Pg. 36-49. jul/dez 1994.
- MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos T.; BEHRENS, Marilda Aparecida. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 14^a Ed. Campinas, SP. Papyrus, 2008.
- NIE, Norman H. e LUTZ, Erbring. **Internet and Society: A Preliminary Report.: Stanford Institute for the Quantitative Study of Society**. 2000. Disponível em: http://www.stanford.edu/group/siqss/Press_Release/Preliminary_Report.pdf.
- NOGUEIRA, Cláudio Marques Martins. **A abordagem de Bernard Lahire e suas contribuições para a sociologia da educação**. UFMG. 2013.
- PEINADO, Carlos Eduardo Duarte. **A internet na construção do conhecimento: a importância das mediações**. 2007. 131 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Oeste Paulista- UNOESTE. Presidente Prudente- SP. 2007.
- PEREIRA, Edneide Arruda. **Os jovens e a cultura das mídias no ambiente escolar: encontros e desencontros**. 2011. 196 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Brasília, Brasília, 2011.
- RESENDE, Viviane de Melo; RAMALHO, Viviane. **Análise de Discurso Crítica**. São Paulo: Contexto, 2006.
- ROSEMBERG, Fúlvia. **Educação formal, mulher e gênero no Brasil contemporâneo**. Estudos Feministas, Florianópolis, v.9, p.515-540, 2001.
- SALEM, Tânia. **Filhos do Milagre**, Ciência Hoje, v. 5, n. 25, SBPC, 1986.
- SAMPAIO, Marisa Narcizo; LEITE, Lígia Silva. **Alfabetização tecnológica do professor**. 2^a ed. Petrópolis: Vozes, 1999.
- SARTORI, Geovanni. **Homo videns: televisão e pensamento pós-moderno**. Bauru: Edusc, 2001.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. **Um novo capital cultural: pré-disposições e disposições à cultura informal nos segmentos com baixa escolaridade.** Educ. Soc., Campinas, vol. 26, n. 90, p. 77-105, Jan./Abr. 2005.

SILVA, Ana Paula. **Escola, televisão e internet na modernidade reflexiva: um estudo sobre a estruturação social a partir dos jovens.** 2011. 133 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, 2011.

SORJ, Bernardo. *brasil@povo: A luta contra a desigualdade na sociedade da informação.* São Paulo: Jorge Zahar: Unesco, 2003.

SOUSA, Mauro Wilton. **Novas linguagens.** São Paulo: Salesiana, 2003.

SOUZA, Jessé. **Os Batalhadores Brasileiros: Nova Classe Média ou Nova Classe Trabalhadora?** Belo Horizonte: UFMG, 2010.

THOMPSON, John Brookshire. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa.** Petrópolis, R.J.: Vozes, 1995.

SITES CONSULTADOS

A história do Facebook Mark Zuckerberg.

In:<http://rswebmarketingdigital.com.br/blog/historia-do-facebook-mark-zuckerberg/>. Acesso em 10 de maio de 2015

A história do Twitter In:<http://www.tecmundo.com.br/rede-social/3667-a-historia-do-twitter.htm>. Acesso em 10 de maio de 2015

Acesso à internet cresce em todo o Brasil.

In:<http://www.ufjf.br/ladem/2013/06/28/aceso-a-internet-cresce-em-todo-o-brasil>. Acesso em 20 de abril de 2015.

Conheça a história do site de vídeos Youtube.

In:<http://g1.globo.com/Noticias/Tecnologia/0,,AA1306288-6174,00-CONHECA+A+HISTORIA+DO+SITE+DE+VIDEOS+YOUTUBE.html>. Acesso em 10 de maio de 2015

Conheça Mike Krieger, o brasileiro do Instagram

In:<http://tecnologia.ig.com.br/de-sao-paulo-para-o-vale-do-silicio/n1597185973536.html> Acesso em 26 de abril de 2015.

E-farsas.com. In:www.e-farsas.com: Acesso em 20 de abril de 2015

Favela federal. In:<http://www.cartacapital.com.br/revista/779/favela-federal-409.html>. Acesso em 20 de abril de 2015.

Guia do estudante: Cursinhos. In:<http://guiadoestudante.abril.com.br/vestibular-enem/cursinhos/#DF>. Acesso em 26 de abril de 2015.

Linkedin, 100 milhões de usuários depois In:<http://exame.abril.com.br/revista-exame/edicoes/991/noticias/100-milhoes-de-usuarios-depois>. Acesso em 10 de maio de 2015

Maior favela da América Latina: Sol Nascente toma posto da Rocinha In:http://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2013/09/28/interna_nacional,454052/maior-favela-da-america-latina-sol-nascente-toma-posto-da-rocinha.shtml Acesso em 20 de abril de 2015.

Nascentes do Sol Nascente. In:<http://nascentessite.xpg.uol.com.br/>. Acesso em 20 de abril de 2015.

Número de brasileiros que usa internet pelo celular cresce 106% em dois anos.In:<http://www1.folha.uol.com.br/tec/2014/06/1476690-numero-de-brasileiros-que-usa-a-internet-pelo-celular-mais-que-dobra-em-dois-anos-diz-pesquisa.shtml> Acesso em 26 de abril de 2015.

O preço da informática: o computador já custou mais que um carro In:<http://www.tecmundo.com.br/infografico/9210-o-preco-da-informatica-o-computador-ja-custou-mais-que-um-carro.htm> Acesso em 20 de abril de 2015.

O que é e-Book? In:<http://www.tecmundo.com.br/educacao/1519-o-que-e-e-book-.htm>. Acesso em 10 de maio de 2015

Os segredos de Salman Khan. In:<http://revistaeducacao.uol.com.br/textos/191/os-segredos-de-salman-khan-278807-1.asp>. Acesso em 10 de maio de 2015

Pesquisa distrital por amostras de domicílio – PDAD – 2013 – Ceilândia. In:<http://www.codeplan.df.gov.br/images/CODEPLAN/PDF/Pesquisas%20Socioecon%C3%B4micas/PDAD/2013/Ceil%C3%A2ndia-PDAD%202013.pdf>. Acesso em 20 de abril de 2015

Planos e pacotes: Internet Pré pago. In:<http://www.techtudo.com.br/artigos/noticia/2012/03/comparativo-entre-principais-operadoras-de-celular.html>. Acesso em 20 de abril de 2015.

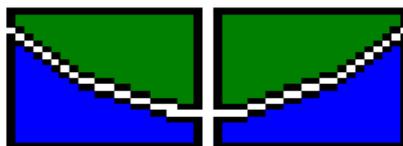
Pnad: População brasileira chega a 197 milhões de pessoas

In:<http://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2013-09-27/pnad-populacao-brasileira-chega-197-milhoes-de-pessoas>. Acesso em 20 de abril de 2015.

Salário Mínimo. In:<http://www.portalbrasil.net/salariominimo.htm>. Acesso em 20 de abril de 2015.

TIC Domicílios 2012 revela que 40% das residências brasileiras possuem

acesso à Internet In:<http://www.cetic.br/noticia/tic-domicilios-2012-revela-que-40-das-residencias-brasileiras-possuem-acesso-a-internet/>. Acesso em 05 de março de 2014

ANEXO 1 – QUESTIONÁRIO**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA- UNB****FACULDADE DE EDUCAÇÃO- FE****PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

Caro (a) estudante,

Você é convidado (a) a responder às perguntas deste questionário de forma totalmente voluntária. Esta pesquisa trará maior conhecimento sobre o tema: **Jovens de classes populares e experiências do uso da internet como recurso de estudo e aprendizagem**. As informações fornecidas terão sua privacidade garantida pela pesquisadora responsável. **Os sujeitos da pesquisa não serão identificados**, mesmo quando os resultados desta pesquisa forem divulgados em qualquer forma. Leia-o atentamente e em caso de dúvidas, solicite ajuda ao aplicador. Por favor, **responda todos os itens** deste questionário! Desde já, agradecemos a sua colaboração.

Brasília, maio de 2014.

Kalliane Lopes (61) XXXXXXXX- kal_liane@hotmail.com

Carlos Lopes (61) XXXXXXXX e-mail- carloslopes@unb.br

Questionário

- 1) Idade: anos.
- 2) Sexo:
 - a) () Feminino
 - b) () Masculino
- 3) Nome do lugar (cidade do DF ou Goiás) onde mora:
.....

- 4) No momento, você:
- a) Só estuda
 - b) Estuda e faz estágio
 - c) Estuda e é voluntário
 - d) Estuda, faz estágio e é voluntário.
 - e) Estuda e trabalha
 - f) Estuda, trabalha e é voluntário.
- 5) Estudou o 1º e o 2º ano do Ensino Médio em escola pública, privada ou outros?
- a) Integralmente em escola pública
 - b) Integralmente em escola particular
 - c) Em escola pública e particular
 - d) Outra. Especificar:.....
 - e) Em escolas comunitárias
- 6) Você já concluiu ou está estudando algum curso de língua estrangeira?
Se sim, qual?
- a) Sim. Qual?
 - b) Não
- 7) O que você lê com frequência? (Você pode marcar mais de uma resposta)
- a) Leituras obrigatórias da escola
 - b) Revistas e jornais
 - c) Quadrinhos
 - d) Livros em geral
 - e) Outros
- 8) Você já foi ao cinema quantas vezes desde junho de 2013?
- a) Uma vez
 - b) Duas vezes
 - c) Três vezes
 - d) Quatro vezes
 - e) Mais de quatro vezes
 - f) Nenhuma vez

- 9) Você já foi ao teatro quantas vezes desde julho de 2013?
- a) Uma vez
 - b) Duas vezes
 - c) Três vezes
 - d) Quatro vezes
 - e) Mais de quatro vezes
 - f) Nenhuma vez
- 10) Quantas exposições culturais você visitou desde junho de 2013?
- a) Uma
 - b) Duas
 - c) Três
 - d) Quatro
 - e) Mais de quatro vezes
 - f) Nenhuma
- 11) Você frequenta algum cursinho preparatório para vestibular, ENEM ou PAS?
- a) Sim, por menos de 1 semestre
 - b) Sim, por 1 semestre
 - c) Sim, por 1 ano
 - d) Sim, por mais de 1 ano
 - e) Não frequento
- 12) Qual é a escolaridade do seu pai (marque a maior titulação)?
- a) Sem escolaridade
 - b) Ensino fundamental incompleto
 - c) Ensino fundamental completo
 - d) Nível médio incompleto
 - e) Nível médio completo
 - f) Graduação incompleta
 - g) Graduação completa
 - h) Pós-graduação
 - i) Não sei

- 13) Qual é a escolaridade da sua mãe (marque a maior titulação)?
- a) Sem escolaridade
 - b) Ensino fundamental incompleto
 - c) Ensino fundamental completo
 - d) Nível médio incompleto
 - e) Nível médio completo
 - f) Graduação incompleta
 - g) Graduação completa
 - h) Pós-graduação
 - i) Não sei
- 14) Renda mensal de sua família é:
- a) Menos que um salário mínimo (R\$ 724,00)
 - b) De 1 até 2 salários mínimos (R\$ 1.448,00)
 - c) Mais de 2 até 5 salários mínimos (R\$ 3.620,00)
 - d) Mais de 5 até 10 salários mínimos (R\$ 7.240,00)
 - e) Acima de 10 salários mínimos
- 15) A casa onde mora é?
- a) Casa própria
 - b) Aluguel
 - c) Outros
- 16) Qual meio você utiliza com maior frequência para adquirir informação?
- a) Jornal impresso
 - b) Televisão aberta
 - c) Televisão fechada (a cabo e por satélite)
 - d) Rádio
 - e) Revistas
 - f) Internet
 - g) Não utilizo nenhum meio

- 17) Em qual local você acessa a internet com mais frequência?
- a) Casa
 - b) Escola
 - c) Trabalho
 - d) Casa de amigos e familiares
 - e) Lan house
 - f) Telecentro comunitário ou Centros de Inclusão Digital do Governo
 - g) Do celular/ internet móvel
 - h) Outros.....
- 18) Existe conexão à internet em sua casa?
- a) Sim
 - b) Não
- 19) Acessa a internet em quais meios com maior frequência?
- a) Computador
 - b) Celular
 - c) Tablets
 - d) Outros meios. Quais?.....
- 20) Qual destes recursos você mais utiliza para reforçar seus estudos?
(Você pode marcar uma ou duas opções)
- a) Usa vídeos
 - b) Textos em PDF
 - c) Simulados e exercícios online
 - d) Fóruns e grupos de discussões pela internet
 - e) Não utiliza nenhum recurso
 - f) Outros. Qual?.....
- 21) Se sente perdido ao realizar estudos e pesquisas escolares na internet?
- a) Com frequência
 - b) Às vezes
 - c) Raramente
 - d) Não me sinto perdido, sei exatamente quais sites devo pesquisar.

22) O laboratório de informática da escola:

- a) É sempre usado
- b) É muito usado
- c) É pouco usado
- d) É raramente usado
- e) Nunca é usado

23) Você costuma verificar se a informação encontrada na internet é confiável?

- a) Com frequência
- b) Às vezes
- c) Raramente
- d) Não verifica

24) Você acredita que a utilização da internet, no contexto atual, gera aumento do isolamento entre as pessoas?

- a) Com frequência
- b) Às vezes
- c) Raramente
- d) Não aumenta

25) Quando você está estudando ou fazendo pesquisas na internet faz uso simultâneo de outras tecnologias de comunicação? Como televisão ou rádio?

- a) Com frequência
- b) Às vezes
- c) Raramente
- d) Não faz uso

26) Quem mais auxilia você em estudos e pesquisas escolares utilizando a internet?

- a) Pais
- b) Familiares
- c) Amigos
- d) Professores
- e) Não recebe auxílio
- f) Eu mesmo me oriento, pelo meu próprio esforço
- g) Outros. Quem?.....

- 27) Em sua família, há horários definidos para estudar, ou seja, realizar as atividades da escola?
- a) Sim
 - b) Não
 - c) Às vezes
 - d) Nunca
- 28) Você costuma anotar as coisas que tem que fazer em uma agenda ou calendário?
- a) Com frequência
 - b) Às vezes
 - c) Raramente
 - d) Não anoto
- 29) Os professores orientam como fazer o uso da internet para realização de pesquisas e trabalhos?
- a) Com frequência
 - b) Às vezes
 - c) Raramente
 - d) Não orientam
- 30) Quando seus professores usam a internet para fins educativos, você se sente beneficiado?
- a) Com frequência
 - b) Às vezes
 - c) Raramente
 - d) Não são beneficiados
 - e) Professor não utiliza a internet
- 31) Você usa a internet na aquisição de conteúdos trabalhados em sala de aula pelo professor?
- a) Com frequência
 - b) Às vezes
 - c) Raramente
 - d) Não ajuda

- 32) Quando tenho que fazer trabalhos em grupo, prefiro prepará-los e realizá-los?
- a) Pela internet
 - b) Presencialmente
 - c) Tanto faz
 - d) Não tenho acesso à internet.
- 33) O seu professor ou diretor já recolheu o seu celular com acesso à internet na sala de aula porque você o estava usando no momento da aula?
- a) Sim
 - b) Não
 - c) Não se aplica, pois não tenho celular com acesso à internet.
- 34) Você participa de alguma rede social? (Você pode marcar mais de uma resposta)
- a) Não participo
 - b) Orkut
 - c) Linkedlin
 - d) Facebook
 - e) Youtube
 - f) Instagram
 - g) Twitter
 - h) Outros.....
- 35) Com que frequência diária você se dedica às redes sociais?
- a) Menos de 1 hora
 - b) De 1 a 2 horas
 - c) De 2 a 5 horas
 - d) Mais de 5 horas
 - e) Não uso a internet
- 36) Quando estudo e pesquiso na internet, me preocupo em citar as fontes pesquisadas?
- a) Com frequência
 - b) Às vezes
 - c) Raramente
 - d) Não procuro citar as fontes

- 37) As redes sociais devem ser usadas nas escolas como ferramenta de aprendizagem pelos estudantes?
- a) Sempre
 - b) Às vezes
 - c) Nunca
- 38) Os estudantes que não participam de redes sociais têm prejuízo em seus contatos e interações presenciais?
- a) Sim
 - b) Não
 - c) Não sei
- 39) Você sente necessidade de expor sua opinião nas redes sociais?
- a) Com frequência
 - b) Às vezes
 - c) Raramente
 - d) Não sinto necessidade

Caso queira contribuir ainda mais com a pesquisa, solicito que preencha os dados abaixo para que possamos entrar em contato contigo e agendar uma entrevista. Grata!

Nome

completo:.....

E-mail:.....

Telefone para contato:.....

ANEXO 2 – ROTEIRO DA ENTREVISTA

EIXO 1- Perfil econômico e cultural

1- Você se autodefine como uma pessoa de classe popular, média ou da elite econômica? Por quê?

EIXO 2- Experiência internet, processo de estudo e aprendizagem

2- Ao realizar pesquisas na internet se sente perdido? Porque você acha que se sente assim?

3- Para quais disciplinas você utiliza mais a internet como fonte de pesquisa? Descreva como é o estudo deles usando a internet (vídeo, simulados on line).

4- Considera importante expor constantemente sua opinião na internet? Por quê?

5- Quantas horas em média, diariamente, você se dedica para estudar e realizar as tarefas de escola?

6- Nessas horas de dedicação e estudo você faz uso da internet?

7- Você conhece algum(a) colega da sua escola ou de outra escola pública que faz o uso intenso da internet para estudar e aprender? Se sim, como essa pessoa usa a internet para seus estudos?

8- Uma escola que tem equipamentos de informática, acesso a internet para as aulas, professores formados para o uso das tecnologias em sala de aula pode fazer a diferença em termos de estudo e aprendizagem em relação às escolas que não tem nada disso? Por que da sua resposta?

EIXO 3- Modo de investimento pedagógico familiar, habitus familiar.

9- Sua família fez alguma aquisição de computadores ou acesso a internet para seus estudos, sim ou não? Por quê?

10- Existe alguém próximo, família ou amigos, que te auxilia em pesquisas escolares e tarefas de casa com a utilização da internet? Como acontece esse processo?

11- Sua família cobra o seu desempenho escolar? Se sim, como? Se não, por que não cobra?

12- Sua família te monitora para que você utilize a internet só em determinados momentos? Por que você acha que ela age assim?

EIXO 4- Modo de investimento pedagógico escolar, habitus escolar.

14- Professores te orientam com relação ao uso da internet para estudo e aprendizagem, sim ou não? Por quê? Em quais situações?

15- Sua escola fez alguma aquisição de computadores ou acesso a internet para estudo e aprendizagem dos alunos, sim ou não? Se sim, com que frequência você utiliza esses meios?

EIXO 5- Potencial da internet (vantagens)

16- Quais vantagens a internet trás para seus estudos e aprendizagem?

17- Como você acha que a internet pode ser utilizada para melhorar o processo de ensino e aprendizagem?

18- Você tem facebook? Se tem, você usa para tratar de assuntos relacionados a sua escola, aos estudos? Se sim, quais tipos de assuntos?

19- No dia a dia, ao acessar a internet, qual o principal site ou portal ou aplicativo que você utiliza? E por que esse site ou portal ou aplicativo?

20- O que você considera mais interessante na internet?

EIXO 6- Desafios e Limites da internet (dificuldades)

21- Quais dificuldades você encontra ao utilizar a internet em seus estudos?

22- Você acredita que o excesso de informação encontrada na internet pode prejudicar seus estudos e aprendizagem?

23- Você avalia que a pessoa que não tem acesso a internet hoje, tem alguma desvantagem em termos de estudo e aprendizagem em relação a quem não tem e só faz uso de livros impressos e apostilas para estudar? Justifique sua resposta.

24- Se por algum motivo você ficasse um mês sem qualquer tipo de acesso a internet, como se sentiria? Como isso afetaria sua vida?

25- A internet já atrapalhou sua vida? Se sim, como foi isso?

EIXO 7- Outros

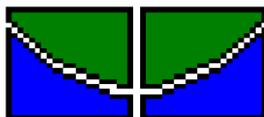
26- Você pretende entrar no nível superior? Qual graduação? Por que esse curso?

27- Você tem alguma outra atividade de estudo e aprendizagem? Curso de línguas ou aula de reforço ou faz cursinho preparatório para o PAS, ENEM ou vestibular?

28- Como você avalia seu desempenho escolar no 3º ano do ensino médio?
Como você está nas avaliações? Recebe algum elogio, ou crítica?

29- Pra você, todas as classes sociais estão em pé de igualdade em relação ao acesso à internet para estudo e aprendizagem?

ANEXO 3 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
 Faculdade de Educação
 Programa de Pós-Graduação em Educação

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Dados de identificação

Título do Projeto: **JOVENS DE CLASSES POPULARES E EXPERIÊNCIAS DO USO DA INTERNET COMO RECURSO DE ESTUDO E APRENDIZAGEM.**

Pesquisadora Responsável: Kalliane Silva Lopes, sob a orientação do Prof. Dr. Carlos Alberto Lopes de Sousa.

Instituição a que pertence a Pesquisadora Responsável: Faculdade de Educação da Universidade de Brasília – UnB.

Senhor

(^a), _____ RG _____,

Órgão Expedidor _____. O Senhor (^a) está sendo convidado (a) a participar do projeto de pesquisa, **JOVENS DE CLASSES POPULARES E EXPERIÊNCIAS DO USO DA INTERNET COMO RECURSO DE ESTUDO E APRENDIZAGEM** de responsabilidade da pesquisadora Kalliane Silva Lopes e seu orientador **Prof. Dr. Carlos Alberto Lopes de Sousa**. Tendo como finalidade analisar as experiências de jovens de classes populares com relação ao uso da internet e as estratégias de investimento da família e da escola com relação aos seus usos, no contexto da desigualdade econômica e cultural.

O Senhor (^a) tem liberdade de se recusar a participar e ainda se recusar a continuar participando em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer prejuízo. Sempre que quiser poderá pedir mais informações sobre a pesquisa através do telefone da pesquisadora (61) XXXXXXXX.

A participação nesta pesquisa não traz complicações legais. Nenhum dos procedimentos usados oferece riscos à sua dignidade. Todas as informações

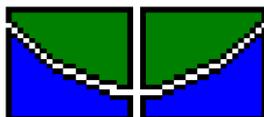
coletadas neste estudo são estritamente confidenciais. Somente a pesquisadora e o orientador terão conhecimento dos dados.

Ao participar desta pesquisa o Senhor (a) não terá nenhum benefício direto. Entretanto, esperamos que este estudo traga informações importantes sobre o tema estudado. A pesquisadora se compromete a divulgar os resultados obtidos. As informações fornecidas pelo senhor (a) serão utilizadas somente para fins de pesquisa e outros trabalhos acadêmicos, inclusive em coautoria ou por outros pesquisadores interessados na temática, garantindo o anonimato do (a) entrevistado (a).

O Senhor (a) não terá nenhum tipo de despesa para participar desta pesquisa, bem como nada será pago por sua participação.

Eu, _____, declaro ter sido informado e concordo em participar, como voluntário, do projeto de pesquisa acima descrito.

Brasília-DF _____ de _____, 2014.

ANEXO 4 – PEDIDO DE AUTORIZAÇÃO NA REGIONAL DE ENSINO

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
Faculdade de Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação

PEDIDO DE AUTORIZAÇÃO

Ao Coordenador Regional de Ensino de Ceilândia

Senhor Coordenador,

Solicito autorização para mestranda KALLIANE SILVA LOPES, regularmente matriculada na Faculdade de Educação da (UnB), e cursando o Mestrado em Educação (2013/2014), sob o eixo: Sociedade, Capital Cultural e TICs; possa desenvolver na escola _____, durante o ano de 2014, atividades de pesquisa de campo que incluem a realização de observação, entrevistas e aplicação questionários, junto a estudantes de ensino médio, referentes ao projeto: “Jovens de classes populares e experiências do uso da internet como recurso de estudo e aprendizagem.” Esclareço que esta pesquisa não traz complicações legais e nem oferece risco a dignidade dos participantes, sendo que todas as informações coletadas preservarão o anonimato dos participantes. Os resultados da pesquisa serão divulgados e de acesso público.

Atenciosamente,

Brasília, 23 de maio de 2014.

Prof. Dr. Carlos Alberto Lopes de Sousa
Orientador
Matricula: _____
FE/UnB